

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

ÉRIKA PIEDADE DA SILVA SANTOS

CORPOS EM TELA, CORPOS-IMAGENS

NITERÓI
2013

ÉRIKA PIEDADE DA SILVA SANTOS

CORPOS EM TELA, CORPOS-IMAGENS

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Instituto de Ciências Humanas e Filosofia da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para a obtenção do Grau de Doutor em Psicologia na área de concentração: Subjetividade e Política.

Orientador: Prof. Dr. Luis Antônio dos Santos Baptista

Niterói
2013

Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Central do Gragoatá

S237 Santos, Erika Piedade da Silva.

Corpos em tela, corpos imagens. / Erika Piedade da Silva Santos.
137 f.

Orientador: Luís Antônio dos Santos Baptista.
Tese (Doutorado) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências
Humanas e Filosofia, Departamento de Psicologia, 2013.

Bibliografia: f. 125-137.

1. Psicologia. 2. Subjetividade. 3. Corpo humano; aspecto psicológico. 4. Cinema. I.
Baptista, Luís Antônio dos Santos.II. Universidade Federal Fluminense. Instituto de
Ciências Humanas e Filosofia. III. Título.

CDD 150

ÉRIKA PIEDADE DA SILVA SANTOS

CORPOS EM TELA, CORPOS-IMAGENS

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Instituto de Ciências Humanas e Filosofia da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para a obtenção do Grau de Doutor em Psicologia na área de concentração: Subjetividade e Política.

Aprovado em

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Luis Antônio dos Santos Baptista – Orientador
Universidade Federal Fluminense

Prof^ª. Dr^ª. Heliana Conde Barros Rodrigues
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Prof^ª. Dr^ª. Lilia Lobo
Universidade Federal Fluminense

Prof. Dr. Pedro Paulo Gastalho de Bicalho
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Marcelo Santana Ferreira
Universidade Federal Fluminense

Aos meus avós e aos meus filhos que, nascidos no
alvorecer de dois séculos diferentes, me ensinaram a
importância da memória...

AGRADECIMENTOS

Ao Luís Antônio – sua elegância, delicadeza e análise precisa atravessaram todo este trabalho. Sem ele esta tese não existiria.

Aos “meninos do grupo”: Diego Flores, Rodrigo Lages, Thiago Régis, Tiago Ricardo e Geraldo Arte, pelo convívio generoso e acolhedor.

À Lília Lobo que, em suas aulas, me ofereceu grande parte do oxigênio necessário nesta atribulada trajetória de doutoramento.

À Heliana Conde, que carinhosamente me incentivou a buscar a harmonia melódica neste texto.

Ao Jorge Coelho, pela presença e importância na constituição do meu pensamento.

Ao Pedro Paulo Bicalho, pelas ideias brilhantes e delicadas na qualificação.

Ao Marcelo Santana, amigo da graduação e presente nesta banca.

Ao querido amigo Eduardo Ponte Brandão (Dudu), pelo convite para assumir algumas aulas de Terapia de Família cujos questionamentos me motivaram ao doutorado.

Aos professores e funcionários da Universidade Cândido Mendes, pelo incentivo e carinho.

Aos meus alunos que me ensinam muito sobre a importância do desaprender...

Ao Rodrigo (Nasre) Ignácio de Luca (meu “Peninha” da sorte), o primeiro interlocutor destas ideias.

Aos meus amigos amados da VIJI de São Gonçalo: meu compadre Lindinho, Roberta, Claudinha, Cristeca, Cássia (por descuido não mencionada antes, mas que é uma amiga querida sempre presente em meu coração), Diodiô, Lug, Marta, Rivovska, Waninha, Priscila, Sulica, Vanvan, Giane, Alice, Renatinho, Bruninha, Jorgitcho, Kátia, Cristiane, Cláudio, Fátima, Fabiano, inesquecível Almada, pela presença, amizade e apoio.

Aos amigos da VIJI de Niterói: Conceição, Cristina, Deni, Eduardo, Elisabeth, Beth, Maísa, Márcia B., Márcia V., Teresa, Regina Z., Fátima, Leandro, Rosânia, Leila, Estefânia, Ângela, Claudecir, André, Bruninha, JR, pelo dia-a-dia que se constrói.

Ao Pedro Henrique pelo reconhecimento e incentivo.

Aos amigos Vanda (Uanda) e Jô, pela amizade, risos e história.

À amiga-irmã Neilza, pelas sugestões valiosas e presença constante desde a graduação.

À amiga Damiana pelos encontros e reencontros, sempre especiais.

Ao meu compadre e amigo Maurílio que assistiu boa parte dos filmes deste texto junto comigo e ao Fábio, pelo interesse e gentileza.

Ao Beto, companheiro de vida. Seu apoio foi fundamental para o equilíbrio das crianças diante da multiplicação (tese-trabalho-casa) materna.

À minha mãe, modelo vivo de fé e alegria no recomeço.

Ao meu pai, que mesmo nos momentos mais difíceis não esmorece e não nos deixa esmorecer.

À tia Vilza e à Maria Clara, pela presença.

À tia Mariinha, pela cultura e exemplo de vida.

Aos meninos e meninas que atendi ao longo destes quase quinze anos como psicóloga no Tribunal de Justiça que, em suas vidas, se recusam a classificações cristalizadas e inventam novos modos de ser todos os dias.

A meus filhos, Maria Júlia (Majú) e Felipe, que me inspiram a invenção de dias bons.

Ao Clauze, por tudo de que me lembro.

RESUMO

A tese problematiza a constituição do corpo como definidor privilegiado da subjetividade nas sociedades atuais e parte da premissa de que as identificações construídas com o corpo, seja como imagem, seja como informação, são paradigmáticas deste momento histórico. Na análise das montagens subjetivas, a escolha do olhar cinematográfico se justifica na consideração de que o cinema se revela um instrumento sensível e receptivo a infinitos mundos em potência, expressando, e, às vezes, antecipando e produzindo, questões que tangenciam a(s) cultura(s). Além disso, como técnica que se utiliza da imagem é um fenômeno importante do processo de espetacularização da cultura que estamos vislumbrando.

Palavras-chave: Psicologia. Produção de Subjetividade. Corpo. Cinema.

ABSTRACT

The thesis discusses the constitution of the body as a defining privileged subjectivity in contemporary societies and the premise that the identifications built with the body, either as an image or as information, are paradigmatic of this historic moment. In the analysis of subjective assemblies, the choice of the cinematic look justified in considering that the film reveals itself as a sensitive instrument responsive to infinite worlds in power, expressing, and sometimes anticipating and producing issues that are tangent to culture. Moreover, as a technique which uses the image is an important phenomenon in the process of the spectacle culture are envisaging.

Key-words: Psychology. Subjectivity Production. Body. Movies.

SUMÁRIO

| | | |
|-----|--|----|
| 1 | ENCONTROS, ESTRANHAMENTOS E ANESTESIAS | 11 |
| 2 | A INVENÇÃO DE HUGO CABRET- imagens sonhadas pela infinito nada... | 18 |
| 2.1 | Imagens circulantes: aceleração urbana e multiplicação imagética..... | 19 |
| 2.2 | Ilusões, desatenção e cotidiano | 20 |
| 2.3 | Primeiro cinema: para além da narração..... | 22 |
| 2.4 | Narrando histórias, construindo subjetividades | 26 |
| 2.5 | Estéticas alternativas no cinema | 29 |
| 2.6 | Novas virtualidades (novos possíveis?): cinema e videogame..... | 31 |
| 2.7 | Ética imagética, ética imaginada | 34 |
| 3 | DEPOIS DE HORAS : inerte mobilidade, vertigens na compressão do espaço e do tempo..... | 38 |
| 3.1 | Humano, necessariamente desestabilizador | 39 |
| 3.2 | O nascimento do “eu interior” | 41 |
| 3.3 | O “eu” que se anuncia: espetáculos de curta duração em um mundo fluido..... | 46 |
| 3.4 | Subjetividades prêt-à-porter ou a arte de ser consumido como “eu” de cada estação | 48 |
| 3.5 | O “eu” que se lembra: ética e memória em um mundo eternamente presente..... | 52 |
| 3.6 | O “eu” que teme: quando encontros se transformam em perseguições..... | 54 |
| 4 | QUEIME DEPOIS DE LER: corpo-imagem ou sobre a arte de ser no parecer.. | 58 |
| 4.1 | Ficções corporais ou sobre o corpo como testemunha da sociedade | 60 |
| 4.2 | O corpo como resto | 61 |
| 4.3 | Semelhanças e correspondências: homem e corpo como um só | 62 |
| 4.4 | O indivíduo e seu rosto: Práticas individualizantes e o impacto na relação corpo..... | 65 |
| 4.5 | Luzes e sombras: imagens e sensações na modernidade | 68 |

| | | |
|------|--|-----|
| 4.6 | Por trás das lentes do espetáculo: a projeção das imagens e a crise das representações..... | 72 |
| 4.7 | Sombras e assombros da imagem..... | 73 |
| 4.8 | Publicidade e sociedade espetacular no pós-guerra..... | 76 |
| 4.9 | Subjetividades virtuais..... | 80 |
| 4.10 | Que importa restarem cinzas se a chama foi bela e alta?..... | 83 |
| 5 | EXISTENZ: corpo-cibernético ou o código informacional do orgânico..... | 87 |
| 5.1 | Do conhecimento das origens ao controle do futuro..... | 89 |
| 5.2 | De parente do chimpanzé a aparentado do chip: o pós-humano cibernético..... | 95 |
| 5.3 | O homem cerebral..... | 99 |
| 5.4 | Gen-te: O genoma como capital humano..... | 109 |
| 5.5 | “As pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas”..... | 116 |
| 6 | DESCONHECIDO: além das memórias de mim...quimeras e outras pessoas que evaporam..... | 119 |
| 6.1 | Pessoa ou quimera?..... | 120 |
| 6.2 | Demolindo, construindo e ressignificando ou como artes da memória podem tornar qualquer um em qualquer outro..... | 121 |
| 6.3 | “Não cabe temer ou esperar, mas buscar novas armas”..... | 123 |
| 7 | REFERÊNCIAS..... | 125 |

“Eu me sentia absorvido (...). Eu não era mais matéria, mas só pensamento, sentimento, meu coração estava emocionado, minha alma votejava no espaço, as lágrimas corriam dos meus olhos, eu chorava. E por que? Eu estava triste, mas ao mesmo tempo feliz, eu sofria, mas esse sofrimento era gozo, uma volúpia celeste, eu me sentia encantado. Minha felicidade era incomensurável e a palavra não consegue exprimi-la.”

(VINCENT-BUFFAULT, 1988)

“Socorro. Não estou sentindo nada. Nem medo. Nem calor. (...) Não vai dar mais pra chorar. Nem pra rir. Socorro. Alguém me dê um coração. Que esse já não bate, nem apanha. Por favor. Uma emoção pequena. (...) Qualquer coisa que se sinta. Tem tantos sentimentos. Deve ter algum que sirva.”

(ANTUNES, 2007)

“Não vá para fora, volte-se para dentro de si mesmo; pois no homem interior mora a verdade.”

(AGOSTINHO, 2008)

“Você, suas alegrias e tristezas, suas lembranças e ambições, seu senso de identidade pessoal e livre arbítrio, não são mais do que o comportamento de um imenso conjunto de células nervosas e suas moléculas associadas. (...) Como diria a Alice, de Lewis Carrol: Você não passa de um baralho de neurônios.”

(HORGAN, 2007)

1 ENCONTROS, ESTRANHAMENTOS E ANESTESIAS

Os ruídos do fim da tarde no campus invadiam a sala de aula onde os alunos inquietos acabavam de assistir ao filme de Werner Herzog, “O Enigma de Kaspar Hause”.

A turma de 1º período de graduação em psicologia, retirada de sua zona de conforto pelo impacto da transmissão da película, desconfiava, perplexamente, da “naturalidade” na formação do “sujeito humano normal” após assistir a história de Kaspar Hause, jovem alemão que, no início do século XIX, foi isolado da sociedade.

Na condução do fio narrativo, a ironia do cineasta às convenções históricas e sociais se tornava evidente através do olhar do protagonista, Kaspar Hause, que apareceu inesperadamente, em 1828, com uma carta explicando ter sido privado do contato humano direto desde o nascimento, tendo sido mantido recluso em um porão até aquela data.

A estranheza que o surgimento do rapaz provocou na sociedade de então foi delicadamente relativizada pelo estranhamento do próprio herói diante dos artifícios religiosos, científicos e culturais com os quais ele se deparava. Através do filme, Herzog propõe, com maestria, o questionamento sobre a validade das práticas “consensuais normais” fora do contexto em que foram construídas.

Naquela longínqua tarde, os estudantes da turma de psicologia começaram a desconfiar da ideia de uma suposta natureza subjetiva, associando a construção do “sujeito” irredutivelmente às práticas culturais.

A partir do dimensionamento de que o sujeito é contingente, sendo produzido por práticas sociais e interesses políticos, na configuração de que o “mundo é o horizonte das identidades”, os futuros “psi” começaram a se interrogar sobre alguns dos possíveis sentidos e desdobramentos de suas produções enquanto profissionais...

Ao escrever, de memória, sobre a experiência vivida em sala de aula durante minha graduação, reflito sobre as diferenças entre as referências subjetivas que eram então vigorantes e os atuais “modelos” de subjetivação que nos atravessam.¹

Daí deriva o questionamento: o que nos incita à psicologia hoje? Que modos de subjetivação atravessam e constituem nesse momento o “humano”²?

¹ O intervalo temporal entre a graduação universitária e a produção do presente texto é de cerca de 20 anos, entre os últimos anos da década de 1980 e o início da década de 2010.

Quais são os “padrões” e “composições” de “sujeito” que se configuram atualmente? Como nos percebemos? Como montamos as concepções de identidade na conjuntura atual?

A própria menção à memória já se revela excelente dado para análise das diferenças que se alargaram nas últimas décadas, sendo a menção às reminiscências mnêmicas algo já bastante datado, em uma sociedade em que as novíssimas discussões dimensionam as memórias como uma “aquisição” que pode ser modulada medicamente, num *continuum* que oscila da estimulação e otimização das capacidades do lembrar até a supressão de vestígios mnêmicos “desagradáveis”, como “culpa, vergonha ou pena”, o que, os cientistas consideram como “inibição e bloqueio de lembranças fortes”. (SIBILIA, 2008; SANTI, 2012)

A ideia de que o passado pode ser reescrito, alterado e que as recordações são plásticas e fluidas se choca frontalmente com a imagem do sujeito interior, que se construía internamente a partir de experiências singulares e indeléveis.

De fato, nas novas fronteiras identitárias, a premissa de Santo Agostinho, de que “no homem interior mora a verdade” (2008, p. 94), perde sentido, pois à antiga “interioridade” vem se contrapondo a proliferação de “extimidades”³, como modelos de personalidades exo-dirigidas, à mostra, superficiais, onde o que se “está”, tem que ser mostrado, sob risco de inexistência.

Na defesa da hipótese de que os últimos vinte anos especialmente contribuíram na construção de um novo paradigma na sociedade capitalista em que estamos imersos, refletimos que as técnicas de valorização e difusão do efêmero vêm sendo estruturantes na complexa interação entre a “sociedade disciplinar e a sociedade-moda”⁴ (LIPOVETSKY, 2004, p. 60), esta última caracterizada pela propagação das técnicas do efêmero, da renovação e da sedução continuadas.

Nesse contexto, o mundo vem se configurando como um cenário, propiciando o protagonismo de novos atores em cena: a mídia, as tecnociências e o mercado.

Ao mesmo tempo em que as mais recentes pesquisas biotecnológicas têm servido como justificativa para a formação de novos paradigmas subjetivos, redefinindo a concepção de “eu” a

² Ao optarmos por apresentar o termo “humano” através de aspas pretendemos problematizar a dimensão contingencial e histórica das subjetividades, fruto de artifícios que são local e temporalmente circunstanciados.

³ Ao discutir a concepção de “extimidades”, Sibilía reflete sobre as alterações na identificação subjetiva, que vem se deslocando do interior, da valorização da “intimidade” (típicas do projeto moderno) para o exterior, onde o espetáculo, a visibilidade e a superficialidade predominam na definição do “eu”.

⁴ Lipovetsky associa a sociedade moda às experiências de consumo de valores, comportamentos e desejos.

partir de seu suporte orgânico, a pulverização de referências familiares, culturais e políticas permite que as identidades se tornem cada vez mais fluidas.

No remetimento à cultura de marketing, na espetacularização de alguns modelos identitários da “moda biotecnológica”, as subjetividades estão cada vez mais “identificadas” às questões genéticas, hormonais, cerebrais, ou seja, com o orgânico em última análise.

Ao mesmo tempo, na construção de lógicas “biossubjetivas” o corpo assume os contornos de um objeto de consumo e status, na marcação de um eu-corpo-objeto entremeado pela lógica consumista.

A associação do consumo a prazer, poder, diversão, compensação, superação, sentido e, ao mesmo tempo, a descartabilidade dos produtos pouco após adquiridos explicitam uma dinâmica em que a experiência de consumir assume importância superior a do uso do produto, sendo o ato da compra a insígnia máxima de um novo modo de estar no mundo.

Nesse sentido, a constante necessidade de “aditivar” o corpo, como “suporte orgânico” associa-se à obsolescência da “imagem” que é construída, o que retroalimenta a ininterrupta reciclagem corporal e subjetiva do capitalismo espetacular.

Assim, “corpos plastificados, siliconados” proliferam, evidenciando a beleza do “artifício”, daquilo que não é “natural”. No fascínio do artificialismo paradoxalmente nos atritamos e nos ancoramos no “corpo” como representante da “natureza”, pois, enquanto a materialidade orgânica é considerada um limite que deve constantemente ser superado, também é referida como a mais próxima “verdade” do que seja “humano”, que cada vez mais é identificado com sua composição química, código genético e funcionamento cerebral.

Na objetualização do corpo, aproximamo-nos do viés da compra e venda que atualmente norteia os comportamentos sociais, identificando o corpo como mais um artefato da indústria, no caso, biotecnológica.

Diversamente da experiência de atenção do sujeito à sua profundidade interior e abissal, que caracterizou o individualismo no século XIX e por parte do século XX, nesse momento constelam-se relacionamentos superficiais do “eu” consigo mesmo, o que pode ser eloqüentemente expresso por condutas como “consumir por estar triste”, “ir ao shopping por estar alegre”, sem que os sentimentos possam ser elaborados em outra perspectiva que não a do consumo.

Michel Lacroix (2006, p. 36) argumenta que o esgarçamento emocional produzido pelas mídias através da hiper exposição às imagens pode ser compreendido como “uma manifestação do individualismo”.

O mesmo autor alude à construção de uma “cultura das emoções” atualmente, mas com estratégias e sentidos muito diferentes da “cultura dos sentimentos”, que vigorou no apogeu da subjetividade introspectiva, pois embora rapidamente nos “emocionemos”, não estabelecemos vínculos sentimentais com as imagens responsáveis pela emoção sentida.

Uma imagem melancólica nos lança em um estado emocional abatido, sem que, contudo, nos impliquemos realmente com o acontecimento que permanece insondável e distante do nosso universo representacional.

Na cultura das sensações e do espetáculo, o mal-estar tende a se situar no campo da performance física ou mental que falha, muito mais do que numa interioridade enigmática que causa estranheza (BEZERRA, 2002, p. 63).

A experiência emocional na hipermodernidade (LIPOVETSKY, 2004) aproxima-se de uma descarga bioquímica, em que determinados estímulos sensoriais provocam reações orgânicas como resposta.

Como contraponto ao problema que nos mobiliza, ou seja, como nos pensamos e reconhecemos enquanto “sujeitos” atualmente, o presente trabalho pretende dimensionar elementos que nos permitam pensar nos discursos culturais formadores do paradigma subjetivo em trâmite.

Para tanto, problematizaremos as transformações sociais que vêm atravessando e ressignificando os modos de vida “centrais” da “supermodernidade”⁵ (AUGÉ, 2010) e como o corpo vem se caracterizando como “centro irradiador de sentido” nesse contexto cultural.

⁵ Os termos supermodernidade ou sobremodernidade são construções do antropólogo Marc Augé para pensar sobre as transformações que constituem o mundo das sociedades democráticas contemporâneas, que viveriam a ideia da modernidade em potência superlativa. Segundo ele, as principais características dessas sociedades são os enormes deslocamentos: de indivíduos, produtos e sentidos. Augé tece uma interessante hipótese sobre a configuração de novos significados para o tempo e o espaço na supermodernidade e, ao mesmo tempo, para o surgimento de novos paradoxos na materialização desses conceitos. Assim, vivemos a aceleração do tempo e, paradoxalmente, sua perenização no presente, ou ainda, a contração do espaço, que permite o deslocamento de uns poucos pela aldeia global, ao mesmo tempo em que enclausura populações inteiras no “mundo-cidade” globalizado.

A escolha do olhar cinematográfico se justifica na consideração de que o cinema se revela um instrumento sensível e receptivo a infinitos mundos em potência, expressando, antecipando e produzindo, questões que tangenciam a(s) cultura(s). Além disso, como técnica que se utiliza da imagem é um fenômeno importante do processo de espetacularização da cultura que estamos vislumbrando.

Assim, selecionaremos alguns filmes com os quais pretendemos ensaiar algumas questões que, acreditamos, estão participando da constituição de novas modalidades subjetivas nesse início do século XXI.

Nas palavras de Garcia e Coimbra (2008, p. 17):

Ao assistir a um filme, estamos em contato com outro mundo. Um mundo que nos restitui nosso próprio mundo, quando nos é ofertada uma parcela de nosso espaço-tempo [...] [cuja expressão] [...] é essencialmente inesgotável.

Afinal, consideramos, como os estudantes que assistiram à projeção do “Enigma de Kaspar Hause”, que o processo de constituição subjetiva é um procedimento de produção de sentidos, no qual cada momento histórico produz infinitas ficções⁶ políticas/científicas/literárias/religiosas nas quais acredita.

A ficção quer-se crível [...], pois apenas assim [...] se compreenderá que a ficção [...] é um tratamento específico do mundo que é inseparável dele mesmo. (COSTA, 2012, p. 49)

Como nosso problema consiste em estabelecer diálogos com as evanescentes narrativas ficcionais subjetivas que nos atravessam no que Marc Augé nomeia como “supermodernidade” (AUGÉ, 2010), as imagens cinematográficas se revelarão como recurso de ênfase frente à idéia de sermos provocados a novas sensibilidades.

⁶ Por narrativa ficcional estamos aludindo ao processo de invenção de valores e concepções sociais, culturais, políticas, econômicas, que contornam e modulam as experiências. Não estamos atrelando o adjetivo ficcional às artes como território expressivo da “ficção” por excelência, mas torcemos a perspectiva para o fato de que qualquer narrativa humana (religiosa, política, científica, etc) não representa a “verdade”, mas apresenta “ficcionalmente” uma versão de mundo.

Na construção dos capítulos, seguiremos inicialmente o fio condutor do filme “A Invenção de Hugo Cabret”, produção de Martin Scorsese (2011), no qual travaremos um breve encontro com a história do cinema e suas possibilidades de conformidade e ruptura com a produção subjetiva hegemônica.

A seguir, dialogaremos com “Depois de Horas”, também de Scorsese, de 1985, a partir do qual pretendemos manter o foco nas transformações espaciais e temporais que vêm afetando os relacionamentos humanos com o advento das tecnologias cibernéticas.

Para pensar sobre “Depois de Horas”, nos apoiaremos nos textos de autores como Giddens, Postman, Sibilia, Foucault, Lipovetsky, Augé para refletirmos sobre a construção de relações diante da alteridade nas últimas décadas.

Na eleição da produção “Queime Depois de Ler”, de Joel e Ethan Coen, de 2008, em contato com Le Breton, Costa, Courtine, Guillebaud, Debord, pensaremos a história da produção de subjetividades corporais, para depois problematizar especificamente as dimensões do corpo como imagem na espetacularização física.

Na aliança com autores como Ortega e Vidal e através da análise de artigos de revistas especializadas em psicologia e neurociências, escolhemos o filme “eXistenZ”, de David Cronenberg, de 1999, para refletirmos sobre a ideia da codificação informacional do corpo, do corpo como repertório genético e das metáforas que estão sendo construídas nesse sentido, valorizando a constituição do corpo como informação.

Finalmente, escolhemos “Desconhecido”, de Jaume Collet (2011), onde refletiremos sobre o impacto da memória na construção/desconstrução de si.

Enfim, na sequência do texto pretendemos maximizar as tensões diante de dois modelos de produções subjetivas na era do “culto ao corpo”: o “eu-corpo” como imagem e o “eu-corpo” como informação...

“Não cabe temer ou esperar, mas buscar novas armas.” (DELEUZE, 1992, p. 220)

“Ser (...) o olho que transforma o muro em nuvem. Apoiar-se sobre o que há de mais leve, as nuvens e o vento, e dirigir o olhar para aquilo que só se pode revelar por uma visão indireta.”(PEIXOTO, 2003, p. 28)

“A visão constitui o laço vivo entre nós e o mundo, entre nós e os outros, e, por isso, olhar tem a capacidade de pôr em questão toda a realidade. (...) É da natureza do olhar querer mais do que querer e ser visto: ele quer e pode fazer ver.” (NOVAES, 2005, p. 160-161)

*“O filme serve para exercitar o homem nas novas percepções e reações exigidas por um aparelho técnico cujo papel cresce cada vez mais em sua vida cotidiana.”
(BENJAMIN, 1996, p. 174)*

2 A INVENÇÃO DE HUGO CABRET : imagens sonhadas pela infinito nada

O diretor Martin Scorsese nos convida a embarcar em uma encantadora fábula sobre o poder transformador do olhar, declarando seu amor ao cinema e à história em “A Invenção de Hugo Cabret” (2011).

No filme que poetiza a vida do cineasta Georges Méliès, conhecemos Hugo, um menino que vivia com o pai em uma pequena relojoaria francesa, na qual se propunham a consertar uma antiga invenção usada em truques de magia, um autômato que escrevia, quando o pai morreu em um incêndio.

Diante dessa reviravolta, o menino é levado por seu tio para viver na estação parisiense de trens Montparnasse, trabalhando na manutenção dos relógios do lugar.

A importância da tarefa de dar pontualidade aos relógios é invisibilizada pelo esquecimento, há tempos, de quem é o responsável por este trabalho.

Hugo circula entre os espaços da estação, imperceptível para os transeuntes _que deambulam aceleradamente à busca dos trens_, muito embora, em sua tarefa de dar corda nos relógios, o menino tenha tempo de olhar, com curiosidade e espanto, para todos.

Motivado pelo sonho de consertar o autômato, Hugo é imediatamente atraído pelos brinquedos do artesão Georges Méliès _ cujos componentes mecânicos planeja aproveitar no boneco_, mas é pego em flagrante na ilusão arquitetada por Méliès que finge não ver que é visto, mas captura o menino no instante em que revida ao seu olhar.

Desde então o confronto entre eles se inicia, pois Hugo se empenha em projetar novos possíveis, resgatando o que viveu com seu pai, enquanto Méliès nega o que foi por ele vivido, fechando também os olhos a novas fantasias, principalmente aquelas trazidas pelo cinema.

A tensão se exacerba quando Hugo descobre que Méliès é um famoso mágico e cineasta, que encantou as platéias alguns anos antes, mas que se empenha em esquecer o que aconteceu.

A luz que ilumina a formação de laços entre o menino e o velho permite que os filmes de Méliès sejam lembrados, e que novos afetos sejam construídos.

A magia do encontro entre os dois dá novo sentido à passagem do tempo, pois, tanto o tique-taque nervoso dos relógios quanto a tristeza do luto são extrapolados pelo tempo fantástico e ilusório do cinema.

O cinema, definido como arte que enxerga os sonhos ao meio dia, depende de alianças construídas com o público, e este é conclamado por Méliès no final da película:

“_ Dirijo-me a vocês como são na realidade: magos, bruxas e sereias! Venham sonhar comigo!”

Na mágica narrativa de Hugo Cabret, a “Infinito Nada”, produtora cinematográfica responsável pelo filme, nos incita a refletir sobre o poder dos encontros e da capacidade criadora presente nas ações humanas. Hugo Cabret inventa um agir ético e impaciente na liberdade de nomear o inédito e de desfamiliarizar o já conhecido...

2.1 Imagens circulantes: aceleração urbana e multiplicação imagética

Tradicionalmente se considera que a invenção do cinema nos fins do século XIX representa um marco delimitador para a constituição de uma era de supremacia da imagem na concepção do mundo e da subjetividade.

Todavia, a inversão do foco também é possível, ou seja, podemos considerar justamente que as mudanças na estrutura da experiência, advindas com o bombardeio de estímulos da modernidade, tenha iniciado uma etapa de valorização social da imagem, que passa a ser explorada à exaustão em cartazes, jornais, folhetins, fotografias, cinema, enfim, na consolidação da idéia de que a vida moderna era um espetáculo.

O modo pelo qual se organiza a percepção humana, o meio em que ela se dá, não é apenas condicionado naturalmente, mas também historicamente. [...] A preponderância absoluta conferida ao valor de exposição [das obras] atribui-lhes funções inteiramente novas. (BENJAMIN, 1996, p. 169 e 173)

O aumento da população nas cidades, a intensificação do comércio, a maior densidade e complexificação do trânsito urbano proporcionaram radicais transformações sensoriais nos habitantes daqueles espaços.

A base psicológica do tipo metropolitano de individualidade consiste na intensificação de estímulos nervosos [...], a rápida convergência de imagens em mudança, a descontinuidade aguda contida na apreensão com uma única vista

de olhos e o inesperado de impressões súbitas: tais são as condições psicológicas que a metrópole cria. (SIMMEL, 1979, p. 12)

Nesse contexto, o cinema emerge como componente da cultura espetacular e consumista que se difundiu através de diversas exposições mundiais, parques, vaudevilles, museus de cera, necrotérios, folhetins, cartazes, enfim, na proliferação do ciclo de velocidade, efemeridade e obsolescência que caracterizou a vida nas metrópoles modernas.

Considerando possíveis atravessamentos éticos da cultura midiática no processo de formação subjetiva, buscaremos especialmente refletir sobre os pontos de convergência e tensionamento existentes entre as experiências produzidas pelas novas mídias tanto nos fins do século XIX, quanto nos fins do XX e neste início do século XXI.

2.2 Ilusões, desatenção e cotidiano

Na análise dos filmes e práticas fílmicas emergentes entre 1894 e 1908, novos estudos (COSTA, 2008) vêm avaliando que aquelas imagens expressam processos subjetivos e sociais específicos da época, e que se configuraram diferentes no cinema posterior. Por exemplo, o regime de atrações visuais em que o primeiro cinema se insere utilizava técnicas ilusionistas no simulacro de viagens no tempo e espaço, então chamadas de espetáculos totais ou ultrarrealistas, dentre as quais o próprio cinema se incluía. Logo, em seus primórdios, o cinema não era considerado como atração autônoma, mas como um representante daquele tipo de empreendimento.

Dentre as experiências ultrarrealistas que o primeiro cinema proporcionou destaca-se a simulação de experiências, principalmente de aceleração da velocidade em viagens de navios, de trens, de balão, como os shows dos “Hale’s Tours” que:

[usavam] um vagão artificial de trem que ficava estacionário, enquanto numa grande tela à frente eram projetadas imagens de cinema, filmadas a partir da frente de um trem em movimento. [...] O vagão era sacudido, o trem apitava, as rodas faziam barulho, ventava. [...] Muita gente teve seu primeiro contato com o cinema através dos Hale’s Tours. E também seu primeiro contato (ainda que não exatamente real) com a experiência (cara) de andar de trem. (COSTA, 2008, p. 30)

A importância das simulações pode ser articulada ao apelo por sensações que irrompeu no período, mas também pode ter se revelado uma estratégia valiosa de modelagem da atenção através da distração.

De fato, pensamos que a saturação de informações sensoriais nas cidades, indústrias e variadas formas de convívio social impactou sobremaneira as formas perceptivas dos indivíduos, e favoreceu o surgimento de estudos sobre a psicologia da atenção e percepção naquela época.

Paradoxalmente, no mesmo período em que a pulverização de estímulos facilitava a distração, as exigências disciplinares por atenção se elevaram significativamente, e as simulações também puderam ser utilizadas na regulação da percepção, modulando simultaneamente a vigilância e a desatenção.

Emergentes desse contexto em que as referências se multiplicavam e contradiziam, os primeiros curtas expressaram especial fascínio pela representação do cotidiano.

Na verdade, os curtas, tais como os textos e ilustrações da literatura panorâmica que se disseminaram na sociedade francesa da época, revelaram-se como estratégias de apreensão do dia-a-dia típico daquele momento.

Os textos panorâmicos consistiam em publicações que descreviam o cotidiano parisiense de metade do século XIX. Tais coletâneas, compiladas sob um tema central, como “Os franceses por eles mesmos”, reuniam contribuições de autores diversos, em variadas formas narrativas que focalizavam os costumes sociais diários (COHEN, 2004, p. 259-261).

Cohen (2004, p. 269-272) considera que as coleções de textos panorâmicos anteciparam descrições e classificações panópticas de pessoas, lugares, comportamentos e memórias, mas também permitiram, pela convivência entre vários pontos de vista autorais, que houvesse baixa estabilidade referencial naquelas práticas narrativas, o que a autora nomeou como “transgressão de categorias” (COHEN, 2004, p. 270-272), sugerindo que aquele estilo não se submeteu a regras rígidas definidoras de categorias literárias.

O leitor [deveria] tomar suas próprias decisões quanto a critérios seletivos em meio à anarquia representacional, a respeito de como lidar com textos, cujos códigos e pretensões referenciais apresentam enormes diferenças, e de que modo ler nas entrelinhas desses códigos para alcançar a realidade que representa[va]m. [...] A transgressão categórica [...] [ocorria, por exemplo] na

justaposição de textos divergentes sobre o mesmo assunto, às vezes pelo mesmo autor. (COHEN, 2004, p. 269)

As descontinuidades evidentes na literatura panorâmica guardam estreita relação com os choques sensoriais a que eram submetidos os habitantes das metrópoles modernas, mas nos interessa especificamente pela possibilidade de lançar luz sobre como o cinema mobilizava experiências naquele período...

2.3 Primeiro cinema: para além da narração

As primeiras projeções das “imagens em movimento” não ocorreram apenas em telas para um grande número de pessoas (COSTA, 2008, p. 36), mas eram comuns em pequenas máquinas de exibição individual, como os quinetoscópios e mutoscópios⁷.

[As] pequeninas e bruxuleantes imagens mostradas pelos quinetoscópios [...] conseguiram arrecadar muito mais dinheiro que outras atrações óticas do período. [...] O sucesso econômico do quinetoscópio é que explica o início do cinema, já que evidenciava a viabilidade comercial deste tipo de diversão. (COSTA, 2008, p. 38-39)

Já as exibições públicas de filmes ocorriam em meio a feiras, circos, shows de ilusionismo, parques de diversões, cafés, vaudevilles e outros lugares em que se apresentassem espetáculos de variedades.

Uma sessão típica de vaudeville [...] podia incluir um ato de acrobacia de animais, uma comédia pastelão filmada, uma declamação de poesia, um tenor irlandês, placas de lanterna mágica sobre a África selvagem, um time de acrobatas europeus e um pequeno número dramático de vinte minutos encenado por um casal de estrelas da Broadway. (ALLEN, 2008, p. 43)

⁷ Nestes aparelhos de exibição individualizada de imagens as pessoas assistiam, mediante a introdução de uma moeda, a tiras de filmes de lutas de boxe, dançarinas, cenas eróticas, esquetes cômicos, entre outros.

Emergentes desse contexto de pequenas atrações, em que deveriam se encaixar às programações dos diversos espetáculos de variedades em que eram exibidos, os primeiros filmes tinham, como principal traço constitutivo, o seu aspecto não narrativo, ou seja, a filmagem de sequências de mostraçã de atrações, de exibição de maravilhas, que não necessariamente tinham algum sentido narrativo.

Assim, o primeiro cinema era composto basicamente por vários planos autônomos, que podiam, inclusive, ser contados em sequências livremente escolhidas pelos operadores dos cinematógrafos (COSTA, 2008, p. 46). Naquelas condições, cada exibição era um acontecimento singular, já que o mesmo filme poderia ser mostrado de formas totalmente diferentes, seja pela escolha de sequências, duração de planos ou aceleração de ritmos que alteravam o resultado final.

O cinema de atrações parece se inclinar para um processo de estupefação com a realidade que, compensando a perda de referências estáveis vivida pelos habitantes das metrópoles modernas, poderia levá-los a se questionar sobre o esvaziamento crescente da realidade compartilhada.

No apelo ao “maravilhamento” do espectador, muitos filmes exibiam constantemente cenas documentárias misturadas às encenações de acontecimentos recentes: as “atualidades reconstituídas”. Nessa mistura de referências, alguns autores vêm considerando (GUNNING, 1996, p. 39) que o cinema nasce da confusão entre formas hiperrealistas de representação que se disseminaram no século XIX (como a fotografia e os museus de cera) e antigas tradições mágicas e assombrosas (como as projeções das lanternas mágicas).

Em meio a inúmeras práticas de valorização da visão, o primeiro cinema parece questionar a experiência da visibilidade como natural. O exibicionismo nas performances dos atores, que abertamente olhavam para a câmera, deixavam clara a presença dos espectadores, implicando a plateia na cena. O ator que encara a câmera declara o paradoxo do sujeito que vê, mas que também se sabe objeto visível nas práticas modernas.

Podemos pensar que a ousadia da experiência exibicionista dos primeiros filmes estava em consonância com os posicionamentos mais ativos assumidos pelo público que os assistia, e de fato, o primeiro cinema ocorria em espaços mais livres, frequentados principalmente pelas classes operárias, que exercitavam, nesses lugares, modos de ser mais liberalizados.

Em certo sentido, as produções desse primeiro cinema não narrativo parecem apontar para um espanto e estranhamento que interpelavam a plateia e demandavam sua presença e

intervenção. O olhar nos olhos dos espectadores, típico do exibicionismo daqueles filmes, sacudia a passividade do espectador, incitando-o à atividade e presença. As posturas exibicionistas também denunciam a opacidade da experiência cinematográfica, já que o cinema, além de apresentar as imagens filmadas, também representa uma visão de mundo através de suas cenas.

Diversamente do cinema clássico, imperante entre as décadas de 1910 e 1950, os primeiros curtas não se propunham à reprodução/reconstrução da realidade pela narrativa, mas provocavam nitidamente a interação com o público frente às novas experiências trazidas pelas imagens em movimento. Através de estratégias de agenciamento abertas, o primeiro cinema pode ser pensado como um sistema maleável de trocas provisórias entre os vários campos de visão que atravessam o filme, entre eles o do próprio espectador. (MACHADO, 1996, p. 178)

Há um aspecto do primeiro cinema [...] que representa esta relação diferente que o cinema de atrações constrói com o espectador: as frequentes olhadas que os atores dão na direção da câmera, [...] dos comediantes que interpelam a câmera à gestualidade afetada e reverente dos prestidigitadores nos filmes de mágica, este é um cinema que mostra sua própria visibilidade, disposto a romper o mundo ficcional autossuficiente e tentar chamar a atenção do espectador (GUNNING, 2008, p. 30).

Tais atitudes também podem estar relacionadas à maior compreensão da passagem do tempo, que, como outras invenções, o advento do instantâneo fotográfico revela, pois, ao mesmo tempo em que a fotografia eterniza o instante, igualmente torna clara a morte do flagrante capturado (COSTA, 2008, p. 31).

Na verdade, a sobrecarga de experiências proporcionadas pelo cotidiano no século XIX permitiu claramente que o tempo assumisse nova visibilidade, seja pela percepção da aceleração de velocidade dos meios de transporte, pelo incremento dos meios de comunicação em massa, pelas exigências de aumento de produtividade na indústria, ou ainda pelo registro fotográfico.

Em eco à ideia de que a avalanche de estímulos e distrações trazidas pelas sociedades modernas transfigurou as concepções de temporalidade até então hegemônicas, alguns pensadores discutem que o homem moderno progressivamente assistiu ao esvaziamento do presente como experiência, pois, frente ao excesso de fluxos, deslocamentos e mudanças, a

consciência do instante vivido e sua sensação passaram a não habitar o mesmo momento (CHARNEY, 2004, p. 319)

Por exemplo, a expressão “estar perdido” foi usada por Heidegger (CHARNEY, 2004, p. 320) para registrar a experiência de alienação das pessoas do tempo em que estavam vivendo, sua consciência da perda do presente na modernidade. Frente à concepção de que qualquer reconhecimento cognitivo da presença só seria possível depois que o presente se tornasse passado, o homem moderno se veria lançado à consciência lacunar da experiência, ou seja, à idéia de que a experiência seria vivida ou reconhecida, sendo impossível a coexistência das duas formas de atenção.

Em resposta à concepção do esvaziamento do presente, Benjamin pensou na intensidade como estratégia de redenção do instante experiencial. Através do choque haveria a possibilidade de resgate da experiência sensorial pela intensidade do vivido.

Experimentar o choque era experimentar um instante. [...] O choque empurrava o sujeito moderno para o reconhecimento tangível da presença no presente. [...] A presença presente do instante pode ocorrer somente na sensação e como sensação. (CHARNEY, 2004, p. 324)

Como um “flash de luz”, a intensidade permitiria o instante da presença, mas já que a percepção seria sempre fragmentária e fugaz, a montagem se configuraria como o método mais adequado para pensá-la, sendo o cinema o procedimento mais representativo das práticas de vida moderna.

O cinema é a forma de arte que corresponde à vida cada vez mais perigosa, destinada ao homem de hoje. [...] O cinema equivale a metamorfoses profundas no aparelho perceptivo, aquelas mesmas que vivem atualmente, no curso de uma existência privada, o primeiro transeunte surgido numa rua de grande cidade e, no curso da história, qualquer cidadão de um Estado contemporâneo. (BENJAMIN, 1996, p. 192)

Se o cinema representa como nenhuma outra arte a experiência temporal moderna, os primeiros filmes expressam a consciência do instante perdido com maior nitidez do que as produções cinematográficas posteriores, nas quais a narração funciona como um conforto

psicológico que atenua a perda do instante, criando a sensação de duração perpétua, repetível e imortal (COSTA, 2008, p. 32).

Cohen (2008, p. 280) hipotetiza que a imagem se caracterizou como bem mais valioso do campo simbólico na modernidade, pois estabeleceria um padrão comum para unificar o caos discursivo moderno. Assim, as imagens do primeiro cinema dialogam com o espectador sobre os momentos que estavam sendo vividos, seja através da exposição de múltiplas narrativas (como as presentes na justaposição de vários filmes em um só programa), seja pela instabilidade de referências que implodiam os padrões esperados: postes dançarinos, bactérias animadas, enfim, nas subversões que poderiam se tornar presentes em quaisquer momentos cinematográficos.

O cinema de atrações, baseando-se na intenção de, tão somente, mostrar algo, paradoxalmente permite que a imagem se torne reveladora de si mesma. Cineastas como Méliès, que se recusam a assumir posicionamentos em que a ficção se desenrole de forma automática, ou seja, posicionamentos diegéticos⁸, utilizam o potencial desestabilizador da imagem como elemento de multiplicação dos fluxos daquele período. A primeira geração de cineastas parecia estar mais próxima do “cinema como cachoeira: movimento que se movimenta todo o tempo” (MAURO, 1996, p. 220).

2.4 Narrando histórias, construindo subjetividades

De forma distinta dos filmes produzidos até 1908, Costa (2008, p. 32) analisa que o cinema hegemônico a partir da segunda década do século XX, se constituiu eminentemente narrativo, onde a ficção passou a se constituir autônoma, construindo enredos que se desenrolavam diegeticamente, ou seja, de maneira aparentemente automática, como se fossem reais e excluindo o espectador do tempo e espaço no qual os personagens transitavam.

A crescente narratividade parece ter se articulado à criação, em 1908, de um órgão de autorregulamentação dos filmes, a Motion Pictures Patents Company, que por sua vez expressava os interesses de grupos defensores da moralidade, preocupados em incorporar as classes médias na assistência aos filmes, trazendo os valores cultivados pelas camadas burguesas para os filmes.

⁸ Diegese é o termo que designa o ambiente ficcional autônomo em que a história está sendo narrada. A suposta realidade do enredo se sobrepõe à existência dos espectadores, que não são convidados a participar da história. Quanto mais intensa for a sensação de realidade do acontecimento ficcional, maior é a impressão diegética da narrativa.

A gradual domesticação na representação e exibição das imagens fílmicas, expressa pela narração, também representava objetivos comerciais, pois a indústria do cinema passou a defender o aumento do preço dos ingressos e dos aluguéis dos filmes, buscando atrair as pessoas com maior poder aquisitivo para aqueles espaços.

Para conseguir maior respeitabilidade social, os filmes se aproximaram das tradições burguesas de representação, multiplicando as adaptações de romances, peças teatrais e poemas para as telas de cinema. Dentre as características do cinema narrativo destaca-se a linearidade das narrativas em longas metragens, o surgimento das motivações psicológicas individuais nos protagonistas, o uso da aproximação da câmera para definir o ponto de vista subjetivo das personagens, procurando dar aos filmes uma nova legibilidade, que expressasse a moralidade e a psicologia que as classes médias queriam difundir socialmente (COSTA, 2008, p. 64).

Apesar da preocupação evidente com a moralização dos discursos e com a função social do espetáculo, as estratégias fílmicas se verificaram distintas ao longo das décadas e Ismail Xavier (XAVIER, 1996, p. 247-266) atenta para as diferenças existentes, por exemplo, entre enredos moralizadores de cineastas como Griffith e o cinema atravessado por referenciais psicológicos e psicanalíticos, como o de Hitchcock.

Para Xavier, por exemplo, a produção de Griffith, “A Reforma de um Bêbado” (1909) identifica pedagogicamente a plateia do cinema ao protagonista do filme, que, alcoólatra inveterado, agressor da mulher, regenera seu comportamento após assistir a um espetáculo teatral. O poder transformador do cinema, pela tomada de consciência/espelhamento entre o espectador e o protagonista se revelou estratégia largamente utilizada para legitimar o cinema como força moral disciplinadora, em consonância com os interesses discursivos dominantes.

Por exemplo, na comédia romântica “Jejum de Amor” (1940), Howard Hawks, destaca a importância da vocação e do trabalho na vida das pessoas. A crença nas ações laborativas, define e dá sentido ao que as personagens vivem. Em contrapartida, as motivações assumem um caráter fortemente individualista, pois a realização profissional é articulada à satisfação pessoal dos personagens, não tendo nenhum tipo de ligação ou compromisso com o outro ou o bem comum.

Xavier atenta que, na produção cinematográfica clássica de Hollywood, os caminhos de colocação dos problemas morais e a solução daquelas questões, foram modificados com a introdução de argumentos psicológicos e psicanalíticos no pós 2ª Guerra Mundial. A vulgarização da psicanálise, bastante difundida pelo cinema, permitiu que as ideias de Freud se tornassem item

da cultura de massa americana (XAVIER, 1996, p. 261), o que alterou os perfis dos protagonistas, bem como o próprio enquadramento e estrutura cenográfica dos filmes.

Para Xavier, em “Janela Indiscreta” (1954), Hitchcock canaliza a violência, libera fantasias e regula impulsos dos espectadores através da identificação com a personagem Jeff, fotógrafo imobilizado pela fratura da perna, que assiste (como a um filme) a um possível assassinato de sua janela.

A cena é importante não porque traga o exemplo regenerador, mas, exatamente, porque oferece a ocasião para o prazer do crime, só que num plano simbólico. [...] A metáfora de Hitchcock [alude] à experiência do cinema [...] como espécie de ritual moderno pelo qual, como espectadores, cumprimos um ciclo de transgressão, mergulhamos no espaço onde comanda o desejo, para retornar ao mundo prático e à convivência cotidiana “liberados” das pressões inevitáveis das pulsões que ameaçam o tecido social e prenunciam o crime. [...] Quando digo que ‘Jeff se convence’ [do crime] estou simplificando, pois o jogo é mais complexo, Jeff deseja o crime. (XAVIER, 1996, p. 263-264)

Diversamente das estratégias exibicionistas dos primeiros filmes, o cinema narrativo pode ser compreendido como *voyerista*, na medida em que constrói a ficção de que assistimos aqueles que não se sabem olhados, quando de fato esta estratégia funciona para apaziguar as marcas de enunciação do discurso, pacificando o artifício das imagens pela impressão de que elas são reais.

No decorrer da primeira metade do século XX, a grande indústria do cinema unificou o público, treinando as pessoas para ver os filmes em um determinado formato, estabelecendo convenções e regras precisas para o espaço e tempo da projeção.

No processo tradicional, industrial, de condução dos filmes, a montagem tende realmente a conduzir a emoção e a crítica do espectador em relação aos acontecimentos do filme. Quando o espectador encontra em qualquer filme matéria de especulação, de dúvida, muitas vezes reage com irritação, e, em consequência, há um rompimento de comunicação. (ANDRADE, 1996, p. 227)

O cinema narrativo culmina por alienar o público do sentido final da obra, pois, apesar, da identificação do espectador com as emoções dos personagens, sua adesão ao enredo é puramente contemplativa.

Como o sentido da ação é pré-determinado, a plateia se acomoda passivamente à espera da reificação dos finais felizes para os heróis e castigos moralizantes para os vilões. Assim, a narração fílmica clássica aposta na ordenação de elementos que forçosamente conduzirão a conclusões previsíveis, difundindo padrões de comportamento como modelares.

Consoante Ribeiro (2005, pp. 129-143), o individualismo norte-americano foi imposto de maneira totalitária pelos meios de comunicação de massa principalmente até o pós 2ª Guerra, especialmente pelo cinema e pela televisão, na assunção de um “complexo industrial-militar”:

Lembremos a distinção [...] entre totalitarismo e [...] ditadura ou autoritarismo: [enquanto a ditadura controla] a vida social de fora para dentro, reprimindo, tutelando; [...] o princípio totalitário [...] [muda] a vida social por inteiro, por dentro, não deixando nada fora do alcance do Estado [...] Os Estados Unidos daquele tempo mal toleravam divergências, [marcando] os corações de todo um povo com os mesmos desejos e repulsas. (RIBEIRO, 2005, p.130)

2.5 Estéticas alternativas no cinema

Os anos de 1920 a 1950 podem ser compreendidos como a era do apogeu do cinema como veículo de massa internacional (HOBSBAWN, 2011, p. 193) e este período teve enorme importância na produção e modelagem de comportamentos e ideais estéticos no público. Entretanto, muito embora a ideologia comercial fosse dominante nas produções cinematográficas, podemos identificar alternativas ao modelo hegemônico na produção cinematográfica produzida, inclusive, a partir da segunda década do século XX.

Assim, mesmo no apogeu do cinema clássico, é possível encontrar alguns traços disruptivos à racionalização modernista, típica da produção cinematográfica comercial. Kracauer, por exemplo, identifica possibilidades de desterritorializações sociais e sexuais já no cinema dos anos de 1920:

[...] Uma manifestação sensual do comportamento coletivo, uma visão – ou miragem- de igualdade, cooperação e solidariedade, [...] uma visão de mobilidade entre os gêneros, talvez próxima de forma precária, de um recuo em relação à sexualidade [...] [que] comunica o breve vislumbre de uma

organização diferente das relações sociais entre os gêneros (HANSEN, 2004, p.416).

Kracauer considerou, por exemplo, que as comédias pastelão funcionaram como um antídoto popular produzido pelo “americanismo” contra o próprio sistema. Analisou que a comédia focalizava a sobreposição do mundo mecânico e da vida, revolucionando a ordem estabelecida pelo regime econômico em destruições anárquicas, tumultos e imitações.

Temos que reconhecer: com os filmes pastelão, os americanos criaram uma forma que serve de contrapeso à sua realidade. Se [...] eles sujeitam o mundo a uma disciplina muitas vezes insuportável, o cinema, por sua vez, desmantela essa ordem impositiva de modo bastante contundente. (KRACAUER, 2004, p. 418)

Para Kracauer, Chaplin encenava uma visão em que as relações habituais teriam sido estilhaçadas, surgindo a partir daí, uma série de alternativas possíveis. O vagabundo representaria o encanto da humanidade com sua disposição para transformar a realidade através ação, mas seus filmes também conduzem ao reconhecimento invariável de que as coisas não se modificam e que o mundo continua igual.

Também percebendo na personagem de Chaplin a crítica social, assim se expressou Vinicius de Moraes:

Carlitos é o antigrã-fino. [...] Sua elegância é um fruto de seu grande sentimento de comunicação com o mundo que o maltrata, mas que ele ama. [...] O olhar final de Carlitos [...] é também uma mensagem, de que a vida não termina ali, de que ela segue sempre seu doloroso curso, com o sonho e a realidade eternamente abraçados, a aumentar a perplexidade dos homens. (MORAES, 1991, p. 284-285)

Também apostando em outras formas de se pensar o cinema (WOLLEN, 1996, p. 71-85; AVELLAR, 1996, p. 217-243), gerações de cineastas investiram explicitamente em projetos expressivos, em que o anticonformismo e a anarquia das imagens permitissem que as criações cinematográficas desalojassem o espectador de sua zona de conforto. Orson Welles, Jean Renoir,

Roberto Rossellini, Glauber Rocha, Cacá Diegues, Federico Fellini, dentre outros, representam algumas destas iniciativas.

No Brasil, especificamente, o cinema produzido na década de 1960, investiu em uma dramaturgia mais realista, que se difundiu com o lema “uma ideia na cabeça e uma câmera na mão”. A intenção era de inventar um cinema abertamente interpretativo do mundo, desmontando a pretensão falaciosa do cinema como processo que apenas descrevia ou representava os acontecimentos:

A câmera que descentraliza, desenquadra, substitui o olhar firme de quem sabe bem o que vê por uma visão menos segura de si, mais aberta, dinâmica, mais contraditória, investigadora, bota na tela um desafio para o olho [...], expressa a vontade de discutir o cinema e o país, nervosa e urgentemente, convida o espectador a se transformar num autor. (AVELLAR, 1996, p. 235)

O uso de cenários naturais, a iluminação direta, a liberdade de improviso e movimentação do ator em cena, conferem ao Cinema Novo brasileiro um caráter documental com imagens não encenadas, e refletem a vontade de tornar a experiência cinematográfica um espaço crítico, de tensão e atenção.

O Cinema Novo investia no imediatamente visível como ponto de origem para uma imagem-ideia, no que se aproxima de algumas imagens produzidas pelo primeiro cinema (AVELLAR, 1996, p. 241)

Ambas as experiências acabam permitindo maior liberdade do olhar no cinema. Nos filmes mudos através da montagem de muitas visões parciais, do encavalamento das cenas, da alteração dos ritmos e das sequências pelo exibidor. No Cinema Novo através da aposta no incômodo da visão, nas cenas tremidas e imperfeitas que produzem um cinema mais reflexão do que reflexo. Nos dois casos, no aprendizado de que a “tela é um lugar sem limites feito para o voo livre do olhar”. (AVELLAR, 1996, p. 242)

2.6 Novas virtualidades (novos possíveis?): cinema e videogame

Vimos pensando como o cinema, desde seus primórdios, sempre dialogou e foi influenciado pelas formas de expressão presentes no cotidiano cultural. Assim, a literatura panorâmica, o vaudeville ou o teatro impactaram, cada qual de sua maneira, produções cinematográficas ao longo do tempo. Recentemente, podemos identificar algumas alterações trazidas ao campo cinematográfico pelas novíssimas tecnologias eletrônicas.

A proliferação da informática e da computação eletrônica vem impulsionando mudanças radicais na própria forma de conceber o cinema, que afetam desde a produção dos filmes, passam pelas novas relações estabelecidas com o público, e repercutem também em transformações do imaginário social.

Enquanto o cinema clássico investiu maciçamente sobre a estrutura narrativa na consolidação de um certo tipo de protagonista: individualizado, trabalhador, defensor de ideais familiares, políticos e morais consonantes com a ideologia hegemônica, podemos pensar que o cinema que emerge na era pós-eletrônica também elege alguns elementos na apresentação de seus protagonistas.

Assim, sequências de cenas de ação ininterruptas, aceleração do ritmo e da temporalidade, ausência ou desprestígio dos diálogos, multiplicação de sofisticadas imagens virtuais, protagonistas que exibem performances físicas sobre-humanas e que resolvem, de forma individualizada e solitária, quaisquer problemas no mundo, são alguns dos componentes presentes no cinema pós-informático que o aproximam dos games eletrônicos e dos links computacionais. Destaque-se a importância das performances físicas/corporais nos modelos que estão sendo difundidos por este tipo de produção cinematográfica.

Na verdade, destaca-se a ideia do cinema *interativo* como padrão a ser buscado através das novas tecnologias e narrativas. Assim, verificamos que, desde a imersão do público no cinema 3D, até a interação com as imagens através de roupas com sensores eletrônicos, estão sendo elaboradas estratégias para que a plateia tenha a *sensação* de participar diretamente do filme/realidade virtual (MACHADO, 1996, p. 164).

Verificamos, nesse ponto, um sério paradoxo, pois, muito embora, o cinema interativo prometa potencializar a experiência do espectador pela identificação direta com o protagonista, o cinema “interativo” na verdade pode totalitarizar o discurso que atravessa a plateia, levando-a a

conceber como natural a narrativa do protagonista, que expressa de fato o ponto de vista do estúdio cinematográfico.

O uso extensivo e exclusivo da câmera subjetiva, ou seja, da câmera que mimetiza o ponto de vista do espectador fazendo com que ele se sinta o próprio protagonista, minimiza o estranhamento e crítica que poderiam emergir na plateia.

Além disso, a unificação do ponto de vista narrativo enfatiza a importância do indivíduo, na medida em que não se apresenta outro olhar que explicita a perspectiva das demais personagens.

Enfim, pela naturalização permutacional entre público e personagem, pela escolha de enquadramento e timing fílmico, as produções de Hollywood continuam inspirando modelos de comportamento.

Alguns dos filmes de ação inspirados no paradigma computacional e nos jogos eletrônicos vêm dando grande ênfase ao individualismo, à preponderância das ações físicas em comparação com a expressão dialógica, à superficialidade das relações, ao menosprezo e intolerância à diferença – invisibilizada ou negativizada nos filmes, o que torna urgente vislumbrarmos o apelo ético que estas imagens nos colocam.

Por outro aspecto, algumas das novas tecnologias podem disparar diferentes possibilidades de leitura e interação nas produções fílmicas, e a aproximação com a não linearidade dos arquivos computacionais, através da exibição em mídias digitais, permite, por exemplo, que o espectador explore sequências múltiplas de visualização de um filme, acessando o dispositivo audiovisual de quaisquer pontos para quaisquer direções, o que pode se revelar como aberturas na perspectiva do espectador, que talvez, de maneira mais ativa, possa vir a codificar/recodificar de forma plural o filme, através de processos singulares de exibição (MACHADO, 1996, 180).

[...] Em vez de se ter uma ‘obra’ acabada, tem-se apenas seus elementos [...]. A ‘obra’ agora se realiza exclusivamente no ato de leitura, e em cada um desses atos ela assume uma forma diferente [...]. O texto audiovisual já não é mais a marca de um sujeito [...], mas um campo de possíveis. (MACHADO, 1996, p. 235)

Os múltiplos agenciamentos do cinema hoje em dia podem eclodir para imagens potencialmente interativas, na multiplicação de aberturas a serem exploradas pelo espectador, ou, paradoxalmente, podem se revelar estratégias em que as apostas narrativas dos estúdios se tornem cada vez mais invisíveis aos olhos da plateia...

2.7 Ética imagética, ética imaginada

Mostrar ou ocultar. Sonhar ou despertar. Viajar ou permanecer. O filme “A Invenção de Hugo Cabret” nos interroga sobre algumas possíveis escolhas ético-políticas que atravessam os encontros, desencontros e reencontros que vivemos.

Além disso, o filme problematiza a transparência ou opacidade virtualmente presente nas imagens, ao contar a história de um dos primeiros cineastas da história do cinema, Georges Méliès.

Como mostrado no filme, Méliès escolheu realizar todas as suas produções em um estúdio de vidro, o Star-Film. A escolha por tão estranha construção revela a obsessão de Méliès pela luz e transparência, que, na verdade, eram comuns no final do século XIX.

O vidro, substância milenar tradicionalmente usada em artefatos decorativos, assumiu outras funções arquitetônicas naquele período, passando a mediador entre interiores e exteriores. Sua transparência também é provocativa para pensarmos as experiências de visibilidade que estavam emergindo na época.

De fato, nos novecentos, a multiplicação de estímulos visuais exigiu o treinamento do olho frente às novas formas de habitar, transitar e conviver nas cidades, mas, paradoxalmente, grande parte dos discursos produzidos buscou apaziguar as tensões que ocorriam, disciplinando e contendo as oposições, entrevistas como potencialmente desordeiras e desagregadoras, muito através do cinema, que naturalizou padrões de conduta e relação através de seus filmes.

O cinema de “imagens transparentes” foi, em grande parte, responsável pela incorporação dos paradigmas sociais que se tornaram dominantes e que atenderam aos interesses do capital ao longo do século XX.

Compreende-se como transparência imagética a capacidade da imagem representar plenamente aquilo a que ela alude e que está ausente. Assim, nessa dinâmica, muito embora a

imagem personifique o representado, a realidade da própria imagem como imagem não se torna visível neste processo (WOLFF, 2005, p. 17-45).

Este fenômeno é particularmente nítido na história das representações icônicas religiosas, que não são percebidas como imagens, mas como parte do próprio ente divino que representam, sendo, muitas das vezes, dotadas de poder mágico pelo mesmo ser.

A opacidade de uma imagem, ao contrário, se correlaciona ao poder da imagem mostrar-se a si mesma, enquanto mostra alguma coisa. A paulatina construção da imagem enquanto produção artística, desde o século XIV, é um claro exemplo neste processo. Assim, por exemplo, ao pensarmos na “Santa Ceia” de Da Vinci, resta claro que além das figurações dos apóstolos de Cristo (evidentemente representados pela imagem), o quadro também se apresenta enquanto obra artística, dependente da genialidade do artista que o criou (WOLFF, 2005, p. 18).

A associação entre arte e imagem, imperante desde o século XIV, foi rompida no alvorecer do século XX, também em função do desenvolvimento das técnicas de reprodução automática de imagens, que produziram o questionamento do valor artístico das obras figurativas, facilmente reproduzíveis pelas novas tecnologias imagéticas (NOVAES, 2007, p. 41-42).

Dessa ruptura decorrem algumas consequências que nos interessam especificamente: a disseminação de imagens na sociedade moderna e a suposta transparência que elas passam a propagar. De fato, a proliferação de contínuos fluxos de imagens nos acostuma a “ver”, muito embora apague os traços, na maior parte das vezes, dos processos subjacentes à produção imagética. Nessa conjuntura, condicionamo-nos a acreditar que as imagens reproduzem o mundo, sem nos questionarmos sobre o papel que desempenham na produção dos acontecimentos e valores.

O cinema, como um representante do aprimoramento das técnicas de reprodução de imagem que se evidenciaram no século XIX, é um exemplo deste processo e também nele se alternam posições mais opacas ou transparentes.

O primeiro cinema, produzido até 1908, como analisamos no início do capítulo, aposta em práticas que constroem maior opacidade, enquanto que as produções narrativas clássicas tendem a fazer pensar que são transparentes, representando um mundo preexistente.

As imagens podem inventar caminhos e histórias, como o fazem as manivelas usadas por Hugo Cabret no filme de Scorsese. No filme, os mecanismos que dão corda aos relógios são semelhantes às engrenagens dos projetores dos filmes também apresentadas na mesma produção;

os dois dispositivos, ao serem movidos, produzem a percepção ilusória de novas temporalidades e permitem que pensemos sobre o quanto o tempo, exigido no trabalho com as máquinas, também foi inventado através do trabalho com as máquinas que fazem filmes.

Consideramos que (re)inventar, a cada dia, a potência das imagens e dos sujeitos depende necessariamente da compreensão de sua não completude, de sua opacidade e permeabilidade aos encontros e embates. Mais do que características definidoras do que se é, cabe apostar nas ações e escolhas que são realizadas.

A aposta ética na multiplicidade é que nos move no presente trabalho, e pretendemos dialogar, no decorrer do texto, com as montagens subjetivas imagéticas e informacionais que estão se tornando hegemônicas atualmente.

Para tanto, inicialmente nos aproximaremos das experiências que foram forjadas nos anos de 1980, com a difusão do acesso aos computadores e sobre suas consequências na produção de subjetividades...

“Escrevi para você e você não respondeu/ Também não respondi quando você me escreveu (...) E a mudança levou tempo por ser tão veloz / Enquanto estávamos a salvo / Ficamos suspensos / Perdidos no espaço”

(RUSSO, 1984)

“Eu quero ficar perto de tudo o que acho certo, até o dia em que eu mudar de opinião. A minha experiência, meu pacto com a ciência, meu conhecimento é minha distração. (...) Coisas que eu sei. O meu rádio relógio mostra o tempo errado.(...) Eu compro aparelhos que eu não sei usar. Eu já comprei. (...) Eu moro em um cenário, do lado imaginário, eu entro e saio sempre (...)”

(CARLOS, 2007)

“As relações sociais se caracterizaram na modernidade pela crença da estabilidade coletiva, na ‘confiança, (...) nova e sem precedentes, em si mesmo e nos outros, assim como nos méritos da companhia das outras pessoas, que recebeu o nome de ‘sociedade’: em sua sabedoria coletiva, na confiabilidade de suas instruções, na durabilidade de suas instituições.”

(BAUMAN, 2005, p. 56)

“Atualmente vivemos a acelerada ‘liquefação’ das estruturas e instituições sociais. Estamos passando da fase ‘sólida’ da modernidade para a fase ‘fluida’. E os ‘fluidos’ são assim chamados porque não conseguem manter a forma por muito tempo e (...) num ambiente fluido, não há como saber (...) o que nos espera (...) Não se deve esperar que as estruturas, quando (se) disponíveis, durem muito tempo. (...) A força da sociedade e o seu poder sobre os indivíduos agora se baseiam no fato de ela ser ‘não-localizável’ em sua atitude evasiva, versatilidade e volatilidade”.

(BAUMAN, 2005, p. 57-58)

3 DEPOIS DE HORAS : inerte mobilidade, vertigens na compressão do espaço e do tempo

No filme *After Hours*, Martin Scorsese nos desestabiliza em uma espiral de provocações⁹, nas quais nos apresenta algumas das novas maneiras de relação subjetiva que começaram a se evidenciar mais claramente nas metrópoles dos anos de 1980.

O início do filme nos apresenta o protagonista, Paul, um programador de computadores.

Após um dia de trabalho, entediado com as imagens desiguais mostradas por seu televisor, sai de casa e conhece uma bela jovem, Marcy, em uma lanchonete.

A moça lhe informa que dormirá na casa de uma amiga escultora, especialista em fazer pesos de papel, e lhe dá o telefone de onde ficará. Pouco após, ele liga para a jovem, que o convida a ir para o outro lado da cidade.

Para encontrá-la, nosso herói pega um táxi e perde todo seu dinheiro, que voa, sem peso, pela janela do automóvel.

O encontro com Marcy se revela assustador para Paul que passa a imaginar que a moça tenha queimaduras em seu corpo, fazendo com que ele fuja de seu contato.

Depois disso, uma sucessão de acontecimentos inacreditáveis se sucedem, e Paul acredita que todos com quem se encontra se revelam ameaçadores, passando a persegui-lo.

Apesar de seu empenho, Paul não tem mais valores (nem dinheiro, nem contatos humanos) que possam levá-lo para casa, o que faz com que ele fique “preso” nas ruas da própria cidade em que habita.

O desfecho da película subverte a ideia de “final feliz” do protagonista, pois Paul não consegue estabelecer ligações pessoais que o protejam e signifiquem como “gente”, só conseguindo retornar a um local “seguro”, após ser destituído de todas as suas conexões humanas, sendo ele próprio transformado em um objeto/escultura que é roubada e deixada em frente a um local conhecido, seu ambiente de trabalho.

⁹ Etimologicamente o termo ‘provocar’ expressa a ideia de incitar a falar, remetendo-se à questão ética fundamental da tomada de posição diante do acontecimento.

Em meio aos computadores, Paul finalmente se reconhece seguro, pois, depois da avalanche de experiências reveladoras dos infinitos riscos nos contatos humanos, nosso herói liga as máquinas e se conecta ao interlocutor mais confiável que o filme nos apresenta, os microcomputadores.

Um homem perdido entre lugar nenhum, ou virtualmente qualquer lugar, e um tempo presente interminável, esta é uma imagem possível do enredo a que é submetido o protagonista de Depois de Horas, filme de Martin Scorsese de 1985.

Ao sair da segurança de sua casa para o centro da cidade de Nova Iorque, “desterritorializando-se” voluntariamente, situações surreais se sucedem com nosso protagonista, que passa a sofrer perseguições avassaladoras.

Uma única noite que possui a densidade de muitos anos diante da infinidade de acontecimentos e informações que se acumulam.

Desencontros marcantes que expressam eloquentemente a formação da uma maneira diferente de se socializar comparativamente aos modelos que foram constituídos como sociabilidades paradigmáticas desde a modernidade.

O diretor nos apresenta uma inspiradora visão de como a identidade e, concomitantemente, a dimensão da alteridade vem sendo desconstruída em prol de novas formas de convívio coletivo, representando o marco fronteiro entre aquilo não se é mais e aquilo que não se é ainda...

3.1 Humano: necessariamente desestabilizador

Estar aqui. Perceber-se presente em sua identidade e essência. Sentir. Estar atento ao outro. Essas imagens são reveladoras de um determinado modo de existir no mundo e que corresponde ao modelo de identidade interiorizada.

O livre arbítrio introduzido pela Reforma, Descartes e seu ego cogitante autônomo do Iluminismo, são essas, ao lado de muitas outras, as grandes etapas que fizeram do indivíduo o senhor e possuidor de si mesmo e da natureza.(MAFFESOLI, 2004, p. 45)

Hoje em dia, entretanto, os estudos conceituais sobre identidade descortinam um novo momento na história subjetiva, pois a relação e conexão com um “eu” profundo, interiorizado e labiríntico vem sendo desmontada por uma concepção em que, aquilo que, desde a Idade Moderna, reconhecemos como identidade, está se superficializando.

A contraposição da imagem de um “eu-superfície” que se opõe a um “eu interior” talvez elucidie a análise que ora empreendemos.

Em consonância com a ideia de “eu-superfície”, Le Breton (2011) pensa que, nas sociedades primitivas tradicionais e mesmo medievais, a ideia de corpo e de identidade subjetiva eram indissociáveis, na compreensão de que se *era* o corpo. Para ele, desde a Renascença outra lógica vem se constituindo, afastando progressivamente a experiência de identidade da experiência do corpo, que passa a ser considerado como “resto” pelo sujeito interiorizado. A partir da noção de que a *essência subjetiva é interior*, difunde-se a concepção de que o homem *tem* um corpo e não mais *é* o corpo como antes.

Pensamos, entretanto, que, ao longo do século XX, e nestas primeiras décadas do século XXI, novas e importantes transformações políticas, econômicas e sociais estão participando do processo de inversão da primazia do sujeito sobre o corpo, através da montagem de novos processos de subjetivação.

Dentre as mudanças a que nos referimos, destacamos as novas tecnologias de imageamento corporal, o advento do cinema, a derrocada das representações de autoridade desde o pós Segunda Guerra Mundial e a crescente substituição das redes de referência tradicionais pela prevalência do capital.

Na constelação de um novo modelo subjetivo, a que estamos nomeando como “eu-superfície”, *o corpo passa a ser o sujeito*, e a subjetividade passa a ser definida pela superfície do corpo, *seja por imagens corporais*, seja pela capacidade do *corpo informar* _através do deciframento do código genético, do funcionamento do cérebro, etc_, o que hoje se *pensa ser* o sujeito.

Na verdade, acreditamos estar diante de um novo campo discursivo sobre a subjetividade e nesse sentido, fazemos eco às análises que enfatizam a arenosidade dos territórios sociais e subjetivos (invenções político-culturais), como as desenvolvidas por Foucault (1999; 2002), Costa (1992) e Sibilía (2008a), por exemplo.

Nessa perspectiva, a experiência vivida por cada indivíduo assume significados díspares dependendo da cultura em que ocorre, articulando-se uma complexa relação entre os acontecimentos e a produção de chaves de compreensão das dinâmicas.

Dessa forma, são detectáveis historicamente maneiras de compreensão de si e do outro, de família e do corpo que são radicalmente diferentes, dependentes da complexa gama de poderes políticos, econômicos, culturais que os atravessem.

Outrossim, o próprio conceito de “Ser Humano” como indivíduo interiorizado e sua “pretensa natureza” são colocados em questionamento como fruto de uma construção coletiva peculiar.

3.2 O nascimento do “eu interior”

Mapeando brevemente a história das subjetividades, Maffesoli (2004) considera que, após a queda do sistema feudal seguiram-se importantes transformações políticas e sociais que permitiram a formação dos Estados Nacionais, a Reforma Protestante, a ascensão do mercantilismo e do capitalismo, mas que igualmente produziram impactos na percepção subjetiva, afastando-a das formas imperantes no período medievo.

Na Idade Média seriam comuns dinâmicas em que a partilha de conhecimentos comunitários aconteciam uniformemente entre “adultos” e “crianças”, em um momento em que a própria noção de infância ainda não teria sido construída, com predominância das formas de transmissão oral das informações e experiências.

Naquele contexto, a ideia de “infante” se relacionava à sua condição de não falante, período superado aos sete anos de idade frente à aquisição de habilidades linguísticas que favoreciam a comunicação igualitária entre adultos e crianças.

Na verdade, a época medieval não se caracterizava como terreno propício para surgimento da noção de indivíduo, já que o paradigma dominante enfatizava a predominância de Deus como princípio e fim de todas as coisas.

Isso pode ser verificado, inclusive, no fato de que várias invenções medievais não possuem autores conhecidos, já que a reivindicação pela posse individual de uma invenção ou descoberta, colocaria em segundo plano a inspiração divina, considerada como real responsável pelo acontecimento.

Em contrapartida, entre os séculos XVI e XVII se observa o desenvolvimento e separação de um “si mesmo” do contexto comunal, modelando de forma diversa o convívio entre as pessoas. Naquele momento, a emergência de um olhar particularizado se coadunava com um mundo em que os limites eram ditados pela Razão, sendo através dela conhecido.

Postman (2002) hipotetiza especificamente que a emergência do “eu subjetivo, racional e interiorizado” esteja articulada com a difusão da alfabetização¹⁰, após o advento da prensa tipográfica em meados do século XV.

Segundo ele, os desenvolvimentos de novas tecnologias da comunicação, derivadas do processo tipográfico, permitiram o alargamento do olhar reflexivo pelo leitor silencioso, aprofundando uma interioridade que sequer seria dimensionada nos circuitos orais predominantes no universo relacional da Idade Média.

Entre os séculos XVI e XVII, o, já individualizado, sujeito renascentista construiu uma forma de conhecimento do mundo que primava pela certeza da existência do sujeito e do objeto como entes preexistentes que não necessitavam de confirmação.

Nos alvares dos tempos modernos, um sujeito racional e espiritual, inspirado nos moldes cartesianos e constituído nos séculos XVI e XVII, observava uma realidade que era compreendida como sendo exterior a si mesmo. Para tanto, munia-se do poderoso instrumento de sua razão. Ou então, voltava-se para dentro de si, mas essa indagação era efetuada da mesma forma que a observação considerada exterior; isto é, utilizando idênticos métodos e ferramentas. (SIBILIA, 2008a, p. 101)

Entre os séculos XVIII e XIX, entretanto, constroem-se concepções que colocam em xeque a precisão perceptiva do mundo real a partir da interferência do corpo de cada indivíduo no que é visto ou experimentado pelos sentidos e o “eu interior” racional e autoconsciente dos dois séculos anteriores é progressivamente superado.

A noção de “observação em segundo grau” (SIBILIA, 2008, p. 163) - ou seja, a preexistência de um filtro perceptivo que passa pelo corpo, pelos sentidos orgânicos - assume

¹⁰ A idéia de alfabetização socializada compreende a noção da importância da habilidade de leitura e escrita pela ampla maioria de um grupo social, opondo-se à situação de alfabetização corporativa, em que apenas pequenos grupos têm essa capacidade.

importância no decorrer do século XVIII, o que redimensiona a capacidade do conhecimento neutro do mundo a partir do crivo racional.

Conhecer a si mesmo assume fundamental importância nesse momento, pois na base do autoconhecimento reside a possibilidade do efetivo conhecer, visto que o sujeito cognoscente é atravessado por uma multiplicidade de prismas perceptivos a partir de seu interior insondável e obscuro.

A interioridade do sujeito humano, portanto, continua a funcionar como base propulsora da experiência entre os séculos XVIII e XIX, mas o interior assume conotações muito mais complexas e misteriosas, revelando uma densidade e opacidade inimagináveis nos dois séculos anteriores.

Naqueles ambientes privados que floresceram no século XIX, ajudados pelos diários íntimos e outras ferramentas de auto-exploração, os sujeitos modernos voltavam-se para dentro de si em um sentido bastante diferente daquele sugerido por Descartes dois séculos antes (SIBILIA, 2008a, p. 102).

Não casualmente, assistia-se, naquele momento histórico, à separação e aceleração do tempo e do espaço, tornando descontínuas as experiências pessoais modernas (Giddens, 2002, 24).

O mundo moderno é um ‘mundo em disparada’: não só o **ritmo** da mudança social é muito mais rápido que em qualquer sistema anterior; também a **amplitude** e a **profundidade** com que ela afeta práticas sociais e modos de comportamento preexistentes são maiores (GIDDENS, 2002, p. 22, grifo nosso).

A separação do tempo e do espaço se relaciona ao esvaziamento do tempo, que deixa de ser percebido como tempo da experiência comum para assumir uma conotação temporal neutra, o que é particularmente ostentado na invenção e difusão do relógio mecânico.

Segundo Giddens, embora não seja desprezível a fixação do tempo cronológico pelo relógio/marcador de um tempo “vazio” (e não pela memória coletiva, marcadora de sentidos comuns), o reconhecimento de sua importância só é possível em função de mudanças simbólicas que foram estruturadas paulatina e previamente no tecido da vida cotidiana.

Da mesma maneira, a desconexão do “**espaço**” do “**lugar**” implica em esvaziamento da identificação entre os dois conceitos, algo comum nas culturas pré-modernas, mas que se reconfigurou através de novas relações sociais que valorizaram o mapeamento geográfico do mundo, diante da descoberta do Novo Continente e o reconhecimento da diversidade cultural daí derivado. Em ambos os exemplos, é fundamental destacar que não foram as transformações científicas _ atentas ao “maior conhecimento do real”_ que produziram a separação entre o tempo e o espaço (no desvelamento de um real que sempre esteve lá), mas sim que tais mudanças emergiram como composições que se tornaram possíveis a partir do entrelaçamento de discursos/práticas sociais e culturais específicas.

Interessante análise é proposta por geógrafos que suscitam questionamentos sobre as razões que levam a configuração dos mapas-múndi apresentando o hemisfério Norte no norte não pela existência real do norte ou do sul geográficos, mas da centralidade européia e ocidental, que leva à proposição do que esteja em “cima” ou “embaixo”, do “superior” ou “inferior”, já tendo existido diferentes maneiras de apresentação do mundo, segundo as culturas que as produziram.

A constituição do espaço público oposto ao privado, a noção de que a intimidade seria reveladora da autenticidade do “eu” que se opõe a um “outro” cerceador, bem como o controle normativo estabelecido pelo Estado atravessam decisivamente a desqualificação do lócus público como possibilidade de encontros positivos e potencializadores entre o ‘eu’ e o ‘alter’ nos anos de mil e oitocentos.

De fato, na modernidade, a dimensão interior e privada passou a substituir em importância os contatos com o público, que passa a ser negativamente reconhecido.

Cada vez mais, nas sociedades em vias de industrialização no Ocidente, não seriam os atos ensaiados no espaço público os principais encarregados de se definir quem se era. Ao contrário, essa definição foi se recolhendo gradativamente, até implantar-se de forma prioritária na instância privada da interioridade e da intimidade de cada indivíduo. Esse movimento atingiu seu auge no século XIX [...] (SIBILIA, 2008a, p. 159)

Destacamos igualmente que a emergência das revoluções burguesas europeias foi elemento central na produção da ideia de potencial perigo representado pela ocupação das vias

públicas e pela associação entre as formas de sociabilidade das classes sociais pauperizadas e os riscos e patologias que poderiam daí ser originados.

Foucault analisa as transformações dos processos subjetivos que estamos discutindo na perspectiva da formação de tecnologias de poder, e refere que técnicas de alinhamento, separação e controle dos corpos individuais através de uma extensa sistemática de vigilância, inspeções e avaliações já era detectável em fins do século XVII. A tais práticas o autor nomeia como tecnologia disciplinar (FOUCAULT, 2005, p. 135).

Ainda segundo Foucault, na segunda metade do século XVIII, outra tecnologia de poder sobre o corpo se torna visível, se articulando e misturando com a primeira, na qual o poder se dirige à multiplicidade orgânica da espécie, à “população” como nova categoria. A esta dimensão do corpo como manifestação do poder que se aplica ao homem enquanto espécie, Foucault refere-se como “biopoder” (FOUCAULT, 2005, p. 140).

Às novas percepções do corpo biológico como problema político e do corpo como base para um modelo subjetivo interior e complexo se associam formas específicas de ocupação do espaço público a partir da valorização da experiência interior, consoante o modelo de interioridade das classes burguesas.

Interessa-nos especialmente, nesse momento, destacar a desconfiança reinante sobre a dimensão pública, cada vez mais caracterizada como perigosa e arriscada e a constituição dos modelos familiares intimizados como referência de bem-viver.

Nessa perspectiva, refugiar-se nos seus aconchegantes lares, e mais ainda, no recôndito de seus inconfessáveis e complexos desejos e fantasias interiores, emergia como meta ansiada de bem-viver nas classes burguesas.

Ressalte-se que, naquele momento histórico, as relações que privilegiavam o intimismo, as vivências particulares não foram as únicas maneiras de participação no universo coletivo, embora tenham sido as idealizadas como superiores.

Assim, a presença das massas na cena urbana e a formação de uma consciência de classe operária e sindicalizada, com capacidade de negociação, pressão e barganha assume contornos problemáticos para os padrões individualistas do período e a caracterização da irracionalidade das massas e das (psico)patologias sociais tornam-se estratégias de controle dessa “multidão populacional” que exige o seu ingresso no cenário público.

3.3 O “eu” que se anuncia: espetáculos de curta duração em um mundo fluido

Público *versus* privado. Coletividade *versus* individualismo. Na contraposição e oscilação entre as duas dimensões identificamos eixos que paradoxalmente aproximam e afastam a rede de experiências subjetivas dos séculos XIX e XXI.

Consideramos efetivamente que, na complexidade de modelos culturais que nos atravessam nas últimas décadas, especialmente após a segunda metade do século XX, vem sendo constelada uma forte tendência de relativismos e dissolução das certezas identitárias interiores que modelaram as sociedades ocidentais desde a Modernidade.

Categorias como “família” como cerne de localização e constituição subjetiva, “eu” como expressão de identidades interiorizadas e complexas, bem como a diferenciação e oposição simbólicas entre ações e comportamentos considerados infantis *versus* os maduros estão sendo rapidamente revistos, pois novas constelações relacionais estão sendo construídas. Nelas os discursos sobre o corpo assumem primazia na identificação de sentidos na relação consigo mesmo e com os outros.

Avaliamos que, enquanto no século XIX a modulação da experiência interior assumiu contornos cada vez mais precisos e fundamentais para identificação do sujeito; no século XXI o “eu-superfície”, identificado com o corpo como artefato e cerne do acontecimento subjetivo, impera como forma de identidade dominante. Ambos, todavia, aproximam-se na radicalização do que nomearíamos como “privatismos”, e no afastamento progressivo da alteridade.

Assim, se nos novecentos a figura do “outro” assume conotações paranóides e assustadoras, devendo ser controlada e alijada de poder, na valorização das vivências do “eu”; nestes inícios do século XXI, o próprio “eu” não será fundamental na velocidade experimental dos padrões relacionais descartáveis, pois a demanda por identidades fluidas e adaptáveis às demandas do mercado transnacional e global cria necessidades de adaptação camaleônica às pressões do capital. Como desdobramento, a figura do “radicalmente outro”, como experiência absolutamente distinta do paradigma hegemônico sequer será reconhecida, sendo invisibilizadas as ações e omissões que são dirigidas a esta população.

Nesse contexto, cabe pontuar que, se os últimos anos são particularmente importantes na transformação das subjetividades, a década de 1980 foi muito significativa nesse processo.

Sabemos que os avanços nas telecomunicações e biotecnologias, redimensionaram as relações humanas, no aceleração das vivências, na aproximação do distante e no distanciamento de experiências antes consideradas próximas nos anos que se seguiram ao término do 2º conflito bélico mundial.

Atualmente podemos destacar, dentre as forças que estão alterando os diversos níveis de relações sociais, a globalização econômica, os avanços tecnológicos e o desenvolvimento de pesquisas biomédicas que vêm aproximando imaginariamente os espaços físicos e as fronteiras emocionais, ao mesmo tempo em que, de forma paradoxal, aumentaram as distâncias no convívio interpessoal mais direto, superficializando as discussões sobre o espaço público, sobre a coletividade e suas dimensões políticas e éticas.

No atrito com estas novas práticas, Augé (2010, p. 9) considera que os conceitos de espaço e tempo modernos perdem sentido no mundo atual, assumindo novos contornos.

Assim, a aceleração temporal da supermodernidade produz o achatamento da percepção do movimento, o que, em consequência, cristaliza o tempo no presente, na eternização do “agora”.

Por outro lado, apesar da globalização (talvez justamente em função dela), da facilidade dos fluxos e deslocamentos humanos, os enclausuramentos se tornaram comuns, quer seja nos mais caros condomínios, ou ainda nos bolsões de miséria que cercam as megalópoles.

O paradoxo persiste entre a imagem globalizada de um mundo sem fronteiras que circula e a dura concretude de contingentes humanos prisioneiros no espaço; o amplo espectro dos marginais às fronteiras do capital. Contraditoriamente, na supermodernidade, desterritorialização voluntária e fixação territorial impositiva convivem como face e verso da mesma moeda.

Na análise desses temas, Augé constrói as metáforas de “mundo-cidade” e “cidade-mundo” como exemplos marcantes na sociabilidade atual, em que a concepção do “mundo-cidade” expressa o fenômeno de urbanização do planeta globalizado, da circulação contínua de informações, bens e gente.

Já a menção à “cidade-mundo” remete ao convívio com a desigualdade e as multiplicidades no interior das próprias cidades, à existência de várias cidades no mesmo espaço urbano.

No universo da “cidade-mundo” vemos o cerco do espaço que divide a mesma cidade em bairros ricos e áreas perigosas, guetificando e segregando experiências. Assim, os habitantes dos ricos bairros privados (inacessíveis ao restante dos “cidadãos”) e os habitantes das comunidades controladas pelo narcotráfico (igualmente inacessíveis aos demais) vivem, conscientemente ou inconscientemente, a experiência de enclausuramento voluntário (ou não) no espaço que habitam.

Para o autor supramencionado, perenização do presente e compressão do espaço da aldeia-global são dois elementos nucleares na análise do processo de subjetivação que estamos pensando e, sem dúvida, os impactos sobre a dimensão subjetiva não demoraram a surgir...

3.4 Subjetividades prêt-à-porter ou a arte de ser consumido como “eu” de cada estação

Diante da mobilidade das negociações financeiras no capitalismo globalizado, na derrocada das identidades sociais que nos ofereciam amparo e segurança (como a própria ideia de Estado Nacional e seu desdobramento como Estado do Bem Estar Social no Primeiro Mundo), na configuração de uma crescente privatização da esfera pública eloquentemente expresso na hiperexposição espetacular do “eu privatista da moda”, apresentar características fluidas assume conotações estratégias de sobrevivência simbólica e, mesmo, física.

Reconhecer oportunidades de trabalho no pólo oposto do planeta, deslocando-se para qualquer lugar, conectar-se a qualquer momento à rede informática (na verdade não desplugar jamais), trabalhar sem turnos fixos exige uma disponibilidade a liberar-se de laços que prendam, pois o “pertencimento” (a um país, a núcleos de amizade e familiares, e, mesmo, a uma “identidade fixa”) é cada vez mais negativizado.

Desde 1997, um novo termo – ‘chateação zero’ - começou a circular em silêncio [...] nos Estados Unidos. Em sua origem, significava o movimento sem fricção de um objeto físico como uma bicicleta ou um skate. [...] Mais recentemente, passou a significar ‘descomprometido’ ou ‘desobrigado’. Um empregador ‘pontocom’ pode comentar, com aprovação, sobre um empregado: ‘Ele é um chateação zero’, querendo dizer que ele está disponível para assumir atribuições extras, responder a chamados de emergência, ou ser realocado a qualquer momento. [...] ‘Chateação zero é ótimo’. Morar a alguma distância [...] e/ou carregar o peso de uma mulher ou filho reduzem as chances de emprego do candidato. Os empregadores desejam que seus futuros empregados nadem em vez de caminhar e pratiquem surfe em vez de nadar. (BAUMAN, 2008, p.17)

Frente à precariedade do trabalho e pelo acirramento da competitividade, observamos as adaptações às condutas flexíveis e superficiais nos contatos humanos, com conseqüente desapego de pessoas, lugares, tradições, enfim da história ou memória, no desenraizamento identitário para adequar-se às pressões do mercado (COSTA, 2004, p. 164).

A personagem Ryan Bingham, do filme “Amor Sem Escalas”, é um exemplo desse paradigma. Ele é um especialista em “liberação funcional”, que viaja 360 dias por ano para despedir funcionários, incentivando-os a verem a demissão como grande oportunidade:

Quanto suas vidas pesam? Imaginem que vocês têm uma mochila nas costas. Sintam as alças nos ombros e ponham nela tudo que têm na vida, começando com as coisas pequenas: enfeites de prateleiras, bibelôs, fotos, coleções... Sintam o peso aumentar. Acrescentem as coisas maiores: roupas, itens de cozinha, TVs... As mochilas devem estar pesadas, mas continuem guardando coisas nelas: o carro, a casa... Agora, tentem andar. Difícil, não? Pois é o que fazemos, colocamos tanto peso nas costas que não podemos mais nos mover e, não se enganem, a vida é movimento. Agora, vamos queimar as mochilas. O que querem tirar delas? As fotos? Fotos são para quem não se lembra de nada. Tomem ginkgo biloba e deixem que elas queimem. Eu quero que deixem tudo queimar. Imaginem acordar amanhã sem nada. Isso é bem revigorante, não?

Paradoxalmente, em um mundo em que “esquecer é preciso”, novas psicopatologias assombram as (bio)sociabilidades, como o Mal de Alzheimer (em que os restos da “antiga individualidade” se esvaziam no esquecimento do “eu” como referência de si mesmo); as falsas memórias (em que a experiência não precisa mais ser vivida para ser reconhecida como informação constitutiva); ou ainda, os transtornos de atenção (em que a própria experiência do acontecimento é questionada).

Em meio a este complexo e contraditório enredo, o “turismo da memória” (LIPOVETSKY, 2004, pp. 86-91), exemplo da mercantilização da cultura, emerge como nova febre das massas, buscando traços e insígnias do que já acabou, daquilo que não somos mais (AUGÉ, 2008, p. 29) através do espetáculo, da estimulação permanente, das emoções instantâneas. Segundo Lipovetsky:

Antigamente, o monumento era um símbolo, e sua conservação, um fim em si mesmo; hoje, justificam-se os encargos com ele em nome dos efeitos financeiros, do desenvolvimento turístico ou da imagem midiática das cidades e regiões. [...] [No] ‘turismo da memória’, as obras do passado não são mais contempladas em recolhimento e silêncio, e sim ‘devoradas’ em segundos, funcionando como objeto de animação da massa, espetáculo atraente, maneira de ‘matar’ o tempo. (LIPOVETSKY, 2004, p. 87-88)

Problematizar os alcances políticos das novas designações psicopatológicas, ou seja, desnaturalizar a noção da existência da psicopatologia em si mesma, atrelando-a ao sistema cultural em que se insere significa pensar em como se reconhece o fenômeno a partir de determinadas variantes que se tornam significativas e os novos diagnósticos (como o de Mal de Alzheimer e do Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade) podem nos oferecer pistas interessantes nesse sentido.

A intermediação das experiências pelo filtro da drogadicção também merece questionamento, pois a utilização das drogas (lícitas ou ilícitas) proporciona acentuadamente alterações na consciência.

Na sociedade de consumidores em que estamos imersos, também as subjetividades passam a ser consideradas como mercadorias, e assim estamos assistimos à consolidação de “subjetividades prêt-à-porter”, já que a moda, a valorização sazonal de determinados atributos, determina o que se exige do “sujeito da cada estação”.

É fundamental frisar que o corpo assume papel central nessas novas colonizações subjetivas em identidades fluidas, e o fetichismo para consumo não é mais de um objeto, mas de um “corpo-objeto”: invejado, lipoaspirado, plastificado e desejado.

Na sociedade de consumidores, ninguém pode se tornar sujeito sem primeiro virar mercadoria, e ninguém pode manter segura sua subjetividade sem reanimar, ressuscitar e recarregar de maneira perpétua as capacidades esperadas e exigidas de uma mercadoria vendável. [...] A característica mais proeminente da sociedade de consumidores – ainda que curiosamente disfarçada e encoberta – é a **transformação dos consumidores em mercadorias** ... (BAUMAN, 2008, p. 32, grifo nosso)

Nesse sentido, é interessante o exemplo da publicação “Le Nouvel Observateur”, que em número de homenagem ao centenário de Simone de Beauvoir, em 2008, ostentou em primeira página, foto de nu da famosa feminista, retocada por photoshop (SIBILIA, 2008b, p. 2).

Assim, o tradicional semanário antes de priorizar os pensamentos sobre a objetualização da mulher e do corpo feminino que foram as marcas da pensadora francesa de esquerda parece ter sido capturado pela lógica do espetáculo, desprezando a história construída pela feminista.

Aliás, estar liberado (para descartar-se de redes de relacionamento, da permanência de projetos, da cultura de sentimentos em prol do culto de sensações medicalizadas) exige um desprendimento da história, inclusive a própria.

No pólo oposto à personagem do premiado romance “O Turista Acidental”, que mesmo diante do novo levava consigo sua “casa-bagagem”, repetindo eternamente experiências prévias, nas identidades fluidas e bio-subjetivas hipermodernas, cabe referir-se à noção de nunca deixar a “rua”, de nunca se desconectar do que ocorre no “mundo”.

Nesse contexto, jamais se está “em casa”, como local de proteção e esconderijo interior, mesmo porque os novos ideais subjetivos são de exposição em “casas de vidro”.

A visibilidade do “eu-superfície”, contudo, é condição basilar para sua existência, pois sem ser visível, sem fazer parte do espetáculo, essa identidade superficial não subsiste.

Estar na mídia, ser reconhecido publicamente, receber centenas de e-mails por dia, participar ativamente de várias redes sociais, dimensiona exemplarmente o valor do marketing, inclusive pessoal, na cultura do espetáculo dos nossos dias.

Paradoxalmente, convivemos com a multiplicidade de informações e o esvaziamento do espaço público como possibilitador do debate e divergência, pois “o que aparece” é quase sempre um mesmo, representante da elite cosmopolita e interconectada que alija a maior parte das pessoas da Terra.

Minha mãe é professora de uma escola primária [...] e quando ela pergunta aos meninos o que querem ser quando crescer, eles dizem: ‘Famoso’. Ela pergunta por que motivo e eles respondem: ‘Não sei, só quero ser famoso.’ Nesses sonhos, ‘ser famoso’ não significa nada mais (mas também nada menos!) do que aparecer nas primeiras páginas de milhares de revistas e em milhões de telas, ser visto, notado, comentado e [...] desejado por muitos – assim como sapatos, saias ou acessórios exibidos nas revistas luxuosas e nas telas de TV [...] ‘Há mais coisas na vida além da mídia [...] mas não muito. Na era da informação, a invisibilidade é equivalente à morte (BAUMAN, 2008, p. 21).

Lipovetsky vem associando o capitalismo de consumo desenvolvido a partir dos anos 80 do século XX como “hiperconsumo”, no qual o que se torna importante é o comércio de experiências e identidades, e não mais, por exemplo, a aquisição de objetos para sua ostentação. Na fase do “hiperconsumo emocional” assiste-se à “associação de” marcas” a “modos de vida” e o consumo se distancia da lógica de pura ostentação passando a se caracterizar como valor de experiência íntima, que agregará sentido à vida do consumidor.

Nesse contexto, o consumo se distancia e difere de forma radical da experiência de aquisição de mercadorias, que já caracterizou o capitalismo industrial, pois o que é vorazmente transformado em mercadorias voláteis são os próprios corpos humanos e as fugazes experiências de “eu” (LIPOVETSKY, 2004, p. 81).

Na verdade, o pensador francês vem discutindo a forma como a sociedade vem sendo impactada por novos paradigmas, no que ele conceitua como “hipermodernidade” (LIPOVETSKY, 2004, p. 32).

Com este termo, Lipovetsky sugere a superação da expressão pós-moderna, cunhada nos fins dos anos 70.

Segundo o autor, o neologismo pós-moderno designava o abalo dos alicerces da racionalidade e a derrocada das grandes ideologias da história vividas naquela época, em que se verificava a perda da confiança no futuro revolucionário e sua substituição pela centralidade do aqui-agora.

Para Lipovetsky, o termo sugeria uma mudança de rumo, uma transformação radical nos paradigmas sociais e culturais das sociedades ocidentais.

Hoje, ele considera que essa imagem está superada, e que no retraimento do Estado, na globalização econômica, na imposição da sociedade de mercado, a modernidade se revela em uma “espiral hiperbólica”, como “hipermodernidade”, em que vivemos sob o signo do excesso, do hiper.

Resumidamente, para Lipovetsky, a “hipermodernidade” se caracteriza como um novo arranjo no tempo social, em que vivemos a modernidade na potência superlativa .

3.5 O “eu” que se lembra: ética e memória em um mundo eternamente presente

O mesmo universo de aceleração comunicacional e ciclo reduzido da validade das informações, trazido pelas indústrias das mídias digitais, pela internet, televisão, fax, auxilia a pulverizar as redes de referência tradicionais.

Nesse universo, a alteridade será relegada ao papel de tímido eco dessas novas subjetividades ou será rejeitada a ponto de extermínio simbólico ou efetivo pela ação do Estado (agora) minimizado, que só aparece publicamente na exibição de sua faceta penal.

A fragilização dos Estados Nacionais em eco às políticas de transnacionalização do capital e neoliberalização econômica; o retraimento estatal nas políticas sociais básicas; o incremento da faceta penal do Estado como paradigma a ser seguido; e a emergência de uma série de discursos que enfatizam o risco e a disseminação do medo_ inclusive na eleição de pesquisas médicas e criação de novas psicopatologias como a Síndrome do Pânico, a Síndrome de Transtorno Pós-Traumático, os Transtornos de Ansiedade generalizados, a disseminação da idéia de que “o psicopata pode morar na casa ao lado” também atravessam novos códigos de relação consigo mesmo e com os outros (NARLOCH, 2006; SCHUBERT, s/d; Agência NOTISA de Jornalismo Científico, s/d; COUTO, s/d; CASOY, s/d; DYSON, 2008; DUNKER, 2006; LOMBARDI, s/d; TIRABOSHI, 2008).

Assistimos à construção de uma realidade que, paralelamente aos inegáveis avanços técnicos e tecnológicos, exhibe disparidades econômicas e sociais tão avassaladoras que “os demais”, apesar de serem a imensa maioria, vêm sendo invisibilizados como sujeitos, o que possibilita, inclusive, seu extermínio sem que isso seja sequer reconhecido.

Anteriormente, a memória foi imprescindível no desvelamento e continuidade do “eu”, tecendo redes de experiências e sentidos, mas hoje plasma-se a necessidade da descartabilidade das lembranças, na sobrecarga da memória desnecessária.

As grandes narrativas sobre a alteridade e a identidade foram conceitos centrais na constituição da modernidade. Atualmente, porém, não temos tempo para as grandes narrações e os breves (mas incessantes) relatos sobre o “eu” devem acontecer como experiências zip-zapeantes dos blogs da Internet.

Pensamos ser inadiável refletirmos sobre os impactos para o convívio social das representações de identidade e alteridade vigentes, principalmente na retórica do

questionamento crítico sobre uma sociedade excludente e desigual, implicando-nos criticamente na formação de novas possibilidades relacionais.

A problematização sobre as consequências das descobertas “científicas” e “avanços biotecnológicos” pode implicar na visibilidade dos financiamentos de indústrias farmacêuticas, em que os resultados atingidos notadamente beneficiam as drogas produzidas pelo conglomerado transnacional de empresas de medicamentos.

Também é significativo pensarmos que, no entrelaçamento de memórias descartáveis, identidades fugidias, utilização em larga escala de fármacos e drogas ilícitas, deparamo-nos com o fenômeno de volatilidade de consciências, enquanto que igualmente assistimos à proliferação do mercado de drogas legais e ilegais que nos afastam do “peso das consciências”.

Em outro trabalho afirmamos:

À parte as inovações e desenvolvimentos tecnológicos, acreditamos que atualmente assistimos a um paroxismo [...] expresso na dissociação entre a capacidade de avaliação racional e a assunção e a validação de compromissos éticos, [...] produz-se um mundo sem tensões; um ‘estar no mundo’ sem ser parte dele; um mundo não compartilhado; um mundo em que as pressões de busca de sentido cedem lugar às necessidades e demandas exclusivamente orgânicas. A droga, legal ou ilegal, lícita ou não, é a ‘marca’ preferida da perda da consciência na modernidade tardia (SANTOS, 1999, p. 4).

3.6 O “eu” que teme: quando encontros se transformam em perseguições

Estar aqui, mas perceber-me distante e anestesiado. Ter prazer no estímulo, experimentar a sensação, mas sem me “envolver”. Estar conectado, mas sem ser incomodado pelo outro, ainda que seja meu filho/vizinho/amante.

Essas imagens nos precipitam em uma atmosfera totalmente diferente das dinâmicas singularizadas e interiorizadas presentes nas subjetividades modernas, remetendo-nos ainda a um circuito privado, mas em que as presenças (do outro e mesmo da minha própria consciência

complexa e contraditória) são negativamente detectadas, pois irrompem como um desvio da real relação, que é com o mercado de consumo.

Assim, o mercado assume a dimensão de entidade fantasma a que tudo assombra e, na crescente adesão às suas pressões (antropomorfizadas e mais significativas que o próprio “eu” e “outro”), as identidades individualizadas modernas se fagocitam, enquanto que as relações com a alteridade se esvaziam “anorexicamente”, na ausência de práticas que alimentem o cuidado e o encontro com o “outro”, que já foi romanticamente idealizado, disciplinarmente controlado e que atualmente é exterminado, nas práticas de invisibilização de sua desnutrição crônica, ou desinteresse pelas políticas, praticadas pelo Estado Penal, de assassinato em massa.

Na construção da “Cultura do Risco”, a relação mediada assume o status de mais segura, onde o contato via imagem, à distância, passa a ser o mais desejado e, por que não dizer, consumido.

O afastamento progressivo dos intercâmbios diretos, na relação com alteridade, atravessou nitidamente as possibilidades relacionais, com o início dos contatos pela net, e culminou na rarefação dos encontros pessoais, que passaram a ser mediados pelas tecnologias computacionais, especialmente em contextos urbanos...

O filme de Scorsese delinea algumas dessas transformações já na primeira cena, em que o protagonista se coloca diante da tela de um computador e ensina o script dos comandos necessários para controle da máquina a um novo funcionário.

Os contatos humanos, em contrapartida, vão se caracterizando de maneira cada vez mais assustadora e descontrolada, demarcando o desencontro infindo nas práticas pessoais diretas, e o temor de que o outro tenha marcas, derivação que seria esperada no contato com a experiência e a vida.

Scorsese cria a metáfora do programador de computadores que não consegue compreender o mundo das analogias humanas, não sabendo mais se relacionar com símbolos e metáforas que denotem multiplicidade de sentidos no intercâmbio direto, necessitando de sinais (digitais) concretos que o orientem.

Assim, em situação-limite da frenética noite, depois da discussão entre as personagens Paul e Marcy, ele volta ao apartamento da moça para devolver a estátua que acreditou, erroneamente, haver sido roubada, quando se depara com Marcy dormindo sobre a cama.

Nesse momento, Paul se desculpa confusamente sobre suas equivocadas impressões anteriores, sem identificar novamente que se enganara, e que os fatos são diversos dos que ele imagina, pois a jovem já estava morta.

Ao perceber seu erro, o “programador” de computadores “revisa” seu comportamento, e, antes de abandonar o local, Paul chama a emergência e sinaliza, através de várias mensagens e setas com o texto “pessoa morta”, o local em que o corpo estava. A mensagem “pessoa morta” é a implicação máxima que Paul consegue estabelecer com o ocorrido.

O filme nos possibilita refletir sobre possíveis transformações das relações humanas nas metrópoles dos anos 80, nas quais os contatos humanos não mediados foram progressivamente percebidos como perigosos e portadores de riscos inimagináveis.

A mediação do computador, muito embora dificultasse o encontro direto, foi de encontro à crença que se construía de que a segurança era fundamental diante das ameaças derivadas dos contatos humanos.

De forma paralela à crescente paranoia que é projetada no encontro com o “outro”, o filme explora a temática da exposição visual constitutiva de uma sociabilidade, na qual a ideia de distanciamento é fundamental.

Na transição para este contexto, no início do filme, Paul se entedia na multiplicação de imagens desiguais que são projetadas em seu televisor, o que o conduz à tentativa de se encontrar com um outro real fora do contexto midiaticizado. Isso se revela um grande erro. Ao esboçar uma tentativa de encontro com o alter (para além do mundo das imagens), saindo à noite na cidade, Paul apreende a superioridade qualitativa do contato estabelecido com o “micro” sobre a relação com o “humano”, através da caracterização da instabilidade e riscos possíveis na comunicação interpessoal direta, que doravante deverá ser mediada pelos artifícios telecomunicacionais.

No desfecho do filme, assim como Paul, parecemos acordar, kafkianamente estupefatos, em um mundo que não se assemelha com o “nosso”, com o desmanche das representações e configurações do que considerávamos “legítimo, sólido, ou acima de qualquer suspeita”. Em outros termos, podemos mencionar a metáfora de que, na compressão vertiginosa do espaço e tempo, como no despertar de um sonho, dormimos “modernos” e acordamos “hipermodernos”...

Se, para além do que é visível, nada existe, é chegado o momento de pensarmos a construção o “eu” como corpo-imagem nos tempos atuais...

“O mais profundo é a pele.”
(VALÈRY, 1990, p.19)

“O que aparece é bom, e o que é bom aparece.”
(DEBORD, 1997, p. 16)

“É sangue mesmo, não é mertiolate”/ E todos querem ver / E comentar a novidade./ “É tão emocionante um acidente de verdade” / Estão todos satisfeitos / Com o sucesso do desastre/ Vai passar na televisão.”(RUSSO, 1986)

4 QUEIME DEPOIS DE LER : corpo-imagem ou sobre a arte de ser no parecer

A produção de Joel e Ethan Coen, *Queime Depois de Ler*, funciona como um relâmpago que, paradoxalmente, ilumina tudo e depois nos precipita no escuro.

Assim, o filme apresenta com fina ironia, uma séria crítica à sociedade de informações, contradizendo a ideia de que basta existirem conhecimentos para que eles automaticamente adquiram algum significado.

Concomitantemente ao excesso de dados, que se revelam sem sentido no decorrer da história, a valorização da imagem adquire potência justamente pela ausência de outras referências.

As cenas iniciais do filme nos conduzem ao universo da CIA _ Agência Central de Inteligência dos Estados Unidos, responsável por obter informações sigilosas que afetem a segurança nacional _, no momento em que o agente Osborne Cox, vivido por John Malkovich, está sendo comunicado de seu afastamento compulsório do serviço por seus problemas com a bebida. Diante desse aviso, a personagem de Malkovich, inconformada, se demite e pensa em escrever suas memórias, tornando públicas suas experiências no serviço secreto.

Em outra sequência, a personagem de Frances McDormand, Linda Litzke, atendente em uma academia de ginástica, planeja mudar sua imagem física, realizando uma série de cirurgias plásticas que possam apagar as marcas daquilo que ela já viveu.

Casualmente Linda tem acesso às memórias de Osborne e começa a ameaçá-lo, tentando pagar suas intervenções cirúrgicas com o dinheiro da chantagem. Para sua surpresa, entretanto, Osborne não demonstra interesse em ter suas memórias de volta e não aceita a extorsão.

Diante dessa reviravolta, Linda decide vender as memórias de Osborne na Embaixada Russa, pretendendo usar o dinheiro para apagar suas próprias histórias, aquelas que o tempo inscreveu em sua pele. Entretanto, também para os russos, as lembranças se revelam sem nenhum valor e Linda não consegue que paguem por elas.

No entrechoque entre o que é memorável e o que deve ser esquecido, em meio à concepção das lembranças como um peso e da relevância do corpo-imagem como última utopia,

casamentos são desfeitos, assassinatos acontecem, corpos desaparecem, mas as personagens parecem nada perceber, ou antes, parecem não conseguir dar sentido ao que lhes acontece.

O diálogo entre dois agentes secretos no final da película é elucidativo:

“ _ O que descobrimos? _ um deles pergunta.

_ Não sei _ responde o outro.

_ E a moça da academia?

_ Ela vai colaborar. Vai esquecer tudo se pagarmos umas cirurgias plásticas...

_ Então, pague.”

Entre a repulsa do lembrar e a valorização do esquecer, na identificação das lembranças subjetivas como um fardo, e do corpo-imagem _ superfície sem passado ou futuro_, como grande apelo, a vitória da imagem é incontestável.

No fim da narrativa, Linda consegue o que deseja, reinventar seu eu-imagem, apagando os traços do tempo em seu corpo. Seu sucesso, entretanto, não acontece pela recorrência/valorização da memória, mas, opostamente, porque ela abandona a proposta de insistir no lembrar, consentindo em esquecer o que sequer compreendeu. A aceitação de Linda em desfazer-se das recordações de Osborne confirma seu próprio projeto de apagar suas marcas, colando sua experiência de “eu” apenas à superfície da imagem corporal.

Consideramos que nesta produção, os irmãos Coen nos permitem vislumbrar um novo uso do corpo na identificação subjetiva, na constituição do “eu” enquanto imagem corporal.

A construção desse paradigma é fruto de um longo processo de transformação das práticas sociais, e se relaciona particularmente com acontecimentos do século XX.

Para melhor entendermos como, nas últimas décadas, o corpo foi reinventado, passando de mero continente do sujeito interiorizado ao centro de reconhecimento do “eu-superfície”, é necessário que conheçamos algumas das práticas e dizeres que foram inventados historicamente sobre o corpo...

4.1 Ficções corporais ou sobre o corpo como testemunha da sociedade

Falar em *uma* história do corpo é paradoxal, pois embora saibamos que qualquer experiência humana se radica no corpo, igualmente compreendemos que cada cultura orienta e identifica a experiência corporal de forma singular no interior de suas práticas.

Mais coerente, portanto, a atenção de que *histórias* do corpo se inscrevem na multiplicidade infinita de sentidos que circunscrevem e conformam a noção corporal no seio de discursos/práticas culturais singulares.

Além disso, também fundamental o cuidado de perceber que, embora algumas diretrizes se constituam temporariamente como dominantes, o espaço da dissonância é sempre virtualidade presente na trama das sociedades.

Todavia, é evidente que vivemos em uma encruzilhada de caminhos que apontam para uma significação diferente das referências corporais hegemônicas que historicamente nos antecederam nas sociedades ocidentais.

Atualmente, o culto ao corpo se tornou a grande obsessão social, o que torna indispensável pensar na produção dos códigos culturais que culminaram na hipervalorização do corpo, na trajetória que nos conduziu a este momento e nos efeitos frente à experiência subjetiva.

Conforme circunscreve Jurandir Freire Costa, vivemos imersos em uma “cultura somática” que se caracteriza por enfatizar “*o corpo [como] um referente privilegiado para a construção das identidades pessoais [...] [definindo] o que somos e devemos ser. [...] Estamos nos habituando a entender e a explicar a natureza da vida psíquica e das condutas éticas pelo conhecimento da materialidade corporal*” (COSTA, 2004, p. 203).

Não muito longe, entretanto, a definição da identidade passaria ao largo da idéia do corpo, na verdade, opondo-se a ele.

4.2 O corpo como resto

Segundo Costa (2004, p. 205), dois importantes paradigmas orientaram a construção de identidades nas sociedades ocidentais, e em ambos era detectável o apagamento e o menosprezo do corpo, matéria residual ao ideal de eu vigorante.

O primeiro modelo estaria articulado ao desempenho de papéis sociais ditados pelas castas de nascimento, exigindo-se a adequação do indivíduo aos comportamentos esperados pelos seus pares. O autor alude que tais condutas foram típicas da Antiguidade greco-romana, pois, naquela tradição, os ideais de eu mais valorizados, do “guerreiro” ou do “filósofo” identificavam no corpo tão somente um instrumento de ação, no caso do soldado, ou um obstáculo ao pleno conhecimento racional do mundo, iludido pelos falhos sentidos, situação do filósofo. Nos dois exemplos, portanto, as necessidades animais, típicas do corpo, afastavam o homem da proposta da vida virtuosa, objetivo a ser atingido pelo *ser* superior.

O segundo modelo, engendrado na tradição estoico-cristã, mas plenamente atingido na formação do “sujeito sentimental burguês” (COSTA, 2004, p. 204) conceberia o “verdadeiro eu” como um “eu interior”, sede de sentimentos profundos, contraditórios e, muitas vezes, insondáveis.

Nessa perspectiva o corpo deveria ser domesticado e sublimado, posto que a submissão às exigências físicas poderia macular o “eu interno”, muito mais evoluído sentimental, moral e espiritualmente.

Para Costa, na dicotomia mente e corpo, bem como na submissão do físico ao sentimental teríamos os elementos nucleares da “moralidade sentimental” (2004, p. 205), caracterizada pela supremacia dos “valores do sentimento” sobre os sentidos físicos, mas que atualmente vem sendo abalada na ascensão da “moral do espetáculo” (2004, p. 206), cujos elementos nucleares são o gozo de sensações e a vida como entretenimento.

Destaque-se que, nessas duas concepções, o corpo é referido como algo estranho e distante do ideal de “eu”, posse aleatória frente à real identidade, ou seja, a representação é de que se *tem* um corpo e não de que se *é* o corpo.

4.3 Semelhanças e correspondências: homem e corpo como um só

Em viés complementar, estudos antropológicos de algumas sociedades tradicionais vêm apontando que nelas o corpo seria reconhecido a partir de sua identificação com a natureza, com o cosmos e com a comunidade. Indistinguível do sujeito, o corpo representaria o homem solidário com a multidão de semelhantes, que não se perceberia separado dos demais, em estreita comunhão com o grupo social e o universo (LE BRETON, 2011, p. 31; LÈVI-STRAUSS, 2011, p. 25; NAIPAUL, 2011, p. 42; BASTIDE, 2011, p. 37).

Entre os canaques melasianos (LEENHARDT, 2011, p. 22 ; MOULIN, 2008, p. 51), por exemplo, o corpo (*karo*), indistinto do mundo, não comportaria a concepção ocidental de individualidade, pois a pessoa na cosmogonia canaque estaria solidariamente integrada ao social como um *continuum*, não se dissociando dos demais como um indivíduo *per si*. A experiência de *ser* o corpo, parte indivisa da comunidade, faria do ostracismo grupal uma sentença de morte, amputação simbólica e real do todo, fora do qual a pessoa deixa de existir.

Para os dogons africanos (BASTIDE, 2011, p. 36), a concepção de pessoa não estaria delimitada pelos limites de seu corpo, mas se associaria de maneira plural a uma corrente de relações, nas quais a identidade pessoal funciona como uma diferença complementar favorável à harmonia coletiva. O corpo, opostamente à noção de limite que separa, é associado à energia que percorre e conecta todos a uma mesma corrente comunitária.

Segundo Le Breton (2011, p. 43-59), a civilização medieval viveu sociabilidades corporais muito próximas das representações das comunidades tradicionais, nas quais o homem só teria consciência de sua corporalidade e identidade a partir de uma complexa trama de correspondências cósmicas e comunitárias. À experiência de *ser* um corpo se oporia radicalmente a ideia de *ter* um corpo, construída posteriormente pela Renascença e pela modernidade.

Como exemplo dessa sensibilidade pré-moderna, Postman (2002), referindo-se ao texto de Erasmo, *Diversoria*, dimensiona as relações corporais presentes em uma taberna alemã no período medievo:

Há oitenta a noventa pessoas sentadas. São de todas as classes sociais e idades. Alguém está lavando roupas que pendura para secar sobre o fogão. Outro limpa botas na mesa. Há uma bacia comum para lavar as mãos, mas a água está imunda. O cheiro de alho e outros odores estão em toda a parte. Cuspir é frequente e não há restrição no local. Todos estão suando, pois a sala está superaquecida. Alguns assoam-se nas roupas e não se viram quando fazem isso. Quando a refeição é trazida, cada pessoa mergulha o pão no prato comum, dá uma mordida e mergulha-o de novo. Não há garfos. Cada um pega a carne do mesmo prato e sorve a sopa da mesma tigela. (POSTMAN, 2002, p. 30)

Segundo Foucault (2002), o modelo epistemológico dominante na Europa, até o Séc. XVI, a *Epistémè das Semelhanças*, baseava-se na noção da parença, na qual a natureza se oferecia ao conhecimento através das analogias e signos expressivos da equivalência entre o macrocosmo e o microcosmo. Homem, natureza e universo se vinculavam através de similitudes. Descobrir as semelhanças existentes entre as formas possibilitava apreender sua correspondência. Naquele contexto, por exemplo, as plantas com feitiços semelhantes a órgãos humanos possuiriam efeitos terapêuticos sobre eles.

A sociedade medieval partilhava da tradição médica grega que, de Hipócrates (século V a.C) a Galeno (Séc. II), reconhecia o vínculo entre corpo e mundo, compreendendo a saúde como estado de equilíbrio entre os elementos (água, fogo, terra e ar) e entre as qualidades primordiais (frio, quente, seco e úmido), constitutivos tanto do corpo humano quanto da natureza. Naquele contexto, caberia ao médico apenas auxiliar a natureza em sua capacidade curativa (SANT'ANNA, 2006, p. 10-11).

Ressalte-se, entretanto, que, justamente na compreensão da indissociabilidade entre o homem e seu corpo, o conhecimento anatômico de Galeno, autor em que se baseou principalmente o conhecimento médico medieval, se constituiu principalmente através da dissecação de animais, posto que vedado o acesso a cadáveres de pessoas (ORTEGA; ZORZANELLI, 2010, p. 22-24).

No apogeu da época medieval, seria impensável a investigação anatômica do corpo humano, pois qualquer lesão à carne representaria também um dano ao homem, na prevalência da ideia religiosa de que o desmembramento do cadáver comprometeria a ressurreição do homem que ele encarnava.

Em contrapartida, eram comuns o suplício e desmembramento dos corpos de criminosos, pois se considerava que aqueles eram homens que já haviam rompido seus laços com a comunidade. Assim, não é surpreendente que os primeiros corpos, objetos de exploração anatômica, tenham sido justamente os despojos de condenados.

Como reflexo dessa mentalidade, destaque-se que, frente à possível descoberta de que um crime tivesse sido cometido por alguém já morto, o corpo do autor do delito era desenterrado e submetido às penalidades e castigos que receberia enquanto vivo. Além disso, era comum a crença de que os restos mortais de uma vítima sangrassem diante do seu matador (LE BRETON, 2011, p. 52). Tais comportamentos são evidente reflexo da união entre homem e seu corpo, não sendo possível se considerar que o homem existisse isolado da sua corporalidade.

É relevante destacar ainda que as primeiras disseções anatômicas tenham acontecido, em meio ao avanço das práticas individualizantes, na passagem para o Renascimento, significativamente nas universidades de Pádua, Veneza e Florença, cidades italianas em que a capilarização do comércio e dos bancos desempenharam papel de grande importância social e econômica.

Naqueles centros, a nascente classe burguesa começou a distanciar-se dos interesses da comunidade e do respeito às tradições, na produção da autonomia de escolha individual. Consoante Dumont, o pensamento de Maquiavel expressa esse individualismo nascente, emancipando o homem da rede holista dos fins sociais (DUMONT, 2011, p. 61).

Na verdade, como nos alerta Foucault (1977, p. 28), as análises das práticas que incidem sobre o corpo revelam as relações de poder que o alcançam, investindo-o, marcando-o, dirigindo-o, supliciando-o, enfim, atrelando-o a investimentos políticos e econômicos.

Apesar de ser percebido de maneira singular, o homem medieval não representava um indivíduo no sentido moderno da expressão. Seria necessário que novas sensibilidades fossem produzidas na progressiva emancipação das consciências com a Reforma religiosa e com o avanço do racionalismo burguês para que a individualização pelo corpo adquirisse algum sentido na produção do indivíduo.

4.4 O indivíduo e seu rosto: práticas individualizantes e o impacto na relação com o corpo

Na Idade Média, enredada em uma cultura predominantemente oral, a boca, órgão do grito, da voracidade, do riso, do contato com os outros pela palavra, foi expressivamente privilegiada nas relações sociais. Sob impacto de importantes transformações sociais, econômicas e políticas, tais como: a difusão do livro impresso com a invenção da prensa; a maior liberação das consciências religiosas pela Reforma Protestante; a emergência da cultura humanista do Renascimento; serão os olhos _sentido da distância e do isolamento_ que passam a ocupar o centro da geografia da face, redesenhando-a, na verdade *rostificando* o homem, na identificação única e singular de cada indivíduo.

Com a disseminação das pesquisas anatômicas no Séc. XVI, e especialmente através da publicação do livro *De corporis humani fabrica*, em 1543, por Vesalius, evidencia-se o início da mudança de concepção do homem medieval _que *era* um corpo, signo irreduzível da imanência divina, fundido à natureza e ao grupo social, para o homem renascentista e moderno, que *tem* um corpo.

As radicais rupturas desse empreendimento epistemológico desfizeram os liames que tradicionalmente uniam o homem consigo mesmo (ele não *seria* mais o corpo), o homem com os outros (de quem, a partir de então, se separou) e o homem com o universo (ao qual também estava indissolúvelmente unido).

Ironicamente, as ilustrações da obra de Vesalius demarcam a ambiguidade e pesar da passagem de um paradigma a outro, e as figuras humanas de sua publicação não são retratadas como cadáveres inertes, mas como homens supliciados e afligidos (LE BRETON, 2011, p. 81-93).

Os gestuais das imagens apresentadas em *De Fabrica* aludem à possível angústia dos próprios anatomistas naquela época de transição, colocando em primeiro plano o corpo que deixou de *ser* o homem (sendo exposto como peça de carne em sua anatomia), mas ao mesmo tempo o protesto do corpo que se recusava a separar-se do homem, passando a mero artefato residual do indivíduo que passou a *ter* um corpo.

Segundo Le Breton (2011, p. 94), assistiu-se especialmente durante os séculos XVI e XVII, ao entrelaçamento e contraposição entre os discursos biomédicos sobre o corpo (que ressignificavam na verdade a própria ideia de homem que existia) e os saberes populares (que ainda associavam o corpo à integralidade humana).

A partir desse confronto, teriam sido estabelecidas as bases de uma cultura erudita, assimilada apenas pelas elites europeias, produzindo-se gigantescos abismos entre os saberes médicos, investidos politicamente, e os conhecimentos populares tradicionais, que passaram a ser depreciados e ridicularizados (LE BRETON, 2011, p. 93-96).

No Séc. XVII, paralelamente à valorização dos procedimentos anatômicos, a metáfora da máquina aflorou como representação primordial para a racionalidade que se inventava, e a concepção do Deus criador paulatinamente se reconfigurou como Deus inventor, mecânico, maquínico.

As descobertas astronômicas de Copérnico, Galileu, os pensamentos de Descartes redimensionaram a natureza que, de maravilha imperscrutável de um Deus criador e onipotente, se tornou um mundo passível de ser conhecido e transformado através da inteligência e razão humanas.

Um mundo à altura do homem, eis a nova imagem da natureza. Todavia, no predomínio das ciências matemáticas confundiram-se o *orgânico* e o *mecânico*, ou seja, não se perceberam diferenças, naquele momento, entre *criação* e *fabricação*. Assim, Deus e o homem foram aproximados e comparados em sua capacidade de fabricar “coisas” (TRESMONT, 2011, p. 115).

A imagem do homem-máquina sintetiza este novo investimento, aproximando as dimensões anátomo-metafísica e técnico-política. A primeira, iniciada por Descartes e que prosseguiu com o conjunto de novas práticas médicas e, a segunda, constituída por um conjunto de regulamentos e procedimentos empíricos visando controlar e corrigir as operações do corpo.

O corpo-máquina funcionou analogamente ao relógio, e a redução empírica do homem a mero portador de mecanismos e engrenagens permitiu que toda uma nova tecnologia política racionalizasse e potencializasse os movimentos e o tempo do indivíduo. A partir da compreensão do corpo humano como força produtora de trabalho, novas regras o submeteram às disciplinas

exigidas pelas instituições escolares, hospitalares, militares, prisionais, nas “fábricas-conventos”, etc. (FOUCAULT, 1977, p. 136)

Ressalte-se a expressividade da imagem que aproxima o relógio do humano, apoiando o processo de individualização então em curso, pois a planificação do tempo pelo cronômetro permitiu o progressivo esvaziamento da experiência comum, bem como a máxima administração e controle do tempo individual pelos saberes disciplinares.

Para Foucault, o discurso disciplinar dissemina-se entre os séculos XVII e XVIII como “fórmulas gerais de dominação”, tornando os indivíduos unidades intercambiáveis em meio a uma série de redes de relações. Assim, nas filas, nas classes, nos turnos laborativos, os corpos circulam de forma controlada e funcional (1977, p. 131), fazendo do “momento histórico das disciplinas (o nascimento) de uma arte do corpo humano (...) que, no mesmo mecanismo, o torna tanto mais obediente quanto é mais útil, e mais útil quanto mais obediente, inversamente.” (1977, p. 126)

Ainda segundo esse autor, em “As palavras e as coisas” (2002, p. 487), as ciências humanas, originárias do século XIX, a saber, a sociologia, a análise das literaturas e dos mitos e a **psicologia**, só foram produções possíveis a partir da emergência da figura do homem como duplo empírico-transcendental, ou seja a partir do momento em que o homem passa a ser entrevistado como sujeito do conhecimento e objeto a ser conhecido, ou seja, na separação entre a parte racional do homem, *interior e verdadeira*, e a parte corporal do homem, *contingencial e ilusória*.

Dentro do contexto disciplinar, o saber psicológico se constituiu importante elo que estrategicamente articulou a economia e a biologia ao comportamento humano. De fato, conhecer o comportamento do indivíduo tornou-se importante para elevar ao máximo a produção laboral, na época em que a economia passou a definir o valor das coisas pela quantidade de trabalho despendido em sua fabricação. Além disso, com relação à biologia, podemos considerar a produção de saberes psicológicos especialmente atentos à noção evolucionista, na valorização do paradigma de desenvolvimento humano e da influência hereditário/familiar na perpetuação de determinadas condutas.

Em pólo antagônico (mas talvez complementar) aos poderes disciplinares, os discursos psicológicos também se aliaram às práticas românticas (FIGUEIREDO, 1992, p. 142-149;

COSTA, 2004, p. 165-168), no culto à introspecção, autenticidade e sinceridade, para a descoberta de “si mesmo”, pilar constitutivo do sujeito sentimental.

Como **traço comum** a todas as práticas de subjetivação produzidas entre o Renascimento e os fins do Século XIX permanece a fratura entre a concepção do corpo e a concepção do homem, na continuidade da ideia do **corpo como um resto**, inferior ao sujeito humano.

Assim, tanto para o sujeito racional iluminista, quanto para a pessoa singular do romantismo ou ainda para o indivíduo controlado pelas disciplinas, a concepção do corpo é separada do homem, que não *é* o corpo, mas **tem** um corpo.

4.5 Luzes e sombras: imagens e sensações na modernidade

Embora o advento da modernidade não nos apresente radicais transformações ao paradigma que separa corpo e homem, dois importantes acontecimentos repercutem de maneira progressiva nos discursos corporais que estamos analisando. Referimo-nos à popularização das imagens cinematográficas _ invenção do século XIX que se propaga no século XX_, e ao avanço das tecnologias médicas de imageamento corporal que projetaram novas luzes sobre as corporalidades.

Consoante De Bacque (2008, p. 481-494):

Não é possível compreender as principais representações do corpo no século XX a não ser encontrando [...] tanto sua origem como sua vulgarização, sobre a tela do espetáculo de massa. [...] Os corpos no cinema [...] [circulam] de um país a outro, de uma cultura para outra [...] enquanto que as palavras, as referências marcam com muito mais rigor as fronteiras.

Ou ainda, nas palavras de Moulin (2008, p. 77):

A produção de imagens do corpo, por mais esotéricos que sejam os seus instrumentos e as leis físico-químicas que as inspiraram, pôs as maravilhas do corpo ao alcance do público, e encorajou uma onipotência da medicina. Ela adquiriu uma potência suplementar, a de uma produção de imagens-poder.

Sabemos que olho já vinha assumindo desde a Renascença o papel de órgão privilegiado para conhecimento do mundo, mas em função de inovações tecnológicas inegáveis, o processo de *ver* se especializa na captura do instante pela máquina, não mais dependendo da visão humana para isso.

Surpreendentemente, a imagem adquire novo estatuto cognitivo, passando de desacreditada por produzir enganos e ilusões, à peça fundamental do projeto epistemológico em um mundo em transição.

A transparência afirma-se emblemática na experiência moderna, e, das vitrines de vidro à imagem fotográfica, do corpo radiografado à captura do gesto no cinema, o indivíduo moderno se deslumbra com a possibilidade de ver. A mudança de plano na exposição das imagens, que transforma o ato de ver em espetáculo, produz/potencializa a publicidade, fundando as bases do consumo emocional, na extensão da personalidade do comprador aos objetos adquiridos (COSTA, 2004, p. 152-158).

Em fins do século XIX e início do século XX, frente à superestimulação dos sentidos, a descontinuidade das impressões e a efemeridade das sensações, a vida real era cada vez mais vivida como um espetáculo na florescente cultura de massas, enquanto que os shows passavam a mimetizar a vida nas sociedades ocidentais.

Charney (2004, p. 317-334), referindo-se ao trabalho de Benjamin, considera que “a irrupção da modernidade surgiu nesse afastamento da experiência concebida como uma acumulação contínua em direção a uma experiência de choques momentâneos que bombardearam e fragmentaram a experiência subjetiva como granadas de mão” (BENJAMIN, 2004, p. 328).

O surgimento da psicologia da percepção como área de interesse científico no século XIX ilustra esta passagem¹¹. A preocupação em esmiuçar e compreender as várias etapas que compõem, fragmentariamente, o processo perceptivo e o processo sensorial já explicita os arenosos territórios experienciais a que os indivíduos da modernidade eram lançados.

¹¹ Cf. o trabalho da busca pelos elementos básicos da sensação desenvolvidos por Wilhem Wundt, em 1879, no laboratório de Leipzig, Alemanha in p/ex., DAVIDOFF, Linda. *Introdução à Psicologia*. São Paulo: Pearson, 2000.

De fato, não casualmente, a atenção se tornou campo de investigação discursiva naquele período principalmente, na à época, recém-criada, “ciência psicológica”.

Crary (2004, pp. 67-94) considera que a atenção não foi apenas umas das áreas de experimentação psicológica, mas que a emergência dessa categoria foi fundamental para a constituição da psicologia.

Muitas das áreas cruciais da pesquisa _seja de tempos de reação, de sensibilidade sensorial e perceptiva, de ato reflexo ou de respostas condicionadas_ pressupõem um sujeito cuja atenção era o local de observação, classificação e mensuração. [...] Não era uma questão, então, de uma atividade neutra, intemporal, tal como respirar ou dormir, mas [...] do surgimento de um modelo epistemológico de comportamento que tinha uma estrutura histórica e era articulado em relação a normas determinadas socialmente. (CRARY, 2004, p. 80)

A crescente importância da atenção como problema científico indica pistas reveladoras da crise perceptiva generalizada que as pessoas viviam em meados do século XIX.

Espremidas entre as demandas de atenção das instituições totais (dos trabalhadores nas fábricas, dos estudantes nas escolas, dos soldados nos quartéis, etc.) e a pulverização do foco pelo excesso de estimulação sensorial que as metrópoles favoreciam, a atenção e a dispersão passaram a ser compreendidas como dinâmismos complementares.

Por exemplo, na Paris do final dos oitocentos _epicentro europeu da nascente indústria do entretenimento_, o Guia Cassel de 1884 enfatizava que na cidade sempre havia “algo a mais a ser visto” (SCHARTZ, 2004, p. 337), o que inclusive abrangia as visitas ao necrotério.

Embora a exposição de cadáveres ao público fosse justificada pela necessidade de identificação dos mortos, a verdade era que o necrotério era celebrado como um grande teatro que complementava as narrativas dos jornais, que criavam enredos para os corpos encontrados na via pública, transformando em folhetins (logo em atração) as mortes anônimas da cidade (SCHARTZ, 2004, p. 337-360).

Emile Zola comentou que [o necrotério] [...] era um ‘show acessível a todos [...] a porta está aberta, entrem os que quiserem’ [...] A multidão alegre e sem remorso, vem ao teatro ocupar seu lugar [...] [em] uma das atrações mais populares de Paris. A identificação de corpos mortos foi transformada em um show (SCHARTZ, 2004, p. 339-340).

Importante destacarmos ainda o sucesso espetacular do corpo monstruoso no decorrer do século XIX, a indústria da produção de monstros que se compraz em riso e horror diante do corpo disforme, expressando a ânsia pelo espanto e estimulação do imaginário. De acordo com Stiker (2008, p. 364), a ascensão do cinema conduz à decadência dessa prática, até que elas desapareçam do tecido cotidiano.

O espectador ávido por olhar transita imerso em um mundo acelerado em que as imagens se sucedem ininterruptamente. Para Baecque (2008), talvez tenha sido a percepção de que os corpos também estavam se transformando sob efeito das novas discursividades científicas e da modernização da sociedade que tenha originado o desejo de contemplar os corpos nas telas, prolongando a permanência de *“corpos extraordinários do circo, do palco, dos parques de diversão, reconstituí-los, manter a sua imagem, a fim de [estejam] sempre visíveis (...) O cinema registrava a vida de corpos que iam, inevitavelmente, morrer mais cedo ou mais tarde. E, por isso mesmo, se tornava um imenso jazigo de fantasmas.”* (BAECQUE, 2008, 484)

Nessa cultura imagética, o corpo também se reconfigura, a ponto de Courtine afirmar que:

O século XX [inventou] teoricamente o corpo [...] [primeiro na enunciação da] psicanálise [de] que o inconsciente fala através do corpo [...] [levando em conta que] a imagem do corpo faz parte da formação do sujeito [...]; [segundo] pela fenomenologia [...] [que fez] do corpo a encarnação da consciência, seu desdobramento no tempo e espaço como ‘pivô do mundo’ [...]; [terceiro] pela antropologia [que inseriu o corpo] nas formas sociais da cultura.” (2008, p. 497).

Ou ainda:

No século XX, o corpo singular fez [...] sua entrada na ciência e também no direito. Até então, somente o Código Penal abordava o corpo [...] o Código Civil ignorava-o e não conhecia senão a pessoa abstrata. A partir de agora, a

individualidade da pessoa se acha ligada à integridade do corpo que o direito procura definir, regulamentar e proteger [...], o corpo é reconhecido como sujeito de direitos e deveres.”(MOULIN, 2008, p. 52)

Anonimato, individualização, fugacidade das sensações, instantaneidade do tempo, atravessaram e constituíram as subjetividades modernas aumentando a solidão pela perda dos contatos interpessoais. Em contrapartida, a multiplicação de narrativas da indústria cultural (jornais, revistas, cartazes, filmes) dirigidas às massas ofuscou o esvaziamento dos vínculos no sentimento de contato pela informação.

Como alertaram, dentre outros Simmel (1974, p. 11-25) e Benjamin (1987, p. 114-119), o excesso de estímulos da modernidade capitalista foi crucial nas mudanças que atravessaram a estrutura da experiência nas grandes concentrações urbanas.

A intensificação das estimulações sensoriais no cotidiano das metrópoles dos oitocentos e início dos novecentos trouxeram consigo a valorização das imagens, das impressões evanescentes e da aceleração temporal.

4.6 Por trás das lentes do espetáculo: a projeção das imagens e a crise das representações

Concomitantemente à crescente mediação das relações humanas pelos novos processos tecnológicos e telecomunicacionais, o advento da Primeira Guerra Mundial, no início do século XX, abalou fortemente a confiança ocidental nos paradigmas da modernidade, no que Guillebaud nomeia como abatimento das “ideias matrizes” (2003, p. 35).

Efetivamente, o racionalismo individualista do século XIX, a crença hegeliana no progresso histórico, a fé depositada na evolução da ciência e da cultura, foram colocadas em dúvida diante da hecatombe de 19 milhões de mortos do conflito bélico.

O massacre produzido nos campos de batalha entre 1914 e 1918 _possível em grande parte devido às evoluções tecnológicas que permitiram a construção dos armamentos usados, precipitou a sociedade europeia em uma série de perplexidades e questionamentos durante as décadas de 1920 e 1930.

Naquele contexto, a priorização dada ao “nós coletivo”, que culminou no desperdício de milhões de vidas humanas na guerra, repercutiu negativamente nas esferas políticas e sociais, evidenciando-se na proliferação de discursos que aumentavam a significação do “eu individual” em contraste com o social. (GUILLEBAUD, 2003, p. 36-40)

As vanguardas artísticas da época expressaram criticamente o desejo de ruptura com as formas tradicionais, incluindo as coerções políticas, econômicas e familiares, na abertura a novas formas de percepção e pensamento.

Para Jappe (1999, p. 196-197), todavia, as propostas artísticas foram, em grande parte, capturadas pelo poder hegemônico, pois “ efetivamente, foi possível assistir à abertura de novas vias e ao abandono dos modos tradicionais, não para libertar a vida dos indivíduos de vínculos arcaicos e asfixiantes mas, sobretudo, para destruir todos os obstáculos à transformação social do mundo em mercadoria”.

4.7 Sombras e assombros da imagem

Diante da estrondosa derrocada dos ideais racionais no pós 1ª Guerra Mundial, as imagens emergiram como referência utópica, e a criação da propaganda e marketing, na década de 1930, é um exemplo desse processo.

Destaque-se que o uso de imagens, inclusive cinematográficas, foi estratégia brilhantemente utilizada pelo nazismo, na difusão das ideias do sistema desde meados dos anos 30, e a nomeação de Josef Goebbels como Ministro do Reich para Propaganda e o Esclarecimento Público, em 13 de março de 1933 exemplifica o interesse em usar a propaganda como estratégia útil para adesão das massas ao ideário hitleriano.

As deslumbrantes produções cinematográficas de Leni Riefenstahl, cineasta favorita de Hitler, revelam, em grandes planos, a beleza dos corpos e da juventude alemães que, todavia, são pouco apresentados em closes, foco mais usado na apresentação da pessoa do ditador.

Em “O Triunfo da Vontade”, de 1934, por exemplo, as figuras humanas são apresentadas como sombras que se contrapõem à luminosidade das construções urbanas de Nuremberg, o que

traduz exemplarmente a concepção nazista de que a morte do indivíduo é desprezível frente à continuidade da “raça e cultura alemãs”.

Consoante as palavras de Goebbels, gênio da propaganda nazista:

A árvore mais alta teve um período de crescimento maior. O que resiste a séculos, só se torna forte em séculos. O brilho da chama de nosso entusiasmo nunca pode ser extinto. Ele sozinho é capaz de difundir a arte inovadora da propaganda moderna com sua luz e calor.

O uso da propaganda foi primordial na dessensibilização dos alemães _e também dos próprios grupos excluídos_, às crescentes restrições de direitos individuais impostas pelo governo nazista desde 1935, com a promulgação das Leis de Nuremberg, dentre elas a Lei para Proteção do Sangue Alemão que vetava casamentos entre judeus e arianos (DE GRAND, 2005, p. 108). Na verdade, o desejo das massas populares pelo totalitarismo do sistema foi, em grande parte, fruto da complexa situação social vivenciada no período: a queda do Kaiser; a derrota na 1ª Guerra Mundial; a degradação pública da Alemanha; o enfraquecimento da imagem masculina (derrotado na guerra e sem a referência do imperador); enfim da perda de referências tradicionais, mas, além disso, a publicidade também se constelou como elemento fundamental de propagação dos ideais arianos entre as massas.

A identificação com o poder e a diluição da responsabilidade por reprimir, deletar e controlar os “outros” (ou até a si próprios) entre vastas parcelas da população permitiu que a gestão do corpo social fosse maximizada até seu paroxismo.

Segundo assevera Koonz (2005, p. 169-172), as Leis de Nuremberg produziram graves consequências na sociedade germânica e o antissemitismo migrou das “ruas para os escritórios, [para] as vizinhanças e [para] a vida privada”, naturalizando a violência cometida contra residências, lojas e sinagogas judias.

Também os alemães de “sangue ariano” enfrentaram obstáculos e limitações a seus direitos, como a redução do acesso ao ensino superior e as políticas de exclusão das mulheres do mercado de trabalho, no incentivo à mera profissionalização técnica e à permanência das “fêmeas” no lar (DE GRAND, 2005, p. 146-147).

Muito embora, associemos como característica mais nociva do nazismo a ojeriza à alteridade, que desembocou inclusive no holocausto de judeus, ciganos, homossexuais, etc., consideramos que um ponto pouco destacado do totalitarismo de Hitler consiste no esvaziamento da figura do indivíduo racional moderno, que é associado tão somente ao seu corpo, seja sob a forma da vida nua descrita por Agamben (2008, p. 9) nos campos de concentração (ou seja, os corpos dos não-arianos, dos judeus, dos deportados), seja sob a forma de desindividualização das massas arianas, que incita o apagamento do indivíduo separado dos demais, na ênfase em pertencer à “raça alemã”.

Na massificação do indivíduo e na supremacia do corpo sobre a interioridade reside a mais radical inovação do nazismo, o que está na base da passividade das consciências individuais frente à violência praticada pelo sistema nazista.

A demonização do individualismo burguês como responsável pela decadência alemã e a criação de valores antagônicos ao humanismo e racionalismo iluminista _que desembocou no projeto de reeducação da sociedade a partir da concepção de cidadania racial, são pilares constitutivos do processo de subjetivação nazista, em que o **corpo passa a representar o sujeito na aspirada sociedade de massas nazista.**

Como Primo Levi destaca em “É isso um homem?”:

Pela primeira vez nos damos conta de que a nossa língua não tem palavras para expressar essa ofensa, a aniquilação de um homem. [...] A realidade nos foi revelada: chegamos ao fundo. [...] Nada mais é nosso [...] se falarmos, não nos escutarão _ e, se nos escutarem, não nos compreenderão [...] Aprendi que sou um Häftling. Meu nome é 174.517. (1988, p. 24-25)

Ou nas palavras de Eugène Guinzberg, referindo-se a um comando do campo de concentração de Elguen:

Não se tratava de um sádico [...] Simplesmente, ele não nos via, porque sinceramente não nos considerava como seres humanos. (GUINZBERG, 2008, p. 425)

A eficácia nazista reside principalmente em fabricar um novo estatuto subjetivo. O processo de subjetivação nazista ressignifica a própria noção de indivíduo, na medida em que o corpo, a dimensão biológica do humano, assume a primazia frente às práticas humanistas longamente acalentadas e incubadas desde o Renascimento.

Nunca, como nas políticas raciais nazifascistas se evidenciou de forma tão veemente a relatividade da identidade humana, pois em poucas décadas se desmontou a secular concepção de homem singular e interiorizado, substituído rapidamente pela supremacia da raça, do corpo ariano per se.

Na narrativa construída pelo nazismo, a própria figura de Hitler foi remodelada, sendo ele sempre filmado de um nível inferior para o superior, o que imprimia no espectador a perspectiva da grandiosidade do líder nazista, já que o fato de ser ele um homem de baixa estatura se revelava incompatível com o modelo referendado pelo sistema.

4.8 Publicidade e sociedade espetacular no pós-guerra

No pós 2ª Guerra Mundial, paralelamente à desconfiança crescente que cercou o espaço político, espalhou-se um sentimento de euforia pela sobrevivência ao conflito bélico.

A coexistência entre o progressivo desinteresse pelos temas “mais sérios” da arena pública e o aumento da valorização do bem-estar individual foi estrategicamente utilizada pela publicidade que passou, entre os anos de 1950 e 1960 a substituir a imagem da coisa que se pretendia vender por referências imagéticas humanas, na associação dos artigos a inúmeras qualidades e características almejadas pelos compradores.

A sofisticação do discurso publicitário passou a considerar que se deveria *vender* “*não o sabonete, mas o sonho de beleza, não as latas de sopa, mas a felicidade familiar (...), pois o triunfo do mercado de massa se baseava na satisfação de necessidades tanto espirituais quanto materiais dos consumidores.*” (HOBSBAWN, 2009, p. 22)

A divulgação de figuras humanas como *imagens-referências* e não diretamente dos produtos tornou-se comum durante quase toda a segunda metade do século XX, período de apogeu das agências de propaganda.

A democratização do consumo a partir dos anos de 1950 permitiu o acesso inédito das massas a um estilo de compra mais psicologizado e individualizado, na valorização da moda, das atividades de lazer, dos bens duradouros como objeto de desejo de consumo.

A representação sobre o lazer deixa de estar articulada com a possibilidade de “ser permitido fazer algo”, para se tornar a expressão de uma liberdade individual. Ela se transforma no tempo que se pode dispor, não mais dentro, mas fora do mundo do trabalho. Não mais surrupiado em meio a tarefas e responsabilidades [...] mas quase um direito. (DEL PRIORE, 2010, p. 45)

A paixão pelo novo, o desejo incessante dos bens comercializados, a satisfação com a compra caracterizam a difusão do consumo como projeto e objetivo das sociedades ocidentais (LIPOVETSKY, 2007, p. 23-32).

Segundo Lipovetsky, diversamente da experiência do consumo orientado para a ostentação ao outro, que foi o modelo hegemônico entre o Pós Segunda Guerra e os anos de 1970, hoje as motivações para consumir se relacionam com a possibilidade de autossatisfação, de reconhecimento autorreferente do próprio valor subjetivo, como indicam os anúncios publicitários: **“L’Oréal porque eu mereço”**, **“Marisa para a pessoa mais importante da sua vida: você!”**. (LIPOVETSKY, 2007, p.41)

Na análise desenvolvida pelo autor supramencionado, até fins dos anos 70, a predominância das referências políticas, religiosas, e culturais atrelava o consumo aos mecanismos de coesão de classe, padronizando o consumo de forma conformista e mimética aos modelos indicados pelos grupos a que os indivíduos pertencessem.

Desde os anos 80, entretanto, novas composições vêm modulando os hábitos consumeristas, pois, à medida que as regulações se desagregam, surgem novas aspirações e comportamentos, tornando os consumidores mais imprevisíveis e voláteis, pelo dimensionamento do gozo individual obtido com o consumo.

Já não esperamos tanto que as coisas nos classifiquem face aos outros, mas que nos permitam [...] ter mais mobilidade, usufruir de sensações, viver experiências, melhorar a nossa qualidade de vida, conservar a juventude e saúde. (LIPOVETSKY, 2007, p. 36)

Em viés complementar, Costa (2004, p. 228) defende a ideia de que outras redes de autoridade dominam o imaginário atualmente: a ciência e o espetáculo.

Analisando a sociedade-espetacular e sua moral de entretenimento, ele discute a substituição da **autoridade** pela **celebridade**. Todavia, os ideais morais desses novos modelos-celebridades são evanescentes com o próprio sucesso espetacular, pois devem durar o instante do *flash* midiático.

Assim, enquanto a autoridade presentificava a aliança entre notoriedade e talento, no reconhecimento do status social em função de valores intelectuais, políticos, artísticos, etc.; a celebridade não necessita ser portadora de predicados excepcionais, mas apenas se adaptar ao modelo pasteurizado que “aparece”, usando o sucesso e a visibilidade para entreter.

Em sua crítica à economia capitalista e aos absolutismos comunistas de meados do século XX, Debord (1997) analisa que os indivíduos são atravessados pela formação de uma “realidade-espetáculo” que funciona enredando discursos e práticas para a suspensão da capacidade de ação e reflexão crítica humanas.

A imagem construída e escolhida [...] se tornou a principal ligação do indivíduo com o mundo que, antes, ele olhava por si mesmo [...], é evidente que a imagem será a sustentação de tudo, pois dentro de uma imagem é possível justapor sem contradição qualquer coisa. O fluxo da imagem carrega tudo [...] não deixa qualquer tempo para reflexão [...], independente do que o espectador possa entender ou pensar [...], o espetáculo tem o direito de contradizer a si mesmo, de retificar seu passado. (DEBORD, 1997, p. 188)

Debord tece especial atenção à articulação entre a sociedade espetacular e determinadas práticas sociais, sendo o espetáculo simultaneamente resultado e projeto do modo de produção existente. Em suas palavras: “O espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediada por imagens. (...) É uma visão de mundo que se objetivou.” (1997, p. 14)

Segundo o autor, em um mundo que o social é fetichizado, a sucessão de imagens midiáticas determina o que os sujeitos devem pensar, admirar, evitar. Nesse contexto, as

capacidades crítica e reflexiva são suspensas, pois a realidade deixa de ser o que se percebe e existe para se tornar o que os meios de comunicação decidem que deve ser aceito e divulgado. Nas palavras de Costa: “O espetáculo faz da aparência, inerência” (2004, p. 230).

Sennett (2008, p. 15), por sua vez, considera que, na realidade-espetacular produz-se uma “anestesia da consciência do corpo”, insensibilizando-o à violência diante da reiterada exposição a imagens e experiências intensas.

Na ácida crítica de Costa, os sujeitos são transformados em meros espectadores que, além de *assistirem passivamente* ao mundo com as lentes do espetáculo, também são incitados a imitar os estilos de vida dos famosos da mídia. Entretanto, diz ele, como é inacessível exibir as riquezas, poder político, talentos artísticos ou formação intelectual dos ilustres, o que sobra aos sujeitos comuns é a imitação da aparência corporal ditada pela mídia, a busca incessante do “*corpo-espetacular*”.

Nesse contexto, o *corpo-imagem* se configura como o produto por excelência, e a estratégia mais avançada do mercado consiste em inventar sujeitos para as mercadorias, ou seja, produzir (como se fossem “realidades virtuais”) comportamentos e sensibilidades artificialmente, tratando humanos como “subjetividades de prateleira” (NOVAES, 2005, p. 10).

É assim que funciona o negócio de ‘caçada ao cool’ [...]: quando um grupo [...] de consumidores alfa começam a falar ou comer, ou fazer compras de certo modo, as pessoas não cool os seguirão. [...] Em algum momento do desenvolvimento sociocultural as tendências passaram a ser ditadas de baixo para cima. (FONTENELLE, 2009, p. 25)

De forma perspicaz, os discursos publicitários enfatizam o apelo emocional e o “conceito” da marca como estilo de vida, associando a importância da marca a sensações subjetivas.

Nesse universo, qualquer coisa ou comportamento podem se tornar a “marca” da moda, e o próprio “eu” pode ser remodelado para se ajustar ao “*in*” da estação.

Paradoxalmente, o mesmo consumidor que se pensa sujeito autodeterminado no desejo de consumir também se torna mercadoria na profícua rede de relações sociais atravessadas pelo mercado.

Nesse sentido, a exposição se torna insígnia máxima para o sujeito-mercadoria, que deve se reinventar sempre, demonstrando jovialidade, beleza e competência, sob o risco de perder espaço no mercado de trabalho e/ou no “mercado de trocas afetivas”.

Não é à toa que hoje estejamos tão atentos à vida dos objetos. De fato, nós nos identificamos com eles, já que cada vez mais claramente consumimos “relacionamentos” afetivos e profissionais, e também somos consumidos por essa lógica.

Nas palavras de Haraway:

As máquinas do final do século XX tornaram completamente ambígua a diferença entre [...] aquilo que se autocria e aquilo que é externamente criado. [...] Nossas máquinas são perturbadoramente vivas e nós mesmos assustadoramente inertes. (2009, p. 34)

Assim, objetalizados, nos expomos como mercadorias de valor econômico na acirrada disputa por trabalho, ou como mercadorias de valor emocional nas relações amorosas, de amizade ou apenas de contatos sociais superficiais.

Interessantes os mecanismos de capitalização dos contatos interpessoais desenvolvidos por gestores de sites: o Facebook, por exemplo, transformou “cada usuário da rede em um eficaz instrumento de marketing” monitorando cada transação comercial efetivada por usuários e depois divulgando tais informações aos “amigos e conhecidos” como forma de suscitar demanda pela marca, ou ainda escolhendo como embaixadores de um determinado produto usuários com *fotoblogs* de sucesso, que poderiam divulgá-lo em suas redes sociais (SIBILIA, 2008, p. 22-23).

Como alerta Bauman, em uma sociedade de consumidores, “*o segredo mais bem guardado é a transformação dos consumidores em mercadorias*” (2007, p. 26).

4.9 Subjetividades virtuais

Como estamos analisamos, a invenção da imagem-espetáculo como modo de expressão e cultivo da identidade vem sendo decisiva na fabricação de alguns modos de ser do sujeito

hipermoderno e para isso se fez (e continua se fazendo) uso maciço da publicidade e dos meios de comunicação de massa, como o cinema, o rádio, a televisão e a internet.

A invenção da fotografia e o advento do cinema em fins do século XIX se constituíram como novas metáforas narrativas do “eu”, e o culto à personalidade, como expressão do charme e do fascínio pessoal substituiu o puritanismo orientado para a honra, a moral e o trabalho duro que era paradigma nos oitocentos, “*o papel exigido de todos na nova cultura [passou a ser] o de artista. [Toda pessoa] iria se transformar num eu intérprete.*” (GABLER, 2000, p. 188)

Gabler considera que a indústria do entretenimento foi a matriz fundamental do homem moderno, que se construiu através da identificação com as narrativas fílmicas. O apelo do cinema, por exemplo, despertava os mais nobres sentimentos e esperanças, bem como as repulsas mais abjetas, modulando milhões de pessoas a confiarem no efeito das aparências para conseguir os objetivos desejados.

O mesmo autor alude, igualmente, à associação entre a lógica do consumo e o entretenimento, que estrategicamente usa os recursos do espetáculo para vender. Assim, desde a escolha de luzes teatrais, vitrines cuidadosamente montadas, música ambiente, tudo é utilizado para tornar o ato da compra um entretenimento nas lojas e magazines.

Hoje em dia, por exemplo, são dignas de nota as novas estratégias de marketing sensorial que, através do despertar dos sentidos, seduzem os consumidores. Ambientes perfumados, espetáculos com sons e imagens exploram cinesteticamente as qualidades táteis, auditivas, olfativas, visuais dos consumidores, estimulando a aquisição não apenas do produto, mas também da “impressão” da marca.

Na extensão desse modelo, Gabler avalia que a vida foi ficando cada vez mais parecida com um filme, onde a identidade virou um papel, e a vida diária, um espetáculo.

Na atenta observação de Warhol: “*Um dia da minha vida é como um dia de televisão. [...] No fim do dia, o dia inteiro será um filme. Um filme feito para a televisão.*” (2000, p. 218)

No aprendizado da interpretação de si mesmo, o *eu-ator* é roteirizado, dirigido e caracterizado por ele mesmo, muito embora, se submeta a fórmulas padronizadas que permitem a identificação do “estilo de vida” que se quer personificar.

O indivíduo via um gênero de vida ao qual aspirava e com o qual se sentia confortável e começava a entrar no papel que se encaixasse no enredo. [...] Você se vestia como eles se vestiam, agia como eles agiam, associava-se com o mesmo tipo de gente com que eles se associavam. (GABLER, 2000, p.220)

No desempenho do filme-vida, exigimos que a vida se acomode às solicitações das imagens, e as emoções passam a ser moduladas pelos moldes do entretenimento e do espetáculo.

As novas tecnologias imagéticas maximizam este potencial de exposição, e o uso _tanto das câmaras de vídeo quanto da internet para se exhibir, parece colocar em segundo plano o valor da própria experiência, que se configura como base plástica para a performance.

Na verdade, o advento da internet alargou infinitamente as possibilidades de exposição dos sujeitos que participam da moldura computacional, na transmutação de uma “óptica passiva para a óptica ativa”, prenunciada por Virílio (1994, p. 103).

A proliferação de certos blogs exemplifica bem este processo: pessoas transmitem em tempo real tudo o que acontece em suas vidas, durante as 24 horas do dia, em um *reality show* pessoal. Objetivo: serem vistas pelo maior número de espectadores. Na tela, o show: a vida.

Como outro exemplo destaca-se a escolha da **personalidade** do ano de 2006 pela revista Time: **você, ou seja, cada um de nós, leitores comuns da publicação!** (SIBILIA, 2008, p. 8)

Segundo a revista, a escolha de *cada um de nós* como personalidade daquele ano se justificava diante das incontáveis transformações produzidas pela “era da informação”.

O fato de que cada um isoladamente ser responsável pela divulgação e compartilhamento de informações através de blogs, de redes sociais, de contatos mediados pelo celular e MSN torna a **cada um**, o protagonista pelas mudanças (reais ou virtuais) na política, publicidade, artes, contatos interpessoais.

De fato, como ressaltou a magazine, os leitores e espectadores que costumavam ser passivos diante da indústria da mídia teriam assumido as rédeas dos meios de comunicação social, tecendo uma nova democracia digital, inclusive pelo **trabalho de graça**, que suplantou a própria mídia profissional (SIBILIA, 2008, p. 9).

A interatividade e controle que acontecem de maneira menos visível através do *zapping* televisivo (estratégia que desliza novas ficções através dos cortes aleatórios dos espectadores

comuns) vêm reestruturando os meios de comunicação social através da internet, multiplicando ao infinito os possíveis discursos, críticas, tensionamentos, etc., sobre qualquer coisa.

Entretanto, apesar da inegável possibilidade de uso das mídias digitais como mecanismos de resistência, inovação e diferença, parece também inquestionável que se banalizam cópias descartáveis do *mesmo* na rede digital. Mais do que criatividade, evidencia-se seu avesso no culto à banalidade e mediocridade na maior parte do conteúdo circulante na *web*. Na submissão à engrenagem do sistema capitalista, atualmente o potencial criativo vem sendo sistematicamente capturado pelo mercado, que estimula as forças vitais e depois, na maior parte das vezes, as captura, transformando-as em mercadorias.

O poder da máquina midiática pulveriza inclusive o fato de que somente 1/7 da população mundial tem acesso à internet, sendo a rede (ainda?) um instrumento elitista¹² (SIBILIA, 2008a, p. 23).

Entretanto, partindo do princípio que o governo político e econômico do planeta é originário dessa mesma elite, que maquina grande parte dos modelos, das regras de convívio e das aspirações que nos atravessam, não é surpreendente que os excluídos permanecem invisíveis (ou seja, inexistentes) para a sociedade espetacular.

4.10 “Que importa restarem cinzas se a chama foi bela e alta?”

A primeira imagem do filme “Queime Depois de Ler” focaliza a superfície do planeta Terra do espaço. Na aproximação do foco, os cineastas se detêm em um pequeno quadrilátero onde as edificações se assemelham a escritas antigas, cujo significado parece ter se perdido na história...

A referência de que os acontecimentos devam ser superficiais e incompreensíveis se mantém constante no decorrer das cenas e a menção dos agentes que comunicam a Osborne que ele será “desligado” da “Inteligência” soa irônica: “Isso não precisa ser desagradável.”

Também em busca do “agradável”, a personagem de Linda dialoga com seu cirurgião plástico:

¹² Nada surpreendente diante da estatística de que cerca de 40% da população mundial não tem acesso sequer ao uso do vaso sanitário.

_ "O que faremos com os olhos? As janelas da alma?"

_ "Faremos uma pequena incisão, mas não esticaremos demais. É preciso folga para o rosto continuar expressivo. Mas, se você quiser retirar a cicatriz da vacina..." _ ele responde.

Contraditoriamente, a busca ansiosa pela estética perfeita distancia os protagonistas do filme da contemplação e da busca de sentido, atitudes que guardam forte vínculo com a estesia e a ética.

A qualidade de manter acesa a surpresa e a capacidade de estranhamento é provocada por cada cena de "Queime Depois de Ler", produzindo afetações e inquietações que nos permitem refletir sobre os deslizamentos que atualmente transformam o velar (como cuidado) no velar (como esquecimento e ocultação).

Acreditamos que tais atitudes se relacionam com importantes transformações que atravessaram o século XX.

A constituição do mundo-imagem, núcleo do paradigma espetacular, se articula com a difusão de um novo processo de subjetivação que vem subvertendo a equação subjetiva que se consolidou nos últimos séculos.

Consideramos que a antiga primazia do sujeito sobre o corpo vem sendo redimensionada diante da constituição de um "eu-corpo", seja como imagem, seja como informação.

O ponto nodal desse processo de produção subjetiva reside na inversão da equação moderna, em que o sujeito **tinha** um corpo. Na hipermodernidade, o corpo passa a **ser** o sujeito; e a aparência, as imagens corporais, bem como o deciframento do código genético e o funcionamento do cérebro passam a compor e definir a subjetividade.

Neste novo processo de produção de subjetividade, os valores individuais são priorizados como objetivos primordiais da equação que identifica o humano ao corpo jovem, saudável e belo.

Problematizar as enormes tensões construídas pelas sociedades ocidentais, entre o cuidado com a imagem corporal das classes médias e a crescente e esmagadora indiferença aos corpos que sobram e são exterminados pelas infinitas práticas de invisibilização dos miseráveis, são alguns dos possíveis neste momento histórico, e cabe a nós apostar em práticas que se inquietem com a mais nova naturalização do humano, que nesse momento está produzindo **o corpo que é o sujeito**.

Avaliamos que a atenção à memória é parte indissociável desse processo e, no investimento de um lembrar ético, procuraremos, no próximo capítulo, dialogar com eXistenZ, filme de David Cronenberg e a produção do corpo como informação, pois acreditamos que a abertura ao encontro ético é possível, onde os afetos nos permitam partilhar a estranheza e sedução do gosto pelo possível e pelo impossível, investindo como fala Peixoto (2007, p. 436-451):

Na capacidade de despertar o olhar dos homens e da natureza, [...] contemplar a cidade, permitir que ela se configure como paisagem, em vez de construí-la como cenário. Respeitar a estrutura, o tempo, a história do lugar. [...] Que fazer ante o intolerável do mundo e, logo, a impossibilidade de pensar, de retratar? Acreditar [...]. Não em um outro mundo, mas na ligação do homem com este mundo. Reatá-lo novamente ao que ele ouve e vê.

“Meu corpo é virgem em termos eletrônicos. Não faz parte de mim nenhum chip de silício, nenhuma implantação na retina ou no labirinto, e nenhum marca-passos. E nem uso óculos (porém, eu uso roupas), mas estou me transformando cada vez mais e mais em um ciborgue. E você também. Em breve, e ainda sem precisar de fios, cirurgias ou alterações corporais, nós todos vamos ser parentes dos ciborgues (...). Talvez nós já sejamos. Porque não vamos ser ciborgues não apenas no sentido superficial de combinar carne e fios, mas no sentido mais profundo de simbioses de ser humano e tecnologia: sistemas de pensamento e raciocínio cujas mentes e selves estão difundidas através do cérebro biológico e circuitos biológicos. Porque seres humanos, eu quero convencer você, são ciborgues.” (CLARK, 2003, p. 32)

“Se todas ou a maioria das atividades cerebrais puderem ser mapeadas, digitalizadas e estocadas, o corpo da pessoa poderá morrer, mas seu cérebro viver para sempre gravado em um chip? Teoricamente sim. (...) Ao compreendermos o cérebro, podemos imitá-lo. Basta traduzir as ondas de informações emitidas, decodificá-las com algoritmos e copiá-las em computadores.”

(VILICIC, 2012, p. 84-91)

5 EXISTENZ: o corpo-cibernético ou o código informacional do orgânico

“eXistenZ” nos conduz, através de labirínticos caminhos, a uma séria reflexão sobre o poder das biotecnologias na constituição do mundo atual.

Já as primeiras imagens do filme revelam formas que lembram pedaços de tecido humano: pele, tecido nervoso, tecido conjuntivo, sem que, entretanto, fiquemos convictos do que representam aquelas imagens, ambigualmente também parecidas com elementos maquínicos, ampliando-se em uma pluralidade de sentidos.

“eXistenZ” é o nome de um novo game criado pela aclamada programadora de jogos eletrônicos, Allegra Geller, o qual permite que seus participantes ingressem no ambiente virtual, experimentando as sensações do game como realidade. Porém, para acessar seu conteúdo e entrar no programa, seus participantes devem se conectar através de “bioportas” instaladas em seus próprios corpos.

Paradoxalmente, Allegra é triste, só encontrando satisfação enquanto joga “eXistenZ” com um parceiro “amigável”. Para isso convence Ted Pikul, seu guarda-costas, a introduzir uma “bioporta” em seu corpo, por onde possam efetivar o download do sistema.

O acesso ao download do game os desconecta do que ocorre ao redor, exigindo que se submetam às novas identidades que se apossam deles em cada novo nível do jogo. Como “eXistenZ” intercala vários níveis de consciência em suas fases, a partir do momento em que ingressam no jogo, ambos não têm mais certeza sobre a realidade da experiência que vivem, sem saber se estão jogando, ou não.

A relação com o corpo é parte fundamental deste processo, pois “eXistenZ” é movido pela energia física de cada participante, integrando-se ao seu sistema nervoso para funcionar.

Na verdade, “eXistenZ” é uma composição híbrida, sendo formado por partes orgânicas (ovos de anfíbios fertilizados por DNA sintético) e componentes informáticos.

Na interação com as necessidades de “eXistenZ”, os implantes de “bioportas” adquirem interesses próprios, desejando visceralmente se conectar ao jogo, independentemente da vontade de seus portadores.

A submissão do sujeito aos apelos e excitações do corpo vai se tornando mais evidente, e informa quem protagonizará o conjunto de intenções, aspirações e ações daquele momento em diante.

De fato, em um momento da película, Ted afirma:

“ _ É estranho. Estou com muita vontade de matar aquele homem”.

No que é respondido por Allegra:

“ _ Não se contenha. Faça o que seu personagem tiver vontade de fazer”.

A possibilidade de interferir na atmosfera do jogo também é reduzida, diante da emergência das identidades que compelem os participantes a adotar determinados comportamentos.

“ _ É óbvio que o livre arbítrio não é um fator importante neste mundo.” _ critica Ted.

“ _ Como na vida real. ” _ retruca Allegra.

No filme, através da apresentação da identidade cibernética dos protagonistas, Cronenberg passeia pela concepção do corpo como ente que existe a partir das informações que o atravessam, relacionando o organismo ao conteúdo informacional que pode transformá-lo.

O paralelismo entre a biologia e a tecnologia não nos parece casual, remetendo a um dos paradigmas dominantes deste nosso momento histórico, no agenciamento entre biologia molecular, engenharia genética e processos digitais.

A virtualidade, aliás, é a metáfora escolhida por David Cronenberg para apresentar a capacidade de absorção esponjosa da tecnociência atualmente, que fagocita quaisquer elementos de outro sistema para o interior de seu próprio código.

Vislumbramos, nessa ficção, que o cineasta acena para a possibilidade de que qualquer um possa ser qualquer coisa, a partir da introdução de códigos e informações, plasmando identidades virtuais como as experimentadas no interior do game.

Nada muito distante das recentes pesquisas que vêm apontando a subjetividade como organismo pré-determinado por suas inscrições genéticas, hormonais ou cerebrais, em última análise, determinado por códigos que informam o que ela é...

Se toda cultura é emoldurada por mitos que a referendam, a biotecnologia talvez represente uma das alegorias mais presentes dessa era.

Pensar sobre as origens desse discurso e os impactos subjetivos na incorporação desse modelo é a tarefa que estamos começando...

5.1 Do conhecimento das origens ao controle do futuro

O século XIX foi pródigo no desmonte de códigos tradicionais no mesmo ritmo da aceleração do capitalismo industrial. A publicação de *A Origem das Espécies*, em 1859, é expressiva dessa transformação, pois remete, em última instância, à coragem da busca do conhecimento sobre a origem do mundo, até então justificada pela presença invisível de Deus.

A perspectiva evolucionista da *seleção natural* proposta por Darwin, e seu delicado equilíbrio entre permanência e mutação, acaso e necessidade, aleatoriedade e seleção, se revelou, apesar das inúmeras críticas que recebeu no período, uma cosmovisão muito adequada à sua época. De fato, a metáfora da evolução e da sobrevivência do mais apto sintonizava com a acirrada competitividade capitalista industrial, com o individualismo e o ideário do progresso difundidos na ascensão do capitalismo urbano e fabril, então imperante.

Em harmonia com as exigências daquele século, a natureza foi reordenada, deixando de ser um ambiente conformado com os desígnios do Deus criador, para se tornar um campo de batalha, onde a luta pela vida e a violenta eliminação dos incapazes era a regra, tal como compreendido pela teoria evolucionista. Paralelamente a isso, a crença na ideia de que o progresso “naturalmente” comandava a história humana se propagou na mais ampla gama de saberes, influenciando as esferas sociais, políticas e científicas.

A concepção de que o mais adaptado seria o mais bem sucedido fornecia a justificativa das desigualdades econômicas produzidas pelo capital, dando ainda margem para a difusão da eugenia, ciência formulada em 1883 por um primo de Darwin, *sir Francis Galton*, que objetivava melhorar a espécie humana, através da criação de um *ser superior*.

Embora a eugenia tenha sido desacreditada em função das experiências em seres humanos levadas a cabo por Hitler e seus asseclas, é fato que os discursos eugênicos se tornaram saberes bastante populares nos países industrializados entre as décadas de 1910 e 1930, embasando diversas políticas públicas de saúde e educação, em nações como EUA e, inclusive, Brasil. Nos Estados Unidos, por exemplo, são conhecidas as leis de esterilização dos “inferiores” e da migração seletiva, que impediam o ingresso de imigrantes suspeitos de portarem alguma “inferioridade biológica”. (SIBILIA, 2002, p. 148-149)

Tais exemplos deixam clara a importância assumida pela biologia após divulgação da teoria darwiniana. Entretanto, apesar da importância do discurso biológico durante o século XIX, as décadas que se seguiram deslocaram o protagonismo científico para a área da física, com as pesquisas desenvolvidas por Einstein e outros.

A descoberta da estrutura da molécula de DNA, em 1953, os avanços da investigação genética e das tecnologias de imageamento cerebral _eletro encefalograma em 1924; primeiras tomografias computadorizadas por Raios X em 1971; tomografias por emissão de pósitrons em 1974 e tomografias de ressonância magnética funcional desde 1991, reconfiguraram o campo de forças no final do século XX, reempossando a biologia ao estrelato científico.

A decodificação do DNA, texto bioquímico que funciona como um “manual de instruções” para todas as espécies, desemaranhou o “enigma da vida”. Ela passou a ser entendida unicamente como *informação*.

No prosseguimento das pesquisas, descobriu-se que o DNA (“alfabeto da vida”) é composto de apenas quatro letras que se combinam para formar todos os seres vivos, o que permitiu que, em 1973, cientistas americanos criassem a técnica do DNA recombinante, basicamente a inclusão de sequências de genes de uma espécie em outra espécie totalmente diferente, misturando-se, por exemplo, DNA de origem animal em um vegetal, ou vice-versa.

Em eixo paralelo e complementar, devemos ressaltar que, atualmente, sob bases distintas da “higiene racial” que embasava a eugenia no início do século XX, os discursos eugênicos vêm ressurgindo no imaginário científico e popular, com o argumento de favorecer maior desempenho nas performances, melhorias na qualidade e relação custo-benefício e elevação da eficácia econômica.

Assim, _desde a maximização do agrobusiness, com seus produtos transgênicos vegetais e animais (ou nem mais animais ou vegetais, mas ‘vegetoanimais’ híbridos, como as experiências de fabricação de tabaco com genes de hamster chinês, etc.); até as iniciativas de mapeamento do genoma humano e midialização da “genética comportamental”, que consiste na associação entre traços subjetivos e determinados genes, objetivando “corrigir” os “erros” genéticos, os discursos eugênicos estão reaparecendo com grande estardalhaço.

A reportagem de capa da Revista Superinteressante: O Segredo de Ser Você – O Futuro da Evolução Humana divulga:

Não se ofenda, mas o seu corpo não é muito diferente dos exibidos pelo pessoal que viveu há 200 mil anos. [...] A culpa não é sua. É da evolução, lenta que só. Mas isso está prestes a mudar. O homem descobriu um jeito de acelerar o processo [...] que decreta praticamente o fim daquilo que comandou as mudanças do nosso corpo até agora: a seleção natural. [...] Agora é o homem que vai dar uma turbinada em si mesmo. Talvez até a ponto de produzir uma nova espécie: o Homo evolutis. (NOGUEIRA, 2009, p. 84-85)

Ainda:

O futuro do seu corpo. Olhos que veem no escuro. Força sobre-humana. Seios maiores e sem silicone. Novas funções para o cérebro – e até um sexto sentido. Tudo isso já existe e logo estará em você. Conheça a mais radical transformação do nosso tempo: a reinvenção do corpo humano (NOGUEIRA, 2011, p. 57-65).

Muito embora, milhares de pesquisas científicas nacionais e internacionais estejam em andamento sob a justificativa de que possam “ajudar” a espécie humana e o mundo que vivemos, o fato é que seu financiamento obedece a interesses nem sempre explícitos, relacionados ao *status quo* dominante e, inclusive, aos objetivos de lucro de empresas privadas e instituições particulares de pesquisa, já que a produção de biotecnologia é especialmente cara, demandando investimentos contínuos e infraestrutura de alto custo.

Se cada gene é patrimônio individual, seria correto a sua patente por uma empresa privada [...]? Esta é uma das principais questões levantadas quando se pensa nos milhares de genes que [...] já foram patenteados por empresas privadas como [...]: o do Mal de Alzheimer — patente no 5.508.167, da Duke University, cedida à Glaxo; o da Hipertensão — patente no 5.589.584, da Fundação de Pesquisa da Utah University, cedida à Myriad Genetics; o da Obesidade — patente no 5.646.040, Millenium Pharmaceuticals, cedida à Hoffman-La Roche; o do Câncer do cólon — patente no 5.648.212, John Hopkins University, Fundação Japonesa para a Pesquisa do Câncer e Zeneca, dentre outros (BANDOUK, s/d).

Frente ao enfraquecimento dos Estados, os dispositivos legais nacionais pouco ou quase nada vêm limitando a manipulação genética, que atende, cada vez mais explicitamente, às demandas flutuantes do mercado e do capital globalizado.

Proteção da privacidade de seus genes. [...] Testes simples que poderiam revelar com rapidez a herança genética de uma pessoa também podem causar embaraço ou estigma. [...] As seguradoras poderiam recusar cobertura de saúde ou aumentar demasiadamente o prêmio a ser pago [...] e os empregadores poderiam recusar emprego e até mesmo demitir com base nesse tipo de exames. (ROTHSTEIN, 2008, p. 46-51)

Ou ainda:

2000 foi o grande ano da biotecnologia. [...] O Projeto Genoma provocou tanta euforia que os cientistas concluíram que logo teríamos um remédio personalizado para cada gene ou mutação genética capaz de gerar doenças em nosso corpo. [...] Com o anúncio de que o genoma estava mapeado, investidores colocaram US\$39,9 bilhões nas companhias do setor. [...] O pessoal só não contava com uma possibilidade: a demora em transformar a pesquisa genética em produtos. Em pouco tempo os investidores ficaram impacientes. (CINQUEPALMI, 2010, p. 52-61)

Também:

Mercadão genético: [...] Gene Partner: sediada na Suíça, vende testes em parceria com sites de namoro para garantir de vez que o encontro genético vai dar certo. [...] Já vendeu 1200 testes de compatibilidade pelo preço de US\$99,00 cada. [...] My fragrance: desenvolve perfumes personalizados usando o DNA do cliente. [...] Já vendeu ‘dezenas de milhares de perfumes’ por preços que variam de US\$80,00 a US\$400,00.”(PONTES, 2010, p. 68-71)

Em outra reportagem:

Qualquer um já pode ter o próprio genoma sequenciado. A Illumina oferece o serviço por US\$19.500,00. Para quem não tem tanto dinheiro, a opção é recorrer a empresas como 23andMe, Navigenics e DeCode. Estas não sequenciam o genoma, apenas o vasculham à procura de genes e mutações ligados a doenças

(como comparar o seu DNA com um gabarito e ver se há algo errado ali). Na 23andMe [...] o serviço custa US\$499,00. (PONTES, 2010, p. 52-61)

Também:

[...] - ‘Eu estava pensando em mandar as amostras do meu namorado para teste e fazer uma surpresa para ele. Acho que seria um presente incrível.’

-‘Claro, vai ser incrível. Você poderia surpreendê-lo com o teste de ancestralidade e depois com as informações de saúde’. (PONTES, 2010, p. 68-71)

As consequências éticas desses empreendimentos não são desprezíveis, pois cabe problematizar a quem compete decidir o que representa um “avanço” para a espécie humana e para as demais espécies vivas, quais critérios definem os atributos “positivos” que devem ser mantidos e os que devem ser “extirpados” através da engenharia genética, dentro outras questões controversas. No prenúncio de uma era de “tecnicização” humana, somos assombrados pela assimetria de poder entre os programadores e os programados e pelas possíveis consequências dessas práticas.

A publicação de diversos artigos científicos em revistas de grande circulação exemplifica o tema:

Em uma sociedade na qual as pessoas podem manter suas sequências de DNA em um chip de memória, a Justiça deve decidir quem terá acesso a eles. Ainda que uma sequência genética não possa, por si só, prever de forma conclusiva se uma pessoa cairá em depressão ou terá uma psicose, pode se imaginar facilmente o uso ou o abuso que os padrões, as instituições educacionais e as companhias de seguro farão desta informação (HYMAN, 2003, p. 88-95).

Igualmente:

Genética de caça aos criminosos. Polícia coleta amostras de DNA de detentos e acusados, guardando-as mesmo que um suspeito seja declarado inocente. [...] A polícia de 25 estados americanos está habilitada a tomar uma amostra de DNA depois de prender, e mesmo antes de declarar alguém preso (CAPOZOLLI, 2012, p. 13).

Ainda:

A pesquisa de Ellis e Boyce desencadeou uma busca pelos genes que, por arriscados meandros, poderiam levar, na prática, a resultados maléficos como delinquência, abuso de drogas e doenças mentais. (HERBERT, 2012, p. 46)

E também:

Genes suspeitos. A hereditariedade tem grande influência na ocorrência do TDAH [...] aproximadamente 80% dos casos [...] se relacionam a fatores genéticos. [...] No topo da lista de suspeitos estão genes envolvidos na transferência de informação entre neurônios. (ROTHENBERGER & BANASCHEWSKI, s/d, p. 46)

Ou mesmo:

Representantes do FDA (Food and Drug Administration) declararam [...] que algumas mulheres haviam retirado o ovário ao descobrirem, depois do teste, que corriam o risco de contrair câncer neste órgão. O fato é que, mais tarde, descobriu-se que vários testes continham informações imprecisas ou equivocadas, ou seja, muitas mulheres podem ter sido literalmente amputadas desnecessariamente. (PONTES, 2010, p. 68-71)

Na defesa da mercantilização das “ciências da vida” se alega que as terapias genéticas pretendem modificar de forma preventiva o funcionamento de gens potencialmente patogênicos, ou ainda, desligá-los se eles vierem a desenvolver alguma doença ou traço de caráter negativo. Permanecem, todavia, os questionamentos sobre o poder de definição dos alvos desse empreendimento: quem decide e quais patologias ou *traços de caráter negativizados* seriam objeto dessas práticas? Alega-se também que a medicina oferecerá (a quem possa pagar por isso) remédios personalizados para a sequência genética de cada indivíduo.

Enfim, as possibilidades empresariais de exploração dessas biotecnologias se multiplicam ao infinito, só não restando muito espaço para o imponderável e o aleatório, pois, como acena Watson, um dos biólogos responsáveis pela estrutura do DNA e pelo sequenciamento do Projeto Genoma Humano: “o destino não está mais escrito nas estrelas, ele está escrito em nosso genes” (JAY GOULD, 2002, p. 123).

Vimos discutindo como os saberes se constituem como instrumentos estratégicos que emolduram e constituem a realidade consensualizada pelos atores sociais em determinados recortes sociopolíticos, e a estratégia dos discursos científicos atuais é bem expressa por Sibilía que afirma: essas “teorias são, também e, sobretudo, hipóteses de trabalho (...) [no qual] a exigência de verdade é acessória: tudo o que delas se exige é que sejam úteis quando postas em prática.” (2002, p. 77)

Afinada com a tese progressista, o evolucionismo naturalista darwiniano atualmente é suplantado pela evolução artificial desenvolvida nos laboratórios biotecnológicos, que insidiosamente estão registrando e informando não apenas o que “somos”, mas o que “deveremos ser”.

5.2 De parente do chimpanzé a aparentado do chip: o pós-humano cibernético

O Projeto Genoma Humano quantificou cerca de 25 mil genes na espécie humana, que representam cerca de 3 bilhões de bases no patrimônio genético do *Homo sapiens*. Através desta iniciativa sabemos que compartilhamos 98,4% de nossa carga genética com nossos “primos” chimpanzés.

Apesar desta descoberta, as pesquisas do Projeto Genoma não nos fizeram sentir mais próximos de uma suposta natureza, mas paradoxalmente vêm produzindo efeito oposto, já que nos tornamos, a partir da descoberta da carga genética, apenas informação compactada. Segundo conclusões científicas cada gen “arquiva”, em média, até 3 mil bases proteicas em sua estrutura. Definitivamente, um *software* avançado. Um chip não seria mais eficaz.

As analogias com o discurso digital confirmam a concepção informacional que vem sendo associada à genética. Na aproximação do discurso biológico aos modelos digitais assistimos à compatibilização do humano aos processos computacionais.

Assim:

Cientistas trabalham para conectar o cérebro humano a ferramentas tecnológicas, como computadores e robôs. [...] Da mesma forma que se conecta um braço robótico, seria possível conectar algo como um disco rígido diretamente ao cérebro de alguém [...] Nicolelis acredita que a conexão [...] será possível e que chegaremos ao ponto de poder armazenar em computador nossas próprias memórias (NOGUEIRA, 2010, p. 25).

Ou ainda:

Se a Natureza parece ter ‘travado’ o cérebro com certos limites [...] há quem pergunte se não há um meio artificial de hackeá-lo.(NOGUEIRA, 2010, p. 24)

Também:

A revolução do cérebro. A máquina mais complexa do Universo está na sua cabeça. Agora que começamos a entender como ela funciona descobrimos capacidades que nem imaginávamos. Saiba quais são esses superpoderes e o que fazer para adquiri-los. (KENSKI, 2006, p. 50-59)

O uso de metáforas elétricas na explicação do funcionamento do sistema nervoso é iluminadora do processo que analisamos, pois, pela difusão de que os mesmos mecanismos de transmissão são úteis para o funcionamento de computadores e do corpo humano abre-se caminho para a digitalização universal (SIBILIA, 2002, 120), passível de pôr fim à morte e às doenças (claro que à elite que esteja disposta e tenha como pagar por tais tecnologias).

Eletricidade para curar o cérebro. Ao buscar novos tratamentos para transtornos psiquiátricos é fundamental entender o funcionamento do cérebro. [...] A

produção de um campo elétrico [...] ativa ou desativa circuitos neuronais de forma segura. (MACHADO, 2012, p. 61)

Também:

Eletricidade para tratar Alzheimer e Parkinson. [...] A estimulação cerebral profunda _com implantação de bateria que libera pulsos elétricos_ pode abrandar dor, depressão e principalmente sintomas da doença de Parkinson. (KRINGELBACH, 2010, p. 64-69)

Na verdade, as fantasias que unem o funcionamento do cérebro à eletricidade já existiam desde o século XIX, e narrativas como as de Frankenstein atestam isso. O neurocientista Ramon y Cajal, por exemplo, foi o primeiro a hipotetizar que conexões sinápticas, possivelmente elétricas, entre os neurônios fossem responsáveis pelo armazenamento de memórias e aprendizado.

Apenas nos anos de 1960, o neuropsiquiatra Eric Kandel conseguiu demonstrar que, embora algumas vezes as sinapses ocorram de forma elétrica, a maioria das conexões neuronais é mediada por interações bioquímicas. Apesar dessa teoria ser amplamente aceita pela comunidade científica, a grande mídia continua destacando a eletricidade como a grande protagonista deste processo.

Os biólogos celulares, geneticistas e bioquímicos sabem de que modo complexo os neurônios em nosso cérebro constroem impulsos elétricos [...] é de células que mal passam de um circuito elétrico elementar que nasce algo fantástico: a inteligência. (PAESTSCH, 2011, p. 34)

Caso consideremos os ganhos para o paradigma cibernético, hoje dominante, a permanência da comparação elétrica se justifica.

Em seu “Manifesto Ciborgue”, Donna Haraway (2009, p. 33-138) defende a ideia de que todos já ingressamos na cultura cibernética, já sendo a conjugação de organismos maquínicos e

biológicos. Em eco a tal paradigma já convivemos com biochips, microprocessadores formados pela conjugação entre tecidos vivos e circuitos eletrônicos.

A integração entre os componentes orgânicos e elétricos é realizada pela submissão à lógica da informação digital, base de funcionamento tanto das partes vivas quanto dos elementos elétricos que compõem os biochips.

Destaque-se que a exploração comercial desses artefatos já está sendo utilizada para detecção de diabetes e câncer e que, as ações das empresas que comercializam estas peças, têm registrado elevadas altas nas suas cotações nas bolsas de valores, diante do surgimento de mais investidores nessas tecnologias. (SIBILIA, 2002, p. 80-81)

Na cartografia construída pelas novíssimas tendências científicas, nem sempre fica nítido que interesses subjacentes direcionam a obtenção de resultados e a interpretação dos dados obtidos. A publicação do artigo “Sabedoria de mãe” (KINSLEY, 2006, p. 66-73) pela prestigiosa revista *Scientific American* ilustra esta tese.

No texto são apresentados os resultados de pesquisas que indicam genericamente que, após a gravidez e a maternidade, fêmeas de mamíferos aumentaram a capacidade de memorizar e de se localizar espacialmente. Apenas no fim do artigo somos informados de que os estudos se basearam apenas na observação de mães ratas, o que, em nada garante que este comportamento seja idêntico em outras espécies animais, ou mesmo, que seus resultados possam ser estendidos para quaisquer mães ratas, em quaisquer condições.

As generalizações e supressões presentes nos discursos científicos frequentemente nos induzem a enxergar com olho de ciclope os resultados dos estudos desenvolvidos pelos institutos que os promovem. Ao ajustarmos o foco, fica claro que, ao contrário de evidências unicamente “naturais”, as conclusões científicas revelam e produzem opções afinadas com os paradigmas que pretendem afirmar.

Recordamo-nos de duas pesquisas neurocientíficas que exemplificam esta tese: partindo da premissa de que mulheres possuem vocabulário mais extenso e elaborado que homens, pesquisadores ingleses se lançaram em dois projetos divergentes, um que buscava mapear os índices hormonais circulantes na gestação de fetos do sexo masculino ou feminino e outro que avaliava a comunicação verbal estabelecida entre mães e filhos de ambos os sexos até os três

anos de idade. De forma contraditória, ambas as pesquisas confirmaram seus pressupostos, pois verificaram que hormônios favoreciam o desenvolvimento do hemisfério cerebral esquerdo (relacionado às habilidades comunicacionais) em meninas, ainda no processo gestacional; mas também que as mães entabulavam diálogos mais elaborados com suas filhas (diversamente da comunicação com os meninos que era mais gestual), o que as conduzia a se expressarem verbalmente de maneira mais segura que os meninos. Ou seja, embora nem sempre manifesto, as conclusões científicas normalmente confirmam as hipóteses que constroem (PEASE; PEASE, 2000, p. 36-59).

Nas palavras de mais um periódico:

A ciência de provar qualquer coisa. [...] Por que é tão fácil confirmar cientificamente teorias opostas _ e por que a maioria dos resultados tem mais chance de ser falsa do que verdadeira. [...] Ciência Bestseller, a coisa só piora quando os cientistas precisam justificar o financiamento às suas linhas de pesquisa.(NOGUEIRA, 2009, p. 70-73)

Partindo desse princípio, cabe atentar sobre as alianças que estão sendo construídas através da aproximação entre seres humanos e sistemas informáticos. Dentre outros possíveis, podemos entrever, nas metáforas que comparam o cérebro a softwares, a desqualificação do valor das experiências diante das informações que (nos) definem e identificam...

5.3 O homem cerebral

Em recente publicação, a paixão é descrita como um estado alterado de consciência que pode ser acompanhado por exames de tomografia, ressonância magnética e cintilografia cerebral (HERCULANO-HOUZEL, 2012, p. 19).

Em outras, o sentimento amoroso é comparado a um vício:

A substância do cérebro que faz você se sentir apaixonado é a mesma que vicia os usuários de cocaína. (VERSIGNASSI, 2008, p. 98-1013)

Ou:

Uma droga chamada paixão. [...] Prazer e amor são [...] mecanismos comandados por estruturas cerebrais particulares e por neurotransmissores e determinam nosso comportamento em função de um objetivo.(CICERONE, s/d, p. 68-77)

Nas palavras de outro periódico:

O cérebro pode ser mais bem cuidado. E deve. Por uma razão indiscutível. Você tem coração, tem membros. Mas você é o seu cérebro.(CHIESA, s/d, p.8-19)

Todas estas narrativas referendam o remapeamento das concepções subjetivas das últimas décadas. De fato, a concepção de que qualquer experiência e emoção humanas são decorrências de eventos ocorridos na massa encefálica vem sendo defendida por correntes neurocientíficas, que se debruçam sobre a controversa tese de que a consciência equivale ao funcionamento cerebral.

Com o progresso das pesquisas, logo conheceremos a base neuropsicológica da consciência, e os neurocientistas e cientistas cognitivos poderão neste momento substituir os infindáveis debates filosóficos por descrições científicas objetivas. [...] Se chegamos a nossas crenças e decisões pelo processamento direto de informação dos neurônios, então talvez sejamos meros fantoches, determinados pelo hardware de nosso cérebro.(PAUEN, 2005, p. 88-94)

Como outra revista científica considera:

Em linhas gerais, podemos dizer que a felicidade é o estado do cérebro que vê tudo dando certo: emoções positivas inibem o córtex cingulado anterior [...] e provocam maior atividade elétrica no lado esquerdo do córtex frontal. (HERCULANO-HOUZEL: s/d, p. 26-35)

Ou ainda:

O aprendizado é um processo pelo qual o cérebro reage aos estímulos ao fazer conexões neurais, que agem como um circuito para o processamento e armazenamento de informações. (CHIESA, s/d, p. 20-27)

As recentes descobertas de imageamento cerebral, como a Ressonância Magnética Funcional (fMRI) contribuem para acirrar a discussão, permitindo a visualização, em tempo real, do órgão em funcionamento. Partidários da concepção que compreende as atividades cerebrais como sinônimas das funções mentais, diversos pesquisadores, ao compararem as formas de ativação cerebral estão associando às imagens produzidas uma gama de intenções éticas e volitivas.

Assim:

O progresso em muitas áreas da neurociência promete não só revelar como o cérebro funciona, mas fornecer dados sobre nossas intenções, pensamentos e sentimentos. (CAPLAN, 2003, p. 96-97)

Ou ainda:

Máquinas para ler a mente. Sofisticados equipamentos para escanear o cérebro poderão, em breve, distinguir pensamentos elementares e separar fatos reais de mentiras. [...] Chegará um dia em que os candidatos a um emprego também terão que se submeter a uma espécie de ‘teste de caráter’ realizado por meio de um tomógrafo? (ROSS, s/d, p. 52-55)

No mesmo sentido:

Para decifrar o cérebro. Técnicas de neuroimagem desvendam pensamentos e psicopatologias.[...] Pesquisadores já descobriram que computadores podem prever (com segundos de antecedência) o que uma pessoa fará a seguir _ antes que ela mesma saiba conscientemente qual será seu próximo passo, gesto ou palavra. [...] hoje é cada vez maior o número de especialistas que desenvolvem métodos capazes de fornecer indícios sobre o que as pessoas estão vendo ou pensando. (SCHLEIM, s/d, p. 42-51)

Nessa concepção, é nítida a inversão da equação que atribuía a primazia da identidade psíquica ao sujeito interiorizado, considerando o cérebro como principal responsável pelas emoções e desejos que afetam e singularizam (?) as pessoas.

Vidal e Ortega (2006, p. 20) hipotetizam que estamos frente à produção do paradigma do “sujeito cerebral”. Nesse modelo socioantropológico, que os autores identificam como emergente desde meados do século XX, os discursos (científicos, novelescos, fílmicos, etc.) sobre o cérebro se multiplicaram e o órgão passou a ser pensado como o órgão responsável pela existência do self, definindo a individualidade.

Assim, se, em certo momento da história ocidental, poderíamos associar a subjetividade ao coração – já que a principal característica do sujeito na modernidade dizia respeito à sua capacidade sentimental, hoje, todavia, o sujeito hipermoderno pode ser associado ao cérebro, que informa quem somos, o que queremos e como fazer para alcançar nossos objetivos.

Vale, entretanto, um questionamento sobre o papel que a mídia entusiasticamente está desempenhando na difusão desses novos modelos. Se as produções científicas têm modificado o conhecimento sobre o humano, isso só tem sido possível pela aliança com os meios de comunicação social, o que, indubitavelmente, atende aos interesses do paradigma social vigente.

Como exemplo, podemos pensar nas novíssimas pesquisas sobre o papel da neuroplasticidade cerebral (chaves neuronais que possibilitam o aprendizado e a formação de novas memórias mesmo na vida adulta), que se revelaram uma descoberta politicamente conveniente, perfeitamente ajustada às pressões de múltiplas funções profissionais do capitalismo globalizado, bem como à continuidade de produtividade dos mais velhos, cada vez mais distanciados de uma remota aposentadoria.

O cérebro se modifica em toda e qualquer idade. Ele fortalece, cria e elimina conexões neurais, conforme a demanda. (CHIESA, p.20-27)

Também:

Neurociência oferece informações preciosas sobre atitudes fundamentais para manter o raciocínio e a memória ágeis por mais tempo. (HERCULANO-HOUZEL, p. 26-35)

Ou:

Construído para aprender desde o nascimento até a velhice, o cérebro tem uma organização surpreendente. A capacidade do cérebro de permanecer flexível, alerta e responder aos problemas e consertá-los se explica pela preservação da plasticidade cerebral. (CHIESA, p. 20-27)

Ainda:

Pela criação de lembranças falsas. Alterando nossa memória, médicos poderiam ajudar pacientes a lidar com doenças e distúrbios. (LOFTUS, 2010, p. 38)

Nesse novo processo de formação de subjetividades, Ortega identifica a composição de alianças entre o capital e as biotecnologias, que estão na base da estabilização do que o autor nomeia como bioidentidades. Segundo ele, as bioidentidades são formas de sociabilidade que atribuem valor a constantes físicas, como saúde, força, juventude, beleza, longevidade na organização da vida social. Na esteira dessa forma de socialização, a medicalização emerge como prática cotidiana, na incessante busca pela saúde, que se tornou o objetivo nuclear da vida. Assim, valorizamos qualquer panacéia que nos prometa mais saúde e vitalidade corporais:

Alimentos para o cérebro. Contra depressão e ansiedade: sálvia, orégano e tomilho. Componentes químicos podem estimular a memória e potencializar a agilidade mental, além de proteger os neurônios. (FRANZ, 2011, p. 28-35)

Ou também:

Mexer o corpo oxigena a mente. Exercícios aeróbicos melhoram a saúde cerebral. (CHIESA, p. 8-19)

Ainda:

Você sabe se cuidar? Informação é a palavra-chave para a medicina do século 21. Quer viver mais e melhor? A escolha é sua. [...] O cérebro é comparável a um computador que necessita de manutenção para manter-se eficiente. (NOGUEIRA, 2006, p.32-41)

Igualmente:

Memória turbinada. Não existe memória ruim, só mal treinada. A ciência descobriu que todo mundo pode ser mestre de memória. (PONTES, 2011, p. 38-47)

Na verdade, como vimos discutindo, as pesquisas científicas não são neutras e se aliam com visões de mundo que as influenciam. Em um modelo social atravessado por soluções penais para problemas sociais, assistimos, por exemplo, a dinâmicas como as destacadas a seguir:

Condenada pela mente. O primeiro assassinato a ser julgado pelo exame neurológico sentenciou à prisão perpétua uma mulher cujas ondas cerebrais responderam durante a leitura de detalhes do assassinato do marido. (PARSONS, 2009, p. 32-37)

No mesmo teor, a reportagem:

Local do crime: o cérebro. [...] O cérebro no banco dos réus. A tendência à violência impulsiva, aparentemente se deve muitas vezes, pelo menos nos homens, a alterações no córtex pré-central. (STRÜBER, 2006, p. 38-45)

Na constituição do paradigma do “sujeito cerebral” pensada por Ortega (2010), ou da cultura somática (que toma o corpo como referente privilegiado na construção de identidades) defendida por Costa (2004), as pesquisas da ciência ratificam o modelo dominante, sendo

reinterpretados favoravelmente ao *status quo*, quaisquer elementos, ainda que dissonantes, à manutenção do novo “*dogma*”.

Atualmente, no festejo da união entre o mercado e as biotecnologias, assistimos a pesquisas e incentivo à aquisição de produtos “fármaco-existenciais”, cujos projetos são financiados por agentes diversos, com interesses e objetivos distintos. Assim, desde empresas multinacionais até setores de inteligência militar podem estar entre os patrocinadores de estudos como os citados a seguir :

Um futuro brilhante [...] Pílulas para ficar mais esperto. [...] No futuro, drogas poderão estimular o crescimento da massa cinzenta e a comunicação entre áreas cerebrais, potencializando o trabalho mental. (HAIER, 2009, p. 34-41)

Ou ainda:

Poderiam as memórias dolorosas virarem coisas do passado? [...] Nova pesquisa revela que nossas lembranças não são tão sólidas quanto parecem.[...] [A neuroplasticidade permite que se manipulem lembranças] o que torna possível remover em laboratório as associações de medo das lembranças traumáticas. (DELETE, 2011, p. 46-51)

Também:

A pílula do esquecimento abre possibilidades imprevistas, facilitando a superação de um acidente, de um estupro ou de uma catástrofe, mas até mesmo do combate numa frente de batalha. (BREUER, 2004, p. 82-85)

Ainda:

Novos estudos revelam o que está por trás da crueldade. Agora os cientistas se empenham em encontrar uma maneira de curá-la. [Mas há uma polêmica] se alterarmos o cérebro de alguém contra sua vontade, muitos pensam que mudaríamos a personalidade. Mas prisioneiros poderiam reduzir sentenças se concordarem com o tratamento. (CORREA, 2004, p. 24)

Uma célebre pesquisa desenvolvida em 1972, pelo psiquiatra David Rosenhan exemplifica como, conhecendo os temas de investigação científica de uma época, podemos conhecer os modelos que animam a ciência naquele período (SLATER: 2004, p. 82-115) .

Em seu experimento, Rosenhan enviou nove pessoas, sem qualquer histórico de doenças mentais para diferentes hospitais psiquiátricos, no qual relataram que estavam sofrendo de alucinações auditivas, ouvindo a palavra “TUM”.

Os resultados projetaram um foco de luz sobre o sistema de atendimento psiquiátrico norte-americano daquele tempo, e evidenciaram a banalização do diagnóstico de esquizofrenia e da indicação de internação manicomial entre os psiquiatras. Efetivamente, todos os participantes do experimento foram internados, em sua expressiva maioria (88%) sob argumento de padecerem de esquizofrenia paranoide. A publicação do estudo de Rosenhan é um importante alerta sobre as formas como os diagnósticos são produzidos, ressaltando a importância do contexto em que eles surgem.

Como Rosenhan já havia pensado, é importante percebermos que, mais do que a formulação das questões, deve-se observar a forma como as respostas são interpretadas, o que depende grandemente da leitura diagnóstica que está sendo construída pelos especialistas. No estudo de Rosenhan, todos os participantes verificaram que suas narrativas foram reconfiguradas para se ajustarem ao diagnóstico médico. Nas palavras do autor da pesquisa: “indubitavelmente o significado atribuído às suas verbalizações (...) foi determinado pelo diagnóstico, a esquizofrenia. Um significado inteiramente diferente teria sido atribuído se fosse (re)conhecido que a pessoa era ‘normal’.” (SLATER, 2004, p. 88)

No início dos anos 2000, Slater repetiu a experiência de Rosenhan em oito nosocômios psiquiátricos, referindo sintomatologia semelhante à sugerida por ele, ou seja, a alucinação auditiva do som “TUM”. Daquela vez, entretanto, nenhuma indicação de internação manicomial ocorreu (os tempos já eram outros, quando esta terapêutica já havia caído em descrédito), e o diagnóstico também foi diverso, sendo a depressão o mais recorrente (não casualmente a síndrome é descrita como principal problema do século XXI, e é tema de diversas pesquisas em andamento), para a qual foram receitados 60 antidepressivos diferentes (o que também é bastante significativo, na multiplicação de marcas disponíveis no mercado farmacêutico em poucos anos).

Segundo Slater, os procedimentos médicos foram muito semelhantes, com rápidas entrevistas (com duração média de 12 minutos) e perguntas protocolares.

Expressivamente, a depressão é uma das atuais estrelas do pódio das psicopatologias e as medicações antidepressivas, facilmente encontradas, são campeãs de vendas no mercado farmacêutico.

Os estudos sobre o papel da serotonina como reguladora do humor depressivo e o lançamento do Prozac, nos EUA, em 1987 representaram o início de uma nova era, a da publicidade e grande consumo de “pílulas da felicidade”, medicamentos que controlam emoções “negativas”, cuja supremacia sobre intervenções baseadas na fala vem sendo alardeada como indiscutível:

Comparações entre sessões terapêuticas e medicamentos trazem conclusões interessantes: [...] a combinação da terapia cognitivo-comportamental com fluoxetina mostrou eficácia igual a da fluoxetina sozinha [...]; pesquisas indicando vantagens da combinação de antidepressivos e psicoterapia são equivocados. (AGÊNCIA NOTISA, 2006, p. 56-63)

Embora a maior parte dos estudos publicados qualifique positivamente os efeitos dos antidepressivos, algumas pesquisas esporádicas vêm questionando a eficácia desses medicamentos, como a produzida em 2008 pela Universidade de Hull, do Reino Unido. Segundo o pesquisador Irving Kirsch, a eficácia observada no uso de placebos ou de antidepressivos é similar nas depressões leves. Destaque-se que a investigação foi desenvolvida a partir da análise de documentos que não eram conhecidos do público, liberados para ampla análise apenas após determinação judicial. Os resultados ratificam a hipótese do psiquiatra Derek Summerfield de que: *“Boa parte do sucesso dos remédios não está numa epidemia de depressão, mas numa epidemia de receitas de antidepressivos”*.(COHEN, 2008, p. 84-91)

Nesse sentido, é interessante problematizar que, muito embora os primeiros estudos sobre a depressão a associassem à mania, atualmente a identificação da síndrome desconsidera majoritariamente a ocorrência de possíveis comportamentos maníacos. Significativamente

resultados de pesquisas¹³ apontam que, a partir da modulação de humor em pares de gêmeos idênticos, evidencia-se a diminuição na capacidade de consumo nos sujeitos que estavam com humores deprimidos, enquanto que se verificou a elevação nos impulsos consumistas entre aqueles que tiveram seu humor modulado maniacamente. Não acidentalmente a depressão vem sendo mais estudada e *controlada*.

Ehrenberg problematiza que o Prozac “*não é a pílula da felicidade, mas a da iniciativa*” (2001, p. 26) exigida pelos trabalhadores/empresários/consumidores dos tempos atuais, que devem se adaptar às novas exigências de leveza e reinvenção permanentes do mundo do trabalho contemporâneo.

A própria categorização das psicopatologias nos manuais internacionais (CID e DSM) também merece uma análise mais profunda, pois, frequentemente reduz e empobrece as intervenções com os pacientes, que deixam de ser percebidos de forma dinâmica, sendo enquadrados apenas mediante o surgimento de sintomas. Enquanto a escuta das pessoas vem sendo desqualificada como estratégia terapêutica, a medicalização das síndromes emerge como principal caminho curativo. Na esteira das discussões sobre a neuroplasticidade cerebral, o papel do diálogo e da transformação subjetiva sem o uso de medicamentos são despotencializados.

Na esteira da industrialização da saúde, os pacientes se tornam consumidores e são responsabilizados por possíveis insucessos nos tratamentos, que se deverão *provavelmente* à falta de cuidados preventivos com a boa forma, alimentação saudável e atividades físicas regulares, responsabilidades do paciente/consumidor com seu próprio corpo. Saúde ou doença, vitória ou fracasso passam a ser atribuídas única e exclusivamente às qualidades e falhas do estilo de vida do cliente/paciente.

Nas práticas pedagógicas desenvolvidas pela sociedade de informação, o “cérebro” passa a protagonista das intervenções terapêuticas, e a análise das informações obtidas pelas tecnologias científicas direciona o plano de atendimento. Muito embora a referência narcísica permaneça como principal argumento dos discursos supramencionados, o sujeito a ser satisfeito e atendido não se dobra para uma pretensa interioridade, sendo identificado com o cérebro, órgão privilegiado de informações que se iniciam nos gens....

¹³

Cf. DVD Mistérios da Mente.

5.4 *Gen-te*: O genoma como capital humano

“A culpa é da genética. Do sexo ao dinheiro, das drogas à comida, ela domina nossos instintos primitivos” argumentam Terry Burnham e Jan Phelan em seu livro (2002). Fazem eco às pesquisas que consideram que os genes são responsáveis pela “personalidade” humana.

A personalidade não apenas influencia o sucesso que se vai ter na vida: ela determina esse sucesso. [...] O estudo da personalidade, de modo geral, está se afastando da psicologia, mais vaga, e caminhando em direção à biologia real. (LAWTON, s/d, p.12-17)

A valorização da educação e do meio ambiente na composição da individualidade, que dominou os estudos psicológicos em boa parte do século XX, está sendo derrubada por novas convicções teóricas assentadas no paradigma somático.

Embora, até os anos de 1980, fossem predominantes as pesquisas que enfatizavam a predominância do meio para desenvolvimento da personalidade, as pesquisas genéticas elaboradas desde a década de 1990 apontam em direção contrária, estabelecendo correlações entre características comportamentais (como extroversão, agressividade, impulsividade, felicidade, depressão, neuroticismo), e herança genética.

Os estudos com gêmeos idênticos estão entre os mais relevantes neste tipo de análise, pois, segundo seus defensores, comprovam o papel da herança genética no surgimento de traços de personalidade.

A contribuição mais decisiva dos pais na moldagem da personalidade dos filhos parece provir dos genes. [...] Pesquisadores da personalidade começaram a estudar o comportamento de irmãos gêmeos. Suas descobertas surpreenderam: os traços da personalidade são, de fato, herdados. [...] Os genes podem afetar a maneira como os neurônios se comunicam através de grandes porções do cérebro [produzindo] algo tão complexo quanto a personalidade (LAWTON, p. 12-17).

A determinação física e psíquica de cada ser humano seria derivada, em princípio, por sua carga genética, todavia, recentes descobertas da epigenética estão retornando a avaliar os impactos do ambiente sobre os genes. Na verdade, este ramo da genética busca conhecer os gatilhos ambientais sobre os **genes**, que são ligados e desligados como programas computacionais pelos hábitos e estilos de vida individuais.

Imagine o material genético existente no organismo como um computador. O genoma é o hardware. Para que a máquina funcione, é preciso ter softwares. Os mecanismos epigenéticos são os softwares. Eles produzem resultados distintos rodando sobre o mesmo hardware, ou seja, o genoma herdado dos pais. _ explica o geneticista americano Randy Jirtle. (CARELLI, 2009, p. 86-96)

Os discursos epigenéticos, portanto, mantêm o foco sobre o funcionamento dos gens e seus efeitos sobre o cérebro, considerando que desde o útero acontecem ativações e desativações genéticas que repercutirão no surgimento de várias doenças e habilidades.

Assim, os cuidados com a dieta da mãe, os hábitos esportivos, as toxinas do ar, todos estes fatores vêm sendo estudados para conhecer seus impactos sobre as modificações genéticas e o posterior desenvolvimento cerebral. Recentes investigações sobre a educação e o aprendizado de bebês e crianças também focalizam os efeitos da estimulação sensorial sobre os cérebros infantis, que são devidamente monitorados neste processo.

Seres humanos não são meras pilhas de genes e neurônios. Grande parte do que a pessoa é vem de um fator ambiental importantíssimo: a educação. [...] Para entender melhor os mecanismos cerebrais de aprendizado de bebês [...] a Universidade Rutgers [...] testa cerca de mil crianças há mais de 15 anos. (GARATTONI; COSTA, 2012, p. 42-51)

Na verdade, mais do que a mera análise de mecanismos epigenéticos, delinea-se o interesse em descobrir “quais genes ou combinações genéticas determinam cada um de nossas habilidades e traços físicos” (GARATTONI; COSTA: 2012), com vistas a controlar as variáveis que afetam nosso patrimônio genético.

Imunidade a doenças como o câncer. Maior resistência a obesidade. Seleção de características estéticas. Tudo isso já pode, ou logo poderá, ser programado antes do início da gravidez [...] são os “designer babies”, ou bebês projetados. (GARATTONI; COSTA, 2012, p. 45)

Uma chave possível para análise dessas produções é apresentada por Foucault em “Nascimento da Biopolítica”. Ele considera que, no início do século XX, o neoliberalismo americano introduziu, no campo econômico, toda uma série de práticas e comportamentos que originalmente não pertenciam àquela seara.

A generalização da forma econômica no mercado do neoliberalismo econômico, além das próprias trocas monetárias, funciona como princípio de inteligibilidade, princípio de decifração das relações sociais e dos comportamentos individuais. [...] A análise em termos de economia do mercado, [...] em termos de oferta e procura, vai servir de esquema que se pode aplicar a campos não-econômicos. (FOUCAULT, 2004, p. 334)

Assim, na nova definição trazida pelos discursos neoliberais, a conduta humana passa a elemento constitutivo da economia, entendida como “ciência do comportamento humano” (FOUCAULT, 2004, p. 306), passando a ser tarefa econômica a “*análise [desse] comportamento e de [sua] racionalidade interna*” (FOUCAULT, 2004, p. 307).

O trabalho se consubstanciou, a partir de então, em questão econômica fundamental, focalizando principalmente o trabalhador, compreendido como sujeito econômico ativo. Para Foucault, o neoliberalismo reintroduziu a concepção do homo oeconomicus (2004, p. 311), originalmente pensada pelo liberalismo. Entretanto, diversamente do pensamento liberal do século XIX, que compreendia o homem como “parceiro de trocas”, os interesses neoliberais passam a conceber o homem como empresário de si mesmo.

O homo oeconomicus é um empresário de si mesmo [...], sendo ele próprio seu capital, [...] seu próprio produtor, [...] sua própria fonte de renda. (FOUCAULT, 2004, p. 311).

A lógica empresarial se difunde enquanto modelo de relações sociais, e o próprio consumo passa a derivado desse processo, sendo considerado como *“uma atividade (...) pela qual o indivíduo, a partir [do] capital de que dispõe, vai produzir (...) sua própria satisfação.”* (FOUCAULT, 2004, p. 311).

Termos associados ao processo econômico se estendem para as pessoas, e a produção da teoria do capital humano _ conjunto de todos os valores físicos e psicológicos que tornam as pessoas capazes de receber determinados salários, redefine o papel da família e da escola. Estas instituições passaram a desempenhar a função privilegiada de formadoras do capital humano. O tempo passado com os filhos, a qualidade de estímulo oferecido às crianças, todas estas variáveis passam a ser contabilizadas como investimento no capital humano futuro.

No jogo de forças apresentadas pelo neoliberalismo, a genética assume grande importância, pois representa os elementos inatos que compõem o capital humano, ou seja, o capital humano genético. Segundo esta ótica, um bom “patrimônio” hereditário seria responsável, em grande parte, pelo desenvolvimento da rentabilidade humana futura.

Pode-se perfeitamente imaginar o seguinte: dado o meu equipamento genético, se eu quiser ter um descendente cujo equipamento genético seja pelo menos tão bom quanto o meu ou [...] melhor, terei de encontrar para me casar alguém cujo equipamento genético seja bom. Vocês veem [...] como o mecanismo da produção dos indivíduos, a produção dos filhos, pode se encaixar em toda uma problemática econômica e social a partir desse problema da raridade dos bons equipamentos genéticos . (FOUCAULT, 2004, p. 313-314).

O pensamento foucaultiano parece ter se antecipado na predição da capitalização do genoma, desde 1997 considerado “Patrimônio da Humanidade” pela Unesco. A escolha do termo “patrimônio” já é, por si só, expressivo, e a multiplicação de pesquisas e investimentos no campo reiteram a concepção econômica adquirida pela genética. Como menciona Rosa (2009, p. 379), os estudos que são desenvolvidos na área possibilitam realizar uma análise de riscos (econômicos) dos indivíduos, predizendo seu comportamento futuro, ainda que de pessoas supostamente “saudáveis e normais”.

Outro exemplo da disseminação da matriz econômica nas relações sociais, a concessão do 1º Prêmio Nobel a um psicólogo, em 2002, aconteceu devido às pesquisas desenvolvidas por ele sobre psicologia econômica.

Neuroeconomia [...] Há mais de três décadas, o psicólogo Daniel Kahneman, da Universidade Hebraica de Jerusalém começou a investigar como as emoções distorcem nossas percepções e capacidades de fazer cálculos [focando] suas pesquisas em situações nas quais as pessoas precisam tomar decisões que não afetam apenas sua vida econômica, mas também seu sistema de crenças, funcionamento cerebral e traços de personalidade. (BUCHAMAN, 2012, p. 18-23)

Soares avalia que vivemos a constituição do paradigma médico-esportivo, considerando que as práticas contemporâneas de saúde e bem-estar parecem circunscrever pedagogicamente toda e qualquer performance corporal. Segundo ela, deriva daí o repúdio social aos corpos “flácidos, desleixados e sedentários”, que resistem a ser esculpidos pela moral vigente. (SOARES, 2009, p. 63-79)

Nesse contexto, urge antecipar-se aos numerosos males que se ocultam no interior das *“carnes, no universo das fisiologias, da bioquímica, da genética [resultantes] dos desregramentos, dos excessos, dos vícios, das faltas”*. (SOARES, 2009, p. 73)

A prevenção de doenças ocupa grande parte dos pensamentos, expondo na miríade de preocupações, as novas fragilidades, receios e perigos que configuram o corpo atualmente. Como a autora analisa, o medo de ficar doente parece *“ocupar as horas e os dias, um medo do que talvez nunca chegue, um perigo que talvez nem exista”* (SOARES, 2009, p. 76). Para a autora, os temores da degenerescência do corpo são infinitamente mais potentes do que qualquer ameaça que afete a ordem pública, como a elevação das taxas de desemprego ou a fome no mundo. Exceção feita às preocupações ambientais que concorrem em importância com os discursos sobre a saúde.

Na verdade, campanhas de “esclarecimento” sobre os riscos sociais e altos custos da obesidade, fumo, sedentarismo são publicizadas constantemente, incentivando a introjeção das políticas de bem-estar como insígnia máxima. De toda forma, nada foge ao corpo, alicerce da identidade.

Ortega (2008, p. 30-41) considera que o acirramento da competitividade, relacionada ao empreendedorismo de si mesmo, está na base da necessidade de autovigilância e autocontrole. No uso da retórica do risco (necessidade do controle da dieta, condicionamento físico, hábitos saudáveis, medicalização preventiva, etc) se estimula a responsabilização do próprio indivíduo pelas escolhas que afetam sua performance física e sua saúde corporal. Ao mesmo tempo, frente ao desmantelamento do estado de assistência, passa-se a desconfiar daqueles que virtualmente possam depender do sistema público. A competência para o autocuidado vem sendo, assim, mais do que positivada, imposta como sinônimo de bem viver e de sucesso.

Sant'Anna reflete que a incorporação do paradigma medicamentoso introduz categorias como a biodisponibilidade nas vidas cotidianas. Segundo ela, muito embora a categoria mencionada seja originalmente farmacêutica, aludindo à capacidade de absorção de uma substância pelo organismo, hoje em dia assistimos a utilização desse conceito em outros produtos, como alimentos e cosméticos. Na diluição das fronteiras que mediavam cosméticos e alimentos, por exemplo, consumimos “alimentos”, suplementos farmacêuticamente modulados para se comportarem de maneira dúplice, como alimento e cosmético, por exemplo, o iogurte francês Essensis, que promete ação antirrugas, à base de chá verde e antioxidantes ou as gomas anticelulite, já disponíveis no mercado brasileiro. (SANT'ANNA, 2009, p. 84)

Costa avalia que o corpo está sendo elevado a referente privilegiado na constituição da identidade, pela derrocada das instâncias tradicionais, como família, política e religião. Na ausência de normas que imanem os sujeitos a compromissos sociais, as promessas de sensação física eclodiriam como ideal de felicidade. Todavia, de maneira paradoxal, a realidade somática, ao mesmo tempo em que estimula o gozo sensorial ilimitado, exige o autocontrole, sob o risco de minar a saúde do corpo e a boa forma, objetivos máximos dessa sociabilidade. Nas novas disciplinas exigidas pelo ideal somático, espera-se que os hábitos insalubres, predatórios ou poluidores sejam reeducados nos valores “bioéticos.”

Para Costa, convivemos com uma nova hierarquia de valores, em que a ciência e o espetáculo disputam o pódio das atenções, e onde a mídia difunde pedagogicamente os discursos cientificistas como verdades universais e incontestáveis, pois, a mitologia científica teria substituído as instâncias tradicionais como “fabricadoras de opinião” (COSTA, 2004, p. 190).

Crenças religiosas, políticas, psicológicas, sociais e outras são admitidas desde que se afinem com os cânones da qualidade de vida. A boa religião é aquela conforme o ideal da boa saúde; a boa política é a que respeita o cuidado com o ambiente físico da espécie natural. [...] O justo é o saudável; o reto é que se adapta ao programa da vida bem sucedida, do ponto de vista biológico. (COSTA, 2004, p. 191)

Em todo caso, segundo ele, também podemos perceber à maior atenção aos apelos do corpo como uma estratégia de resistência, ainda que caricata, em buscar maior contato com a experiência, opondo-se à alienação e isolamento narcísico.

Nesse sentido, a ânsia pelo prazer sensorial pode se transformar em ação ética, no que Costa prenuncia como positividade da cultura somática pelo governo ético de si.

Como exemplos, ele menciona a resistência ao poder e a capacidade de inovar nas formas de subjetivação que são detectáveis tanto na disseminação de práticas corporais orientais em nossas sociedades, como o zen-budismo, por exemplo, pois representariam uma oposição ativa ao “dever” do gozo sensorial midiático; quanto na integração dos portadores de peculiaridades corporais que, longe de se considerarem como doentes ou deficientes, clamam pela integração de seu status como singular, mas não deficitário (como é o caso das associações de falantes gestuais, pessoas que não possuem a visão, autistas, etc).

Brissac Peixoto (2007, p. 425-453), em seu belo ensaio sobre a ética das imagens nos incita a descobrir a potência do gesto, ultrapassando a relação com a vida enquanto mero cenário, sem história e referência, para descoberta e invenção do mundo como paisagem, no qual nos afetemos pelos acontecimentos e pelo tempo.

Mais do que mapas e descrições, a atenção ao menos evidente, à procura do encontro em que olhemos o mundo nos olhos, deixando igualmente as coisas nos olharem. O cuidado com o invisível, com o insondável emergindo como um possível à pressa acelerada do espetáculo, que na ânsia de apresentar a imagem, não permite que se imagine...

O investimento na potência desviante e criadora da imagem, na capacidade de olhar e (re)inventar o mundo é acenada por Debord no Panegírico II:

As mentiras dominantes da época estão em condições de fazer esquecer que a verdade pode ser vista também nas imagens.(DEBORD, 2005, p. 261)

5.5 As pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas...

“Incentivamos a lealdade do consumidor e queremos que nos ajudem a testar nosso novo produto” _estas palavras introduzem o jogo eXistenZ, marca registrada da empresa Antenna Research. Ao final do filme, entretanto, descobrimos que toda a sequência de cenas que pensávamos participarem de eXistenZ, na verdade fazem parte de outro game, tranCendenZ, da PilgrImage.

A coexistência entre vários níveis de realidade projetada pelo filme nos permite pensar no encadeamento de informações que compõem um holograma, técnica de armazenamento de dados que condensa em cada fragmento de informação, o objeto inteiro¹⁴.

O conceito de registro total, no qual cada parte reproduz informações fragmentárias do todo vem sendo útil na neurologia, na neurofisiologia e neuropsicologia, principalmente no desenvolvimento de pesquisas sobre a memória e o armazenamento mnêmico no cérebro.

Também a gravação de dados em disco rígido pelos computadores se utiliza da fragmentação de dados, que depois são decodificados no ato da leitura.

Observando-se pelo prisma da informação, o filme eXistenZ nos esclarece muito ou muito pouco, dependendo do ponto de vista. Na verdade, eXistenZ permite a reflexão sobre a dependência entre o compartilhamento de referências entre o leitor e a rede de informações, pois, como sabemos, toda e qualquer comunicação efetiva depende da cumplicidade com o receptor da mensagem.

Se a mensagem só adquire sentido em função do sistema que vai interpretá-la, cabe pensar nas razões pelas quais as cenas de eXistenZ não se encadeiam em uma sequência lógica, que seriam facilmente compreensíveis para um interlocutor humano, mas através de sequências fragmentárias, milhões de séries digitais, rapidamente decodificáveis pelo computador.

Faz sentido, um filme sobre a possibilidade cibernética do humano deve ser narrado em linguagem decodificável por um ciborgue.

¹⁴ Uma forma de exemplificar o funcionamento do holograma é pensá-lo como a visualização de um cenário através de uma janela. Na hipótese dela ser coberta, deixando-se apenas um pequeno espaço na cobertura, o espectador poderá continuar observando a paisagem, entretanto de um ângulo mais estreito.

No processo de subjetivação da identidade como informação, a carga informativa trazida pelo corpo passa a definir quem se é e o que se é.

A inserção das recentes biotecnologias nos corpos constrói novas fronteiras e limites subjetivos. Em meio a recentes transparências e opacidades, o corpo assume outros significados e premências: submetidos ao apelo do poder da informação, necessitamos de corpos digitais, imateriais e eternos, que nos permitam circular e transitar em quaisquer espaços: urge sermos imortais para nos adaptarmos às exigências do mundo informatizado.

Sem memórias definitivas, sem certezas que não possam ser reconfiguradas pelo acesso a novas informações, as modernas biotecnologias nos acenam com promessas de que podemos ter o rejuvenescimento e a imortalidade, ainda que para isso seja necessário que “troquemos de sexo, de sangue, de cabelo, [enfim] do próprio corpo” (SANT’ANNA, 2001, p. 24).

Como menciona Sant’Anna (2001, p. 28), o ilimitado do corpo substituiu outros ilimitados, e cabe agora ao indivíduo-corpo soberano infinitas escolhas solitárias sobre o “si-mesmo”, “empreendimento” de sua total responsabilidade que para dar certo exige que se desvencilhe de tudo que seja pesado demais, como “muito corpo, memória ou identidade”...

“O neurótico sofre de reminiscências.”

(FREUD, 1979, p. 45)

“Ainda lembro o que passou,

Eu, você, em qualquer lugar,

(...) Eu nem pensava em ter que esquecer você...”

(MONTE, 1991)

“Memórias falsas podem surgir quando alguém nos conta uma versão incorreta do passado. Ou quando somos questionados de forma direcionada. Claro, isso é ruim porque distorce o passado. Mas acredito que podemos usar as memórias falsas para fazer o bem – ajudando a superar doenças e distúrbios.”

(LOFTUS, 2010, p. 38)

6 DESCONHECIDO: além das memórias de mim...quimeras e outras pessoas que evaporam

As primeiras cenas deste filme de Jaume Collet Serra, de 2011, parecem nos remeter ao previsível script da chegada de um casal apaixonado em uma cidade desconhecida.

A familiaridade, afeto e cumplicidade evidentes entre eles contrastam com a ausência de significados afetivos das ruas que percorrem.

Os vínculos entre o casal são rompidos, entretanto, pois, ao chegar ao hotel em que se hospedaria, nosso protagonista, Martin, percebe ter esquecido uma parte de sua bagagem no aeroporto.

Diante disso, ele deixa a esposa, Liz, e parte para resgatar o que lhe pertence. No meio do caminho, entretanto, sofre um acidente e entra em coma, só recuperando a consciência alguns dias depois.

Ao acordar, busca pela esposa, e se surpreende ao saber que ela não o procurou desde o desastre. Dirigindo-se ao hotel em que se hospedaram, verifica que ela está acompanhada de um homem que alega ser seu marido, Martin, identidade que nosso herói atribui a si mesmo, e se surpreende porque ela alega não reconhecê-lo.

Na sequência do filme, Martin 1 e Martin 2 referem-se às mesmas lembranças e idênticos acontecimentos, recortes iguais das mesmas histórias.

Em um ambíguo estado de sonho-consciência Martin 1 oscila entre a certeza de “si” e a dúvida da experiência do mundo, ou a suspeita de que vive em delírio e de que todo o resto está normal.

Em busca da história que se lembra, Martin 1 tenta estabelecer, sem êxito, contatos com pessoas de seu passado que parecem se desvanecer como as certezas que detém acerca de si mesmo.

Nosso herói transita pelo filme procurando mostrar aos outros quem ele é, ao mesmo tempo em que, pela busca, também quer se certificar de sua identidade.

O desfecho nos revela que Martin 1 estava enganado, e que as lembranças que lhe perseguem são falsas, tendo sido construídas propositalmente por um grupo terrorista envolvido em ataques políticos.

No eco das reminiscências de Martin 1, ressoam as dúvidas sobre o papel de memórias na construção da própria existência, que no filme é absolutamente desmontada pelas informações trazidas ao protagonista.

6.1 Pessoa ou quimera?

A descoberta do DNA na década de 1950 popularizou a crença na identidade genética única de cada ser humano. Recentemente todavia (desde os anos de 1990), tal convicção vem sendo desmontada pela descoberta de que alguns indivíduos podem não ser geneticamente iguais a si mesmos.

Tais pessoas, que vêm sendo nomeadas como *quimeras*, apresentam a rara fusão de dois embriões geneticamente distintos ainda no ventre materno, e portanto possuem duas cargas genéticas diferentes em seu corpo. Assim, cabelos, ossos e pele podem possuir uma composição genética, enquanto órgãos internos e reprodutivos podem ter outra tipagem de gens.

Esta dinâmica foi inicialmente pesquisada pela médica Margot Kruskall, do Centro Médico Beth Israel Deaconess de Boston, com sua paciente Jane que, necessitando de um transplante renal, descobriu que possuía carga genética incompatível com dois dos três filhos que gerara. Após dois anos de estudos, identificaram que a mulher era um caso raro na medicina, pois se tratava de um indivíduo híbrido, formado pela convivência entre o DNA de dois gêmeos não idênticos que se fundiram ainda no útero materno. *Quimeras humanas* podem, por exemplo, possuir sangue e tecidos capilares com uma tipagem genética, mas ovários ou testículos com outra carga de DNA. Após a divulgação do caso Jane, a literatura médica noticiou serem conhecidas outras 40 quimeras humanas no mundo¹⁵.

A escolha do termo *quimera* deriva-se do ente mitológico grego, que, animal híbrido formado por partes de leão, cabra, serpente ou dragão, era considerado monstruoso. Na metáfora do monstro podemos pensar sobre como a intolerância à diferença tradicionalmente associa o encontro com o que é distinto de si, a algo assustador. Entretanto, para além do “deciframento” de seu *monstruoso* sentido, as *quimeras* atuais podem questionar a

¹⁵ Esta situação se tomou conhecida do grande público brasileiro através da exibição do programa “Quimera Genética”, produzido e televisionado pelo Discovery Channel. No programa foram apresentados como fenômenos extraordinários os nascimentos de crianças metade brancas e metade negras, com olhos de cores diferentes ou hermafroditas. O programa também evidenciou, em análise preliminar, a incompatibilidade genética entre as mulheres _ o canal de TV optou por não usar o termo “mães” _ que geraram estas crianças e as próprias crianças.

coexistência da multiplicidade no que se pensava uno. A descoberta das *quimeras humanas* podem nos fazer rever, confundindo, ao invés de certificar, supostas referências identitárias disseminadas pelos discursos genéticos.

Assim, apesar dos apelos científicos para seu deciframento, talvez seja mais interessante mantê-las cifradas, implodindo supostos sentidos únicos e multiplicando potências do não capturado.

Em tempos de prevalência do discurso corporal como demarcador da identidade, tal descoberta soa como vertigem nas certezas que a ciência vem buscando disseminar nas últimas décadas, e invoca a reflexão de cada um sobre o quanto de *quimeras* habitam e se multiplicam em nós.

6.2 Demolindo, construindo e ressignificando ou como artes da memória podem tornar qualquer um em qualquer outro

A cidade gaúcha de Gramado oferece indícios muito interessantes sobre os apelos e desapareços da memória como lembrança de si.

De fato, Gramado começou a ser construída em 1875, com a chegada dos primeiros imigrantes italianos, alemães e portugueses.

Desde o início, a colonização italiana teria marcado de forma mais evidente as escolhas arquitetônicas. Assim, as edificações expressavam o estilo característico das casas italianas, construídas principalmente através de mutirões de colonos, que se adaptavam às condições impostas pela natureza, aproveitando quaisquer condições geológicas nas construções, como, por exemplo, a edificação dos porões nos locais com forte declive, principalmente com a pedra basáltica irregular ou talhada. A madeira também era material bastante recorrente nas moradias, e a cobertura das residências era feita com pequenas tabuinhas chamadas, em italiano, de “scándole”.

Essa arquitetura, predominante até a emancipação de Gramado do município de Taquara, em 1954, foi rápida e vigorosamente substituída pelos modelos arquitetônicos bávaros alemães, inspirados, em grande parte, pelo Parque Knorr, que começou a ser projetado em 1940.

Nessa virada estilística, a partir da década de 1950, a ocupação dos italianos, que imprimiu suas características arquitetônicas e culturais à cidade, foi reinventada na versão da colonização estritamente alemã, atendendo a interesses de fomentar o turismo no local.

Na montagem da história para o turista *ver*, a real colonização da cidade se funde e confunde com as versões criadas para o turismo.

As críticas de que Gramado seja uma “*cidade de boneca, ficção científica, ilha da fantasia*” (DORNELLES, 2001, p. 64) se fazem mais eloquentes fora da própria Gramado, pois muitos de seus moradores defendem a ideia de autenticidade da história que é propagada, sendo os primeiros a crer no que falam.

Esse estilo [...] é da arquitetura do estilo dos imigrantes. A gente tem que seguir nossas raízes. (DORNELLES, 2001, p.63)

A presença da cultura italiana (CASAGRANDE, 2006) é minimizada pela difusão de referências bávaras, na verdade estratégias de conquista programadas para o turismo e a pretensa evocação à memória dos colonizadores reflete a colonização do projeto de memória para atender as demandas do turismo.

Na reinvenção dos acontecimentos, Gramado se constitui a partir de falsas memórias, mas que, uma vez introjetadas, se tornam mais verdadeiras do que os acontecimentos que realmente existiram.

Em contato com um funcionário da Secretaria de Turismo do Estado do Rio Grande, ela comenta que Gramado é uma criação, uma ficção científica, uma cidade montada, construída para fins de turismo, diferente de outras cidades onde já existe algo do próprio local que pode servir de atrativo (DORNELLES, 2001, p. 62).

Nas palavras de um arquiteto:

O estilo de construção arquitetônico em Gramado é denominado bávarafalk, isto é, a estilização de um estilo apenas para turista ver. (DORNELLES, 2001, p. 64).

O Festival de Cinema de Gramado, hoje reconhecido nacionalmente, também derivou do interesse em aquecer o turismo na cidade durante o verão, estação em que a região era menos procurada por visitantes (CASAGRANDE, 2006, p. 86) e os filmes serviram como mais um atrativo a ser visto na cidade. Paradoxalmente, muito embora os festivais venham exibindo parte importante da história do cinema nacional, a cidade em que tudo é construído para ser visto, não vislumbra como sua história e memória são absolutamente ficcionais...

6.3 “Não cabe temer ou esperar, mas buscar novas armas”

A reinvenção da memória parece ser um investimento previsível nas sociedades as quais vivemos. As consequências deste processo, no entanto, não o são.

Conforme nos alerta Foucault, o mais evidente problema filosófico talvez seja pensar o tempo presente. Nesse sentido o objetivo mais árduo de nossa sociedade não consistiria em descobrir o que somos, mas recusar aquilo que nos tornamos (FOUCAULT, 2013, p. 283). A ânsia em perquirir supostas essências e naturezas secundariza a importância das ações, que podem se verificar adaptáveis e adaptadas, mas que, acima de tudo, imprimem no mundo marcas que afetam o outro e também a nós...

O protagonista do filme “Desconhecido”, Martin 1, se desloca o tempo todo durante a película. Seus deslocamentos, contudo, não correspondem necessariamente às suas movimentações no espaço. Martin 1 se desloca de si e do peso de suas histórias ao descobrir que o que ele sabe sobre si importa menos do que aquilo que ele deseja e do que ele faz.

Martin 1 aprende que qualquer escolha guarda, grita e interpela apelos éticos. Ele se desloca de suas antigas certezas ao perceber que o espelho que melhor reflete é o olhar do outro. De forma inspirada o diretor conduz a cena em que a esposa “re-conhece” Martin 1 em meio a uma exposição de fotos de “desconhecidos” que, mesmo de olhos fechados, são profundamente expressivos. Embora óbvio, os rostos humanos são, na maior parte de suas expressões, desconhecidos para quem os ostenta, já que se revelam, realmente, na expressão diante do outro, alguém ou algo.

O filme “Desconhecido” nos sacode e leva a questionar potências insuspeitadas na história que se constrói ao ocuparmos o mundo, não no preenchimento de sentido, mas na permissão de que acontecimentos irrompam, transfigurem, engendrem espaços, tempos, desejos, revisitem o passado, infinitezizando finais, começos e meios.

Talvez ao desdenhar dos previsíveis finais, cada um de nós possua multidões de desconhecidos porosos que nos impulsionem a deslocamentos, fluxos e ações no mundo.

A elaboração de ações livres, intermináveis e incompletas talvez seja a estratégia mais precisa para a invenção de experiências que escapem da totalização fluido-capilar de nossa atual sociedade de controle:

A porosidade nos dá a ideia de incompletude, de um inacabamento constitutivo, a partir do qual nenhum traçado das ruas, ou das sensibilidades da cidade [...] aparecem destinados a todo sempre, ao contrário, arriscam-se em um paixão pela improvisação. (RODRIGUES; BAPTISTA, 2010, p. 426).

Em meio aos temores da perda da memória (nos diagnósticos de demência senil e novas patologias mnêmicas), ou diante da incitação pelo esquecimento (com a invenção de tecnologias “seguras” de esquecimento), talvez caibam estratégias de estranhamento e criação, e no fio da navalha, outros e outras histórias possam ser construídos, pois, se memória demais pode aprisionar, “desmemórias” não são necessariamente libertadoras...

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. *O que resta de Auschwitz*. São Paulo: Boitempo, 2008.
- AGÊNCIA NOTISA DE JORNALISMO CIENTÍFICO. Felicidade em pílulas? In: *Revista Psique Ciência e Vida*. São Paulo; Escala, ano I, n. 4, mar. 2006.
- AGÊNCIA NOTISA DE JORNALISMO CIENTÍFICO. Entenda como funcionam as mentes assassinas. In: *Revista Psique Ciência e Vida*: São Paulo: Escala, ano I, n. 13, dez. 2006.
- AGOSTINHO, Santo *apud* SIBILIA, Paula. “*O show do eu*”. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.
- ALLEN, Robert. “The movies in Vaudeville”. In: BALIO, Tino (org). *The American Film Industry*. Madison, University of Wisconsin Press, p. 62, *apud* COSTA, Flávia Cesarino. *O primeiro cinema*. Rio de Janeiro: Azougue, 2008.
- ANDRADE, Joaquim Pedro. “Crítica e autocrítica”. *Revista Civilização Brasileira*, maio de 1966 *apud* AVELLAR, José Carlos. *Cinema e espectador*. In: XAVIER, Ismail. *O cinema no século*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- ANTUNES, Arnaldo. *Álbum Ao Vivo: Música Socorro*. Gravadora Biscoito Fino, 2007.
- ARENDT, Hannah. *A Condição Humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.
- AUGÉ, Marc. *Por uma antropologia da mobilidade*. Maceió: UFAL, 2010.
- AUGÉ, Marc. *Não lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade*. São Paulo: Papyrus, 2008.
- AVELLAR, José Carlos. *Cinema e espectador*. In: XAVIER, Ismail. *O cinema no século*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- BAECQUE, Antoine de. O corpo no cinema. In COURTINE, Jean-Jacques. *História do Corpo 3. As Mutações do Olhar*. Petrópolis: Vozes, 2008.
- BANDOUK, Antônio Carlos. *O projeto Genoma Humano. Um breve histórico*. Disponível em <http://verinha.de/projeto_genoma_humano.htm>. Acesso em 22/06/2012.
- BARROS FILHO, Clóvis (org). *Bravo Mundo Novo: novas configurações da comunicação e do consumo*. São Paulo: Alameda, 2009.

- BASTIDE, Roger. “Le principe d’individuation”. La notion de personne em Afrique Noire. Paris: CNRS, 1973, p. 36 *apud* LE BRETON, David. *Antropologia do corpo e modernidade*. Petrópolis: Vozes, 2011.
- BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- BAUMAN, Zygmunt. *Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- BAUMAN, Zygmunt. *Confiança e Medo na Cidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.
- BAUMAN, Zygmunt. *A Sociedade Individualizada*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.
- BENJAMIN, Walter. “A Obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica”. In: *Obras Escolhidas I. Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1996.
- BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas I. Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1996.
- BEZERRA, Benilton. “O ocaso da interioridade e suas repercussões sobre a clínica”. In: Platino, Carlos (org). *Transgressões*. Rio de Janeiro: Contracapa, 2002.
- BREUER, Hubertus. A Pílula do Esquecimento. In: *Revista Mente e Cérebro*. São Paulo: Editora Duetto, ano XII, n. 142, nov. 2004.
- BUCHAMAN, Mark. Dinheiro e felicidade: ele mexe com a nossa cabeça! In: *Revista Mente e Cérebro*. São Paulo: Editora Duetto, ano XIX, n. 234, jul. 2012.
- BURNHAM, Terry & PHELAN, Jay. *A culpa é da genética*. Rio de Janeiro: Sextante, 2002.
- CAPLAN, Arthur. *Inteligências Programadas* in *Scientific American*. São Paulo: Duetto, ano 2, n. 17, out. 2003.
- CAPOZZOLI, Ulisses. Genética de caça aos criminosos. In: *Revista Scientific American Brasil*. São Paulo: Editora Duetto, Ano X, n. 116, jan. 2012.
- CARELLI, Gabriela. Genética não é espelho. In: *Revista Veja*. São Paulo: Abril, edição 2109, ano 42, n. 16, abr. 2009.
- CARLOS, Danni. Álbum Música Nova, Música *Coisas que eu sei*. Gravadora Sony BMG, 2007.
- CASAGRANDE, Gilnei Ricardo. *Um cheiro de vinho: presença italiana em Gramado*. Dissertação de Mestrado. PUC/RS: 2006.

- CASOY, Ilana. Transgressão doentia. Entenda os Transtornos que estão por trás das diversas facetas do comportamento doentio. In: *Revista Ciência Criminal - Especial Mente Criminosa*, s/d.
- CASTRO, Lúcia Rabello (org). *Infância e adolescência na cultura de consumo*. Rio de Janeiro: Nau, 1999.
- CHARNEY, Leo. Num instante: o cinema e a filosofia da modernidade. In: CHARNEY, Leo; SCHWARTZ, Vanessa (org). *O cinema e a invenção da vida moderna*. São Paulo: Cosac Naify, 2004.
- CHARNEY, Leo; SCHWARTZ, Vanessa (org). *O cinema e a invenção da vida moderna*. São Paulo: Cosac Naify, 2004.
- CHIESA, Bruno della. O cérebro em contínua construção. In: *Revista Neuroeducação*. São Paulo: Segmento, n. 2.
- CHIESA, Bruno della. A arquitetura do Ser e do Saber. In: *Revista Neuroeducação*. São Paulo: Segmento, n. 2.
- CICERONE, Paola Emilia. Uma droga chamada paixão. In: *Revista Mente e Cérebro. Edição Especial O equilíbrio das emoções*. São Paulo: Editora Duetto, n. 9.
- CINQUEPALMI, João Vito. A genética fracassou? In: *Revista Superinteressante*. São Paulo: Editora Abril, n. 282, set. 2010.
- CLARK. A. Natural-Born Cyborgs. Minds, Technologies, and the Future of Human Intelligence. Oxford: University Press, 2003, p. 3 *apud* MOLINA, Suely. *Natureza Mutante. Ciência & Vida. Filosofia Especial*. Ano I, n. 3, s/d.
- COHEN, David (org). O valor da tristeza. Estudo questiona a eficácia dos antidepressivos. In: *Revista Época*. São Paulo: Globo, n. 511, mar. 2008.
- COIMBRA, Cecília & NASCIMENTO, M^a Lívia. Jovens pobres: o mito da periculosidade. In: *Jovens em tempo real*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- CORBIN, Alain. *História do Corpo 2. Da Revolução à Grande Guerra*. Petrópolis: Vozes, 2008.
- CORREA, Ricardo. De onde vem o mal? In: *Revista Galileu*. São Paulo: Globo, n. 240, jul. 2011.
- COSTA, Flávia Cesarino. *O primeiro cinema*. Rio de Janeiro: Azougue, 2008.
- COSTA, Jurandir Freire. *A inocência e o vício*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1992.
- COSTA, Jurandir Freire. *O vestígio e a aura*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

COSTA, Jurandir Freire. *O risco de cada um*. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

COSTA, Luís Artur. *Desnaturar desmundos: a imagem e a tecnologia para além do exílio no humano*. Tese de doutorado. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2012.

COURTINE, Jean-Jacques. *História do Corpo 3. As Mutações do Olhar*. Petrópolis: Vozes, 2008.

COUTO, Sérgio Pereira. Zodíaco. O psicopata que assombrou os EUA na década de 1960. In: *Revista Ciência Criminal*. Ano I, n. 1, s/d.

CRARY, Jonathan. A visão que se desprende: Manet e o observador atento do fim do século XIX. In: CHARNEY, Leo & SCHARTZ, Vanessa. *O cinema e a Invenção da Vida Moderna*. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

DAVIDOFF, Linda. *Introdução à Psicologia*. São Paulo: Pearson, 2000.

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo. Comentários sobre a sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DEBORD, Guy. Panégryrique, Tomo II. Paris: Arthème Fayard, 1997 *apud* JAPPE, Anselm. O reino da contemplação passiva. In: NOVAES, Adauto (org). *Muito Além do Espetáculo*. São Paulo: SENAC, 2005.

DE GRAND, Alexander. *Itália fascista e Alemanha nazista. O estilo “fascista” de governar*. São Paulo: Madras, 2005.

DELETE. *O que você gostaria de esquecer* In: *Revista Conhecer*. Seção Ciência. São Paulo: Duetto, n. 22, abr. 2011.

DELEUZE, Gilles. *Post-scriptum sobre as sociedades de controle. Conversações*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

DEL PRIORE, MARY. “Em casa, fazendo graça”: domesticidade, família e lazer entre a Colônia e o Império. In: MARZANO, ANDREA & MELO, VICTOR. *Vida Divertida: histórias do lazer no Rio de Janeiro (1830-1930)*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.

DORNELLES, Edson Bertin. *Gramado: a produção e o consumo de uma imagem de cidade européia no sul do Brasil*. Dissertação de Mestrado: UFRS, 2001.

DREYFUS, Hubert & RABINOW, Paul. *Michel Foucault: uma trajetória filosófica*. Rio de Janeiro: Gen & Forense, 2013.

DUMONT, Louis. Essai sur l'individualisme. Paris: Seuil, 1983 *apud* LE BRETON, David. *Antropologia do corpo e modernidade*. Petrópolis: Vozes, 2011.

DUNKER, Christian Ingo. Síndrome do fim do ano. Época de festas provoca ansiedade e solidão. In: *Revista Mente e Cérebro*. Ano XIV, n. 167, dez. 2006.

DYSON, Esther. Privacidade Ameaçada. É possível garantir a confidencialidade em um mundo de alta tecnologia? In: *Revista Scientific American*, n. 77, out. 2008.

EHRENBERG, Alain. La fatigue d'être soi. Paris: Odile Jacob, 1998, p. 203 *apud* SANT'ANNA. Denise Bernuzzi. *Corpos de Passagem*. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador: uma história de costumes*. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.

FIGUEIREDO, Luís Cláudio. *A Invenção do Psicológico: quatro séculos de subjetivação*. Rio de Janeiro: Vozes, 1992.

FONTENELLE, Isleide Arruda. Coolhunters: pesquisa de mercado de "tendências culturais" e transformações na comunicação mercadológica contemporânea. In: BARROS FILHO, Clóvis (Org.). *Bravo mundo novo: Novas configurações da comunicação e do consumo*. São Paulo: Alameda, 2009.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir. História da Violência nas Prisões*. Petrópolis: Vozes, 1977.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade 1. A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

FOUCAULT, Michel. *As Palavras e as Coisas*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

FOUCAULT, Michel. *Nascimento da Biopolítica*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, Hubert & RABINOW, Paul. *Michel Foucault: uma trajetória filosófica*. Rio de Janeiro: Gen & Forense, 2013.

FRANZ, Mary. Alimentos para o cérebro. In: *Revista Mente e Cérebro*. São Paulo: Editora Duetto, ano XVIII, n. 218, mar. 2011.

FREUD, S. (1893). *Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos: comunicação preliminar*. *Obras completas*, v. II. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

GABLER, NEIL. *Vida, o filme*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

GARATTONI, Bruno & COSTA, Camilla. Como fazer super bebês. In: *Revista Superinteressante*. São Paulo: Editora Abril, n. 301, fev. 2012.

GARCIA, Gabriel Cid de & COIMBRA, Carlos A. Q. (org). *Ciência em foco. O Olhar pelo Cinema*. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

GIDDENS, Anthony. *Modernidade e Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

GUILLEBAUD, Jean-Claude. *A Reinvenção do Mundo*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil: 2003.

GUINZBERG, Eugène. Le vertige. In : CHALAMOV, V. Récits de Kolyma. Tomo II. Paris: Verdier, 2003, p. 571 *apud* BECKER, Annette. O corpo e os campos de concentração. In: COURTINE, Jean-Jacques. *História do Corpo 3. As Mutações do Olhar*. Petrópolis: Vozes, 2008.

GUNNING, Tom. Cinema e história: “Fotografias animadas”, contos do esquecido futuro do cinema. In: XAVIER, Ismail. *O cinema no século*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

GUNNING, Tom. The Cinema of Attractions. In: ELSAESSER, Thomas (org). Early Cinema: Space-Frame-Narrative. London: British Film Institute, 1990, *apud* COSTA, Flávia Cesarino. *O primeiro cinema*. Rio de Janeiro: Azougue, 2008.

HAIER, Richard. A neurociência da inteligência. In: *Revista Mente e Cérebro*. São Paulo: Editora Duetto, ano XVII, n. 203, dez. 2009.

HANSEN, Miriam Bratu. “Estados Unidos, Paris, Alpes: Kracauer (e Benjamin) sobre o cinema e a modernidade”. In: CHARNEY, Leo; SCHWARTZ, Vanessa (org). *O cinema e a invenção da vida moderna*. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

HARAWAY, Donna. Manifesto Ciborgue. Ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: TADEU, Tomaz (org). *Antropologia do ciborgue*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

HEIDEGGER, Martin. Ser e Tempo. Rio de Janeiro: Vozes, 2001 *apud* CHARNEY, Leo. Num instante: o cinema e a filosofia da modernidade. In: CHARNEY, Leo & SCHWARTZ, Vanessa (org). *O cinema e a invenção da vida moderna*. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

HERBERT, Wray. À procura da criança orquídea. In: *Revista Mente e Cérebro*. São Paulo: Editora Duetto, Ano XIX, n. 228, jan. 2012.

HERCULANO-HOUZEL, Suzana. Seção Cuide-se. In: *Revista Mente e Cérebro*. São Paulo: Editora Duetto, ano XIX, n. 228, jan. 2012.

HERCULANO-HOUZEL, Suzana. De bem com seu cérebro. In: *Revista Mente e Cérebro. Edição Especial: Desvendando o cérebro*. São Paulo: Editora Duetto, n. 19, s/d.

HOBSBAWN, Eric. *A Era dos Extremos, o breve século XX – 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

HORGAN, John. O fim da ciência: uma discussão dos limites do conhecimento científico. São Paulo, Companhia das Letras, 1998 *apud* COSTA, Jurandir Freire. *O risco de cada um*. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

HYMAN, Steven. Diagnosticando transtornos. In: *Revista Scientific American Brasil*. São Paulo: Editora Duetto, Ano II, n. 17, out. 2003.

JAPPE, Anselm. *Guy Debord*. Petrópolis: Vozes, 1999.

JAY GOULD, Stephen. “O que é a vida?” como problema histórico. In: MURPHY, P. “O que é a vida?” 50 anos depois: especulações sobre o futuro da Biologia. São Paulo: UNESP, 1997 *apud* SIBILIA, Paula. *O homem pós-orgânico*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2002.

KENSKI, Rafael. Os superpoderes do cérebro. In: *Revista Superinteressante*. São Paulo: Editora Abril, n. 229, ago. 2006.

KINSLEY, Craig Howard. Sabedoria de mãe. In: *Scientific American*. São Paulo: Duetto, ano 4, n. 45, fev. 2006.

KOONZ, Claudia. The Nazi Conscience. Cambridge, 2003 *apud* DE GRAND, Alexander. *Itália fascista e Alemanha nazista. O estilo “fascista” de governar*. São Paulo: Madras, 2005.

KRACAUER, Siegfried. “Artistishes und Amerikanisches” *apud* HANSEN, Miriam Bratu. “Estados Unidos, Paris, Alpes: Kracauer (e Benjamin) sobre o cinema e a modernidade”. In: CHARNEY, Leo & SCHWARTZ, Vanessa (org). *O cinema e a invenção da vida moderna*. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

KRINGELBACH, Morten. Marca-passos cerebrais. In: *Revista Mente e Cérebro*. São Paulo: Editora Duetto, Ano XVII, n. 211, ago. 2010.

LACROIX, Michel. *O Culto da Emoção*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

LAWTON, Graham. Pessoal e intransferível. In: *Revista Mente e Cérebro. Edição Especial Personalidade*. São Paulo: Editora Duetto, n. 6.

LE BRETON, David. *Antropologia do corpo e modernidade*. Petrópolis: Vozes, 2011.

LEENHARDT, M. Do Kamo. Paris: Galimard, 1947 *apud* LE BRETON, David. *Antropologia do corpo e modernidade*. Petrópolis: Vozes, 2011.

LEVI, Primo. *É isso um homem?* Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

- LÈVI-STRAUSS, Claude. *La pensée sauvage*. Paris: Plon, 1962 *apud* LE BRETON, David. *Antropologia do corpo e modernidade*. Petrópolis: Vozes, 2011.
- LIPOVETSKY, Gilles. *Os tempos hipermodernos*. São Paulo: Barcarolla, 2004.
- LIPOVETSKY, Gilles. *A felicidade paradoxal*. Lisboa: Edições 70, 2007.
- LOFTUS, Elizabeth. Polêmica: pela criação de memórias falsas. In: *Revista Superinteressante*. São Paulo: Editora Abril, n. 282, set. 2010.
- LOMBARDI, Renato. O vírus do massacre. Sem motivo aparente, assassinos fazem vítimas em escolas, cinemas e lugares públicos. In: *Revista Ciência Criminal*. Ano I, n. 4, s/d.
- MACHADO, Arlindo. *Cinema e Virtualidade* in XAVIER, Ismail. *O cinema no século*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- MACHADO, Roberto. *Deleuze e a filosofia*. Rio de Janeiro: Graal, 1990.
- MACHADO, Sérgio. Eletricidade para curar o cérebro. In *Revista Mente e Cérebro*. São Paulo: Editora Duetto, Ano XIX, n. 230, mar. 2012.
- MAFFESOLI, Michel. *Notas sobre a Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: Atlântica Editora, 2004.
- MALAGUTTI BATISTA, Vera. *O medo na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Revan, 2003.
- MARZANO, ANDREA; MELO, VICTOR. *Vida Divertida: histórias do lazer no Rio de Janeiro (1830-1930)*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.
- MAURO, Humberto citado por AVELLAR, José Carlos. Cinema e espectador. In: XAVIER, Ismail. *O cinema no século*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- MONTE, Marisa; REIS, Nando. Álbum Mais. *Música "Ainda lembro"*. Gravadora Sony BMG, 1991.
- MORAES, Vinicius. *"O cinema dos meus olhos"*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- MOULIN, Anne Marie. O organismo e os saberes. In: COURTINE, Jean-Jacques. *História do Corpo 3. As Mutações do Olhar*. Petrópolis: Vozes, 2008.
- NAIPAUL, V. "Un parmi d'autres". Dis-moi qui tuer. Paris: Albin Michel, 1983, p.42 *apud* LE BRETON, David. *Antropologia do corpo e modernidade*. Petrópolis: Vozes, 2011.
- NARLOCH, Leandro. Psicopata – cuidado: tem um ao seu lado. Psicopatas à vista. In: *Revista Super Interessante*, n. 228, jul. 2006.

NOGUEIRA, Pablo. O novo manual do corpo. A ciência revela o que é preciso para viver mais e melhor. Siga as instruções. In: *Revista Galileu*. São Paulo: Globo, n. 181, ago. 2006.

NOGUEIRA, Salvador. A ciência de provar qualquer coisa. In: *Revista Superinteressante*. São Paulo: Editora Abril, n. 268, ago. 2009.

NOGUEIRA, Salvador. O homem-produto: Até mais seleção natural. Quem manda agora no nosso corpo somos nós. In: *Revista Superinteressante*, São Paulo: Editora Abril, n. 270, out. 2009.

NOGUEIRA, Salvador. Sua cabeça é muito mais do que você pensa. In: *Revista Conhecer*. São Paulo: Editora Duetto, n. 15, out. 2010.

NOGUEIRA, Salvador. O seu novo eu. In: *Revista Superinteressante*. São Paulo: Editora Abril, n. 294, ago. 2011.

NOVAES, Adauto. A imagem e o espetáculo. In: NOVAES, Adauto (org). *Muito Além do Espetáculo*. São Paulo: SENAC, 2005.

NOVAES, Adauto (org). *Muito Além do Espetáculo*. São Paulo: SENAC, 2005.

NOVAES, Adauto. *Ética*. São Paulo: Schwarcz, 2007.

ORTEGA, Francisco. *O corpo incerto*. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

ORTEGA, Francisco & ZORZANELLI, Rafaela. *Corpo em evidência. A ciência e a redefinição do corpo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira: 2010.

PAESTSCH, Martin. A anatomia de nossa inteligência. In: *Revista GEO*. São Paulo: Editora Escala, n. 38, 2011.

PARSONS, Paul. Controle da mente: A verdadeira polícia do pensamento. In: *Revista Knowledge*. São Paulo: Duetto, n. 5, nov. 2009.

PAUEN, Michel. Somos livres para agir? In: *Revista Mente e Cérebro. Edição Especial: Diferenças entre os sexos*. São Paulo: Editora Duetto, ano XIII, n. 146, mar. 2005.

PEASE, Allan & PEASE, Barbara. *Por que os homens fazem sexo e as mulheres fazem amor*. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.

PEIXOTO, Nelson Brissac. *Paisagens urbanas*. São Paulo: SENAC, 2003.

PEIXOTO, Nelson Brissac. Ver o invisível: a ética das imagens. In: NOVAES, Adauto. *Ética*. São Paulo: Schwarcz, 2007.

PONTES, Felipe. DNA – a verdade dos testes. In: *Revista Galileu*. São Paulo, Globo, n. 231, out. 2010.

PONTES, Felipe. Turbine sua memória. Novos estudos descobrem como lembrar de tudo. In: *Revista Galileu*. São Paulo: Globo, n. 241, ago. 2011.

POSTMAN, Neil. *O Desaparecimento da Infância*. Rio de Janeiro: Graphia, 2002.

QUINTANA, MÁRIO. Poema Inscrição para uma lareira. In: Mário Quintana. *Poesia Completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2006.

RAGO, Margareth; VEIGA-NETO, Alfredo (org). *Para uma vida não-fascista*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

RIBEIRO, Renato Janine. A Política dos Costumes. In: NOVAES, Adauto (org). *Muito Além do Espetáculo*. São Paulo: SENAC, 2005.

RODRIGUES, A. C; BAPTISTA, L. A. S. Cidades-imagem: afirmações e enfrentamentos às políticas da subjetividade. In: *Revista Psicologia & Sociedade*: 2010, 22(3).

ROSA, Susel Oliveira da. Os investimentos em capital humano. In RAGO, Margareth; VEIGA-NETO, Alfredo (org). *Para uma vida não-fascista*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

ROSA, Guimarães. *Grande sertão veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

ROSS, Philip. Máquinas para ler a mente. In: *Revista Mente e Cérebro*. São Paulo: Editora Duetto, ano XVI, n. 189.

ROTHENBERGER, Aribert; BANASCHEWSKI, Tobias. Mentes inquietas. Pesquisas neurológicas recentes trazem objetividade ao debate sobre como tratar crianças que sofrem com TDAH. In: *Revista Mente e Cérebro*. São Paulo: Editora Duetto, Edição especial n. 20, s/d.

ROTHSTEIN, Mark. Proteção da privacidade de seus genes. In: *Revista Scientific American Brasil. Edição Especial Aparato Tecnológico e Liberdades Individuais*. São Paulo: Editora Duetto, n. 77, out. 2008.

RUSSO, Renato. Álbum Legião Urbana. *Música Perdidos no Espaço*. Gravadora EMI, 1984.

RUSSO, Renato. Álbum Dois. *Música Metrôpole*. Gravadora EMI, 1986.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi. *Corpos de Passagem*. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi. É possível realizar uma história do corpo? In: SOARES, Carmen (org). *Corpo e História*. São Paulo: Autores Associados, 2006.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi. Dietética e conhecimento de si. In RAGO, Margareth; VEIGA-NETO, Alfredo (org). *Para uma vida não-fascista*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

SANTI, Alexandre. Memória, mude seu passado e seja mais feliz. In: *Revista Superinteressante*. São Paulo: Editora Abril, n. 300 – jan. 2012.

SANTOS, Erika Piedade da S. *Namoradas do Tráfico: poder, objetualização e novas (?) identidades no “movimento” do narcotráfico*. Rio de Janeiro: mimeo, 2005.

SCHLEIM, Stephan. No rastro do pensamento. In: *Revista Mente e Cérebro*. São Paulo: Editora Duetto, ano XVI, n. 189, s/d.

SCHUBERT, Siri. Quando mentiras deixam pistas no rosto. Faces da mentira. In: *Revista Mente e Cérebro*. Edição Especial, n. 14, s/d.

SCHWARTZ, Vanessa R. O espectador cinematográfico antes do aparato do cinema: O gosto do público pela realidade na Paris fim do século. In: CHARNEY, Leo & SCHWARTZ, Vanessa (org). *O cinema e a invenção da vida moderna*. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

SENNETT, Richard. *Carne e Pedra. O corpo e a cidade na civilização ocidental*. Rio de Janeiro: BestBolso, 2008.

SIBILIA, Paula. *O homem pós-orgânico*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2002.

SIBILIA, Paula. *O Show do Eu*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008a.

SIBILIA, Paula. *A bunda da Simone de Beauvoir*. Revista eletrônica Compôs, 2008b.

SIBILIA, Paula. Drogas do Esquecimento e Implantes Cerebrais: a informatização da memória. In: *Revista Ciência e Cultura*. Volume 60 – nº 1. São Paulo, 2008c.

SIMMEL, Georg. *A Metrópole e a Vida mental* In: VELHO, Otávio Guilherme. *O Fenômeno Urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

SLATER, Lauren. *Como ser são em lugares insanos. Dez experiências impressionantes sobre o comportamento humano*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

SOARES, Carmen (org). *Corpo e História*. São Paulo: Autores Associados, 2006.

SOARES, Carmen Lúcia. Escultura da Carne. In: RAGO, Margareth & VEIGA-NETO, Alfredo (org). *Para uma vida não-fascista*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

STIKER, Henri-Jacques. Nova percepção do corpo enfermo. In: CORBIN, Alain. *História do Corpo 2. Da Revolução à Grande Guerra*. Petrópolis: Vozes, 2008.

STRÜBER, Daniel. *Local do crime: o cérebro* in *Revista Mente e Cérebro*. São Paulo: Editora Duetto, ano XIV, n. 166, nov. 2006.

TADEU, TOMAZ. *Antropologia do ciborgue. As vertigens do pós-humano*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

TRESMONT, Claude. *Essai sur la pensée hébraïque*. Paris: Cerf: 1953 *apud* LE BRETON, David. *Antropologia do corpo e modernidade*. Petrópolis: Vozes, 2011.

TIRABOSHI, Juliana. *mal.com O Lado Sombrio da Internet*. In: *Revista Galileu*, n. 201, abr. 2008.

VALÈRY, Paul *apud* MACHADO, Roberto. *Deleuze e o filosofia*. Rio de Janeiro: Graal, 1990.

VERSIGNASSI, Alexandre. *Par perfeito*. In: *Revista Superinteressante*. São Paulo: Editora Abril, n. 258, nov. 2008.

VIDAL, Fernando; ORTEGA, Francisco. *O Sujeito Cerebral*. In: *Revista Cientific American*. São Paulo: Duetto, set. 2006.

VILICIC, Filipe. *Afinal, a leitura da mente*. In: *Revista Veja*. São Paulo: Editora Abril, n. 2276, 4 jul. 2012.

VINCENT-BUFFAULT. Anne. *“História das Lágrimas”*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

VIRILIO, Paul. *A máquina da visão*. Rio de Janeiro: José Olympio: 1994.

WOLFF, Francis. *Por trás do espetáculo: o poder das imagens*. In: NOVAES, Adauto (org). *Muito Além do Espetáculo*. São Paulo: Senac, 2005.

WOLLEN, Peter. *Cinema e Política*. In: XAVIER, Ismail. *O cinema no século*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

XAVIER, Ismail. *O cinema no século*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

XAVIER, Ismail. *Cinema e teatro*. In: XAVIER, Ismail. *O cinema no século*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FILMOGRAFIA

O enigma de Kaspar Hause – Direção de Werner Herzog: Alemanha, 1974.

A invenção de Hugo Cabret– Direção de Martin Scorsese: EUA, 2012.

Depois de Horas – Direção de Martin Scorsese: EUA, 1985.

Queime depois de ler– Direção de Joel Coen e Ethan Coen: co-produção anglo-americana, 2008.

eXistenZ – Direção de David Cronenberg: Canadá, 1999.

Desconhecido – Direção de Jaume Collet-Serra: Co-produção anglo-franco-teuto-nipo-americana, 2011.

DVD *Mistérios da mente. Construção da Personalidade*. BBC.

Quimera Genética – documentário do Discovery Channel, 2011.